

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro (SP)

Ivan Fortunato

**PATEO DO COLLEGIO:
UM LUGAR NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro (SP), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Livia de Oliveira.

Rio Claro (SP)
2014

IVAN FORTUNATO

**PATEO DO COLLEGIO:
UM LUGAR NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro (SP), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia.

APROVADO

Comissão Examinadora

Profa. Dra. LIVIA DE OLIVEIRA
IGCE/UNESP/Rio Claro (SP)

Profa. Dra. SILVIA APARECIDA GUARNIERI ORTIGOZA
IGCE/UNESP/Rio Claro (SP)

Prof. Dr. EDUARDO JOSÉ MARANDOLA JUNIOR
FCA/UNICAMP/Limeira (SP)

Profa. Dra. LETÍCIA CAROLINA TEIXEIRA PÁDUA
FIH/UFVJM/Diamantina (MG)

Profa. Dra. DARLENE APARECIDA DE OLIVEIRA FERREIRA
IGCE/UNESP/Rio Claro (SP)

Rio Claro (SP), 05 de junho de 2014.

981.6sp Fortunato, Ivan
F745p Pateo do Collegio: um lugar na cidade de São Paulo / Ivan Fortunato. -
Rio Claro, 2014
152 f. : il., figs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Livia de Oliveira

1. São Paulo (SP) - História. 2. Geografia humanista. 3. Centro
Histórico de São Paulo. 4. Geograficidade. 5. Lugar. 6. Sentido de lugar. I.
Título.

Dedico este trabalho ao esforço coletivo de todos aqueles que permitiram o seu desenlace, momento em que o ideal tangencia o real, e vice-versa...

Para Livia, José e Vanessa, com carinho...

AGRADECIMENTOS

Uma tese não se faz sozinho. Tampouco se faz sem contratempos, sem dificuldades ou sem aqueles momentos de querer abandonar tudo e voltar-se para outras atividades... Não apenas persistência, teimosia e motivação que ajudam a reverter o sentimento de impotência que nos arrebatava ao longo de todo processo de aprender, desconstruir e construir conhecimento, uma vez que as pessoas que nos querem bem, assim como os lugares importantes, são aqueles que nos encorajam e dão força para que nossa jornada seja concluída... Aqui, aproveito para reconhecer quem esteve ao meu lado, do começo ao fim desse árduo processo de doutoramento e amadurecimento...

Primeiro, devo agradecer a oportunidade concedida pela Universidade Estadual Paulista, onde estudei nos anos de 2002 a 2005, durante minha graduação em Pedagogia, na cidade de Araraquara e, novamente, entre 2011 e 2014, em Rio Claro, no programa de pós-graduação em Geografia. Também agradeço ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas e a todos os seus funcionários, sempre prestativos.

Especial agradecimento às lições que tive com os professores durante as disciplinas cursadas nesse Instituto, em especial a Profa. Dra. **Lucia Helena Batista Gratão**, que veio de Londrina nos ensinar sobre a poética dos espaços de Bachelard e a geograficidade de Dardel. Preciso também mencionar meus colegas de curso com quem muito aprendi, em especial a **Rita de Cassia**, que talvez nem imagine o papel fundamental que teve na conclusão desta tese...

Também reconheço a importância que tiveram no exame de qualificação da tese a Profa. Dra. **Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado** e o Prof. Dr. **Eduardo José Marandola Junior**, cujos apontamentos foram mais do que necessários para reorganizar as ideias, serenar o olhar, colocar os pés no chão, e retomar os caminhos pelo lugar, até a conclusão deste trabalho.

Agradeço à bibliotecária **Ana**, da Universidade Paulista (UNIP), pela consulta técnica e revisão da bibliografia conforme as normas em vigor.

Ao amigo **Ricardo Dias** pela revisão dos originais e pelos encontros e reencontros em nossos caminhos pela literatura infantil, pela música, pelo cinema... e, agora, pelo Pateo do Collegio.

Preciso agradecer meus pais, **José e Cecilia**, que me encorajaram, incentivaram e estiveram comigo, aprendendo, palpitando, sofrendo e torcendo por mim desde sempre... Suponho que as angústias que, mais de uma vez, pairaram sobre este trabalho, lhes foram penosas demais. Se não pudesse compartilhar o fardo com eles, jamais teria avançado até o dia de encadernar, entregar e defender minhas ideias. Daí a esperança de que a alegria da conclusão lhes seja muito mais significativa que as intempéries passadas.

Agradeço a influência que tive de dois grandes amigos, o **Claudio Penteado**, que tive a felicidade de conhecer em São Paulo, e a **Marta Catunda**, com quem estabeleci conexões na cidade de Sorocaba. Se nossos encontros foram inicialmente estimulados pelo trabalho de pesquisar, somente se mantiveram e se ampliaram graças a afinidades que pouco tem a ver com o intelecto. Foi dessa forma aprendido que pensar e sentir são dois aspectos nada opostos, mas, antes, complementares.

Menção especial ao meu grande amigo **Fedro Fragoso**, pelo amparo em momentos em que estive frágil, mas principalmente pelas lições de sabedoria, companheirismo e, claro, pelas boas gargalhadas – compartilhadas no passado, presente e futuro.

Particular e valioso reconhecimento a **Vanessa Gibertoni**, companheira que sentiu e viveu comigo os momentos mais difíceis desta tese. E, pelo caminho do amor, encontrou forças e as palavras que eu precisava ouvir para continuar... obrigado, mil vezes obrigado... Obrigado por me ajudar com as imagens e os mapas. Obrigado pela experiência mais intensa que tive no Pateo do Collegio. E, principalmente, obrigado por tudo que vivemos juntos e, reciprocamente, aprendemos e ensinamos.

Por fim, preciso deixar expressa minha gratidão para a Professora Doutora **Lívia de Oliveira**, que acreditou em mim... Fui recebido em sua casa, acolhido em sua vida, e guiado pela sua sabedoria... Foram muitas horas dedicadas à minha orientação, batalhando para colocar meu pensamento de volta no trilho, já que eu teimava, constantemente, em mudar de direção... até, finalmente, encontrarmos o Pateo do Collegio em sua essência.

Ao final, agradeço a todos que, direta e indiretamente, participaram deste momento ímpar de minha vida.

RESUMO

O Pateo do Collegio, no coração do Centro Histórico paulistano, é reconhecidamente o lugar de fundação da cidade de São Paulo. Localizado no alto da colina do Planalto de Piratininga, foi descoberto no século XVI pelos padres da Companhia de Jesus, que fixaram colégio e igreja no lugar, batizando a vila de São Paulo de Piratininga, em missa celebrada no dia 25 de janeiro de 1554. Conhecemos o lugar ao acaso, quando um súbito sentido de encantamento nos motivou a querer conhecê-lo melhor. Partindo da hipótese de que sua geograficidade permite qualificá-lo como lugar ontológico, esta tese teve como propósito desvendar sua essência e demonstrar o sentido de lugar presente em seus aspectos históricos, culturais, construídos, telúricos e simbólicos. Epistemologicamente fundamentados pela Geografia Humanista, desenvolvemos nossa tese pela presença no lugar, observação, conversas, desenho de mapas, fotografias, mas, também pela literatura e registros históricos... com a intenção de reunir significados e valores desse lugar emblemático. Ao final, essa geopoética nos concede a prerrogativa de nomear o Pateo do Collegio como um lugar vivo na cidade de São Paulo, qualificado por uma historicidade e uma geograficidade muito particulares, sendo o lugar onde a cidade nasceu, permaneceu e dali expandiu-se, de vila à metrópole...

Palavras chave: Centro Histórico de São Paulo. Geograficidade. Lugar. Pateo do Collegio. Sentido de lugar.

ABSTRACT

The Pateo do Collegio, at the heart of São Paulo Historic Downtown, is recognized as the founding place of the city of São Paulo. Located at the hill of the Piratininga Plateau, it was discovered in the sixteenth century by the priests of the Society of Jesus, who set school and church in the place, naming the village of São Paulo Piratininga in Mass celebrated at January 25, 1554. We have met the place by chance, when a sudden sense of enchantment led us to want to know it better. From the hypothesis that its geographicity allows us to classify it as an ontological place, this thesis aimed to uncover its essence and demonstrate the sense of this place in its historical, cultural, built, telluric and symbolic aspects. Epistemologically grounded in Humanistic Geography, we have developed our thesis by the presence in the place, observing, talking to people, drawing maps, photographing, but also checking the literature and historical records... the main intention was the gathering of meanings and values about this iconic place. In the end, this geopoetics gave us the prerogative to name the Pateo do Collegio as a living place in São Paulo, qualified by very private historicity and geographicity, as being the place where the city was born, raised and expanded, from village to metropolis...

Keywords: São Paulo Historic Center. Geographicity. Place. Pateo do Collegio. Sense of place.

LISTA DE FIGURAS

01. Localização do Pateo do Collegio, no Centro Histórico de São Paulo	25
02. Os nomes Pátio do Colégio e Pátio do Colégio visíveis no lugar	27
03. O nome pelo qual nos referimos ao lugar: Pateo do Collegio	27
04. A relação entre o lugar, a Igreja e a fundação de São Paulo	29
05. Pateo do Collegio praticamente deserto	32
06. Pateo durante a Virada Cultural de 2012	32
07. Ritmo noturno do Pateo do Collegio	34
08. O Pateo emoldurado pelas construções da Rua Anchieta	40
09. Elementos do Pateo e seu entorno em cinco pausas	48
10. Museu Anchieta	50
11. Área interior do Pateo: café, Praça, cruz para Anchieta e panorama da cidade	53
12. As construções tombadas Casa Número Um e Solar da Marquesa	55
13. Fotos da Igreja Beato José de Anchieta	56
14. Elementos do Largo do Pateo do Collegio	59
15. A missa de 25 de janeiro de 1554 pintada por Oscar Pereira da Silva	89
16. O batismo em 25 de janeiro de 1554 no bico-de-pena por Terciano Torres	89
17. A muralha, no bico-da-pena de Torres	97
18. O Pateo do Collegio pintado por Thomas Ender, em 1817	100
19. O Pateo como palimpsesto	107
20. A partir do Pateo, elementos representativos de cada uma das “três cidades”	110
21. Elementos do Pateo do Collegio representativos do palimpsesto	111
22. A remanescente parede de taipa de pilão no interior do Museu Anchieta	111
23. No Pateo, prédios gêmeos representando a Metrópole do Café	112
24. O Pateo observando o Banespão	113
25. O Pateo do Collegio em taipa, por Militão de Azevedo, em 1862	115
26. O Palácio do Governo no Pateo	116
27. O Palácio do Governo nos cartões-postais de Gaensly	119
28. O “Banespão” visto a partir da Praça Antonio Prado	128
29. Descoberta a secular parede de taipa de pilão, no Pateo do Collegio	133
30. Parte da réplica concluída, em fotografia de 1972	134
31. A réplica do passado inaugurada, em 1979	135

LISTA DE QUADRO

01. Cronologia das transformações do Pateo como lugar, de 1554 a 1979	140
---	-----

SUMÁRIO

Introdução	11
PATEO DO COLLEGIO: UMA TESE SOBRE UM LUGAR	12
 Capítulo I	 17
O LARGO PATEO DO COLLEGIO E O SÚBITO ENCANTO COM O LUGAR ...	18
Como conheci o Pateo	20
Nome e lugar	26
 Capítulo II	 38
O PATEO DO COLLEGIO COMO LUGAR ONTOLÓGICO	39
Cortejando o lugar	40
Descrevendo a realidade do lugar	46
Lugarizando o Pateo	62
 Capítulo III	 72
GEOGRAFICIDADE E HISTORICIDADE DO PATEO DO COLLEGIO	73
Pateo: lugar, história e memória da cidade de São Paulo	75
A geografia do lugar	79
O Pateo no batismo de São Paulo	83
Os colégios dos jesuítas no Pateo	92
 Capítulo IV	 102
O PATEO DO COLLEGIO EM TRÊS ÉPOCA ,,,,	103
O coração de São Paulo é um palimpsesto	106
O Pateo como Palácio do Governo	116
O Pateo como réplica do passado	122
 Desfecho	 137
PATEO E SUA CRONOLOGIA: DO PASSADO AO PRESENTE	138
 Referências	 146

Introdução

PATEO DO COLLEGIO: UMA TESE SOBRE UM LUGAR



PATEO DO COLLEGIO: UMA TESE SOBRE UM LUGAR

São Paulo está entre as raríssimas cidades do mundo que se podem ufanar de conhecer com exatidão o lugar, o modo, o dia e quasi a hora de sua origem: foi naquele “terreiro”, em 25 de janeiro de 1554, pela manhã, à hora da missa... (Fernando Pedreira de Castro, 1954, p. 40)

Nesta tese sobre o Pateo do Collegio, viemos ressaltar o envolvimento direto, afetivo e simbólico que temos com esse lugar emblemático e secular, localizado no Centro Histórico da cidade de São Paulo. Por isso, partimos em busca do sentido de lugar no Pateo do Collegio, esse “terreiro” que determina hora e local do nascimento de São Paulo de Piratininga, pela celebração da missa jesuíta. No entanto, conforme almejamos demonstrar ao longo do trabalho, esse lugar é mais do que um sítio histórico ou sagrado da cidade. Daí, enunciamos nossa tese: a geograficidade presente nos aspectos históricos, culturais, construídos, telúricos e simbólicos qualifica o Pateo do Collegio como um lugar ontológico, desvelado como coração vivo da cidade de São Paulo.

Nessa busca pelo sentido ontológico do Pateo do Collegio, tivemos como propósito reconhecer, revelar e qualificar essa geograficidade, identificando não só suas transformações culturais e morfológicas ao longo de sua história, localizando elementos que configuram sua própria identidade, mas, também, seus aspectos cotidianos, catalisadores de elos afetivos com esse lugar. Esse propósito nos colocou em contato com a histórica e multicultural presença humana no Pateo do Collegio, e os múltiplos sentidos atribuídos nessa secular geograficidade, constituída por uma relação estabelecida entre os valores culturais e a própria ontologia do lugar.

Epistemologicamente, ancoramos nossa tese nos estudos da Geografia Humanista, cuja fundação remonta às ideias de Dardel sobre geograficidade, enunciadas no início dos anos 1950, revelando a existência de uma relação afetiva, visceral e emocional, que liga o ser humano aos lugares do planeta Terra. Perspectiva fundamentada em uma compreensão fenomenológica de mundo, entendendo os lugares não como recipientes vazios, mas como desdobramentos da própria vida humana, reflexos de seus valores, de sua simbologia, significados, economia, política, poder etc.

Ao examinar a geograficidade, Relph (1979, p. 18) afirmou ter encontrado uma palavra que “encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes no qual vivemos, antes de analisarmos e atribuirmos conceitos a essas experiências”. Uma palavra que está no princípio do pensamento geográfico desenvolvido a partir da experiência direta, se isentando de predeterminações e objetivções que restringem os sentidos daquilo que é vivido na relação com o lugar. Para Relph (1979, p. 1), “tais fenômenos da experiência são a substância de nossos envolvimento no mundo e constituem as bases do corpo formal de conhecimento que designamos geografia”. Uma geografia que se mostra disposta a conhecer o cotidiano, e a cumplicidade orgânica entre o ser humano e o mundo onde desenvolve a experiência.

Para estudar o Pateo do Collegio, partimos, então, desse pensamento geográfico que compreende a mútua relação entre o ser humano e os lugares que organiza e transforma, ora tornando-se reflexo de nossa própria condição cultural. Nesse contexto, identificar e ressaltar o sentido de lugar equivale a encontrar sentido na própria experiência e, portanto, torna-se uma preocupação legítima com o próprio sentido da vida... Assim, as investigações desenvolvidas sob essa ótica examinam a experiência do cotidiano, procurando compreender conexões afetivas e/ou aversivas com o lugar, a partir do relacionamento entre o ambiente e o mundo interno das pessoas, que é o mundo da memória, da fantasia, da emoção... E conforme o Pateo do Collegio foi descortinando-se aos nossos olhos, tornava-se evidente que o sentido de lugar é ao mesmo tempo pessoal e coletivo.

Quando passamos em vista os avanços e desdobramentos da Geografia Humanista desde Dardel, verificamos que foi se desenvolvendo uma ideia muito contundente sobre a relação Homem-Terra, que é essa busca pela ontologia dos lugares, procurando revelar, por meio da fenomenologia, a essência de ser-no-mundo, não apenas do humano, mas dos próprios lugares com os quais, reciprocamente, desenvolvemos nossas experiências. Essas palavras ressoam com a ideia de Marandola Junior (2012b, p. XV) de que os estudos humanistas tem se tornado profundos exames do sentido de lugar como “essência da experiência geográfica”, da existência humana como ser-no-mundo... Na busca pela ontologia de um lugar como o Pateo do Collegio, identificamos, portanto, a necessidade de se voltar à sua própria essência, por meio de uma incursão pela sua existência concreta e simbólica, histórica e cotidiana.

Metodologicamente, esse pensamento geográfico fundamentado sobre a perspectiva ontológica deve considerar que o lugar ontológico é um fenômeno muito mais vivido e sentido do que observado e descrito. Por isso, torna-se imprescindível considerar as múltiplas percepções e experiências desenvolvidas no lugar e, ao mesmo tempo, estar atento às imprecisões, contradições e incertezas que pairam sobre a complexa relação entre o ser humano e o mundo. Tuan (1989) evidenciou a metodologia de um geógrafo humanista ao afirmar que:

The technique of a cultural-humanistic (descriptions) geographer is basically that of a storyteller, someone who knows well the people whose story he or she tells but who, in the very act of telling it, becomes an outsider for the duration. As the narrator recalls the details, arranges them into an intelligible and significant pattern, he or she stands above or outside the material. A storyteller is necessarily a theorist (Greek for spectator). His or her description is inexpungibly mixed with exegesis and interpretation, for ordinary language not only contains interpretative conjunctions that invite use (since, for, because, therefore, etc.), but is also very rich in words that reverberate – that hint at relationships – beyond their literal meanings (Tuan, 1989, p. 240).

Nesse trecho citado, encontramos uma abordagem metodológica muito bem definida: o geógrafo como narrador. Ao *contar* o lugar pela perspectiva humanista, precisávamos ir além das descrições paisagísticas e morfológicas sobre o Pateo do Collegio, mas, nosso foco era guiado pela sua própria essência, revelada em sua geograficidade. Por isso, enquanto narrador desse lugar tão emblemático da cidade de São Paulo, nossa descrição foi desenvolvida por intermédio de um complexo jogo estabelecido entre três elementos fundamentais, a saber: (1.) nossa própria experiência com o lugar e os significados e valores atribuídos nessa relação geográfica; (2.) o sentido coletivo de lugar, evidenciado na literatura e na sua historiografia, mas também construído nas mais diversas experiências apreendidas em inúmeras conversas e várias visitas para observação do seu cotidiano multifacetado; (3) e a própria ontologia do Pateo do Collegio, cuja essência foi constituindo-se ao longo de sua biografia, enquanto lugar de fundação, batismo e desenvolvimento da cidade de São Paulo.

Assim, para demonstrar nossa tese a respeito da ontologia do Pateo do Collegio, nossa descrição-narração envolvendo esse complexo pessoal-coletivo-ontológico foi desenvolvida em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, “O Pateo do Collegio e o súbito encanto com o lugar”, apresentamos o lugar a partir de uma perspectiva de encantamento, de aproximação afetiva, procurando esclarecer que a escolha do Pateo enquanto lugar de pesquisa não foi feita por conta de suas qualidades históricas ou de local sagrado, mas, por causa de um repentino fascínio sentido quando, durante um momento de flunar e deixar-se perder pelo centro histórico da cidade, espontaneamente descobrimos o lugar. O encanto sentido subitamente suscitou a vontade de conhecê-lo empiricamente, mas também geográfica e historicamente. Ao percorrê-lo diversas vezes, descobrimos nomes distintos, usos variados e um ritmo diurno-noturno muito bem delineado. Neste capítulo primeiro trouxemos indícios a respeito da essência histórica e simbólica do lugar, ao mesmo tempo em que se buscou revelar os aspectos que o tornam um lugar de acolhimento, mas, também emblemático.

No segundo capítulo, “O Pateo do Collegio como lugar ontológico”, revelamos como o súbito encanto sentido a partir do primeiro encontro mobilizou um instigante cortejo com o lugar que, sedutor, permitiu-nos compreender o sentimento de topofilia. Esse cortejo logo se seguiu a um namoro com o lugar, levando-nos a conhecer sua realidade. Daí, mapeamos o lugar destacando os principais elementos construídos no Pateo do Collegio e seu entorno, cuja descrição foi incentivada pelo olhar da geopoética. Nosso namoro e a descrição geopoética do lugar foram aspectos fundamentais para a *lugarização* do lugar, conceito elaborado a partir de suas características essenciais de ser-no-mundo. Para lugarizar o Pateo do Collegio, foi necessário desvendá-lo enquanto lugar para outras pessoas que experienciavam com o local. Não obstante, entre namorá-lo e lugarizá-lo, evidenciou-se a necessidade de conhecer o lugar em sua essência, ou seja, o Pateo do Collegio como ele mesmo.

No terceiro capítulo, “Geograficidade e historicidade do Pateo do Collegio”, passamos a estudar a vida do lugar, caracterizando-o como lugar de fé e memória para a cidade de São Paulo, enquanto sítio reconhecido como local de fundação da vila de Piratininga no ano de 1554, pelos padres jesuítas. Caracterizamos sua geografia de forma a certificar que o lugar não foi uma escolha feita ao acaso, mas, antes, eleito pelos seus aspectos geográficos: proximidade das águas do Tamanduateí e planalto elevado, de fácil defesa. Foi, portanto, por causa de sua geograficidade que o lugar foi ocupado e vivido como núcleo jesuíta durante dois séculos, batizando a terra no dia 25 de janeiro de 1554, construindo a *paupercula*

domus que deu lugar a um conjunto colégio-igreja em taipa. O lugar viu os jesuítas sendo expulsos pelos bandeirantes, mas, retomando-o uma década mais tarde, tendo que praticamente construir novo conjunto em taipa, que havia sido deteriorado. Por fim, os jesuítas seriam definitivamente expulsos desse lugar sagrado pela fé quando sua Companhia foi oficialmente extinta, e sua construção, no centro de uma pacata vila, tomada pelo capitão-geral da capitania na última metade do século XVII, tornando-se um lugar político-administrativo.

No quarto capítulo, “O Pateo do Collegio em três épocas”, descrevemos o lugar como um palimpsesto, já que suas construções principais foram remodeladas, destruídas e reconstruídas diversas vezes. Essas mudanças na sua superfície foram motivadas pelas alterações culturais e econômicas da cidade de São Paulo que, no final do século XIX, deixou de ser uma vila em taipa para se tornar uma cidade enriquecida pelo capital do café e da industrialização, cujas construções passaram a ser feitas em tijolos, com estilos arquitetônicos semelhantes às capitais europeias que influenciavam a elite paulistana, denominada de Metrópole do Café. Para essa Metrópole, o Pateo em taipa foi transformado no Palácio do Governo. A partir da década de 1920, São Paulo assumia sua vocação multicultural, graças à forte imigração internacional, e tornava-se efetivamente uma economia industrial e financeira, uma vez que a cafeicultura entrava em declínio. O Pateo do Collegio enquanto Palácio do Governo não correspondia às necessidades dessa cidade mundial e, como um palimpsesto, foi novamente transformado. Contudo, o lugar recebeu uma réplica de seu passado colonial, em respeito à sua história, memória e significados.

Ao final, depois dessa jornada geopoética sobre o sentido e a essência do Pateo do Collegio, esperamos não apenas colaborar com a salvaguarda de seus aspectos materiais para memória da cidade e de seus habitantes, mas, também, ampliar seus sentidos e significados para valorização desse lugar ontológico, que é, ao mesmo tempo, simbólico, acolhedor, encantador e presente nas mais diversas experiências cotidianas. Como utopia, a intenção é que esta tese demonstre a importância dos lugares para a vida, ao mesmo tempo em que motive o reconhecimento da importância do sentido de lugar como mobilizador da existência e das experiências humanas, como o Pateo do Collegio é para nós.

Capítulo I

O LARGO PATEO DO COLLEGIO E O SÚBITO ENCANTO COM O LUGAR

Como conheci o Pateo

Nome e lugar



O LARGO PATEO DO COLLEGIO E O SÚBITO ENCANTO COM O LUGAR

... a singularidade expressiva do lugar reclama da parte do ser humano uma capacidade compreensiva. Compreender um lugar [...] consiste em traduzir a emoção bruta que esse encontro faz nascer e crescer em nós, em outra linguagem, possuidora de um poder de elucidação. Compreender é interpretar um sentido imediatamente percebido porque pertence ao próprio lugar. É articular uma apreensão, que é o signo de uma concordância súbita do ritmo de nosso ser e da forma do mundo (Jean-Marc Besse, 2011, p. 130).

Vimos, com Besse, que ser no mundo não é apenas estar no mundo, mas compreender o sentido dessa existência em si, a qual é parte intrínseca da nossa conexão com o próprio mundo. Essa conexão, por sua vez, se dá por meio de nossas realizações no lugar em que vivemos. Dessa forma, compreender o lugar é perceber, interpretar e reconhecer o sentido atribuído à própria vida... daí o sentido do lugar como algo muito diferente de mera refração de nossa existência, mas como “signo de uma concordância súbita” de que somos no mundo e, portanto, *ser* tem a ver com *estar* em reciprocidade com o lugar onde vivemos.

Por isso, o primeiro capítulo desta tese sobre *lugar* começa com uma narração-descrição praticamente etnográfica, na qual é revelado o momento do primeiro encontro entre pesquisador e o Pateo do Collegio – o lugar –, e os motivos que levaram a nomear essa conexão de *súbito encanto*... Entre narrar e descrever, o lugar e sua localização cartográfica são apresentados por meio de caminhadas descritivas, desenvolvidas espontaneamente no lugar e artérias adjacentes, no centro histórico da cidade de São Paulo, com o objetivo principal de reconhecimento da área. Um croqui ilustrado e fotografias complementam a narrativa.

Mais do que flunar pelo centro da cidade e situar geograficamente o lugar, apresenta-se um panorama de sua historicidade e geograficidade, com o intuito de fornecer pistas sobre as discussões e as análises tecidas ao longo dos capítulos seguintes. Nessas primeiras palavras sobre sua história, fazemos um retorno à fundação jesuíta da vila de São Paulo de Piratininga, no ano de 1554, demonstrando o quanto é forte essa relação entre o Pateo do Collegio (o lugar) e a fé religiosa.

Também esclarecemos a importância histórica do lugar para a cidade e o seu reconhecimento, por meio do ato de tombamento.

No entanto, queremos ir além: porque junto com esse súbito encanto, despertado pelo encontro espontâneo com o *coração vivo* da cidade, veio uma *agradável* curiosidade de conhecer o Pateo do Collegio... Assim, muito mais do que caminhar por toda sua extensão, contemplar suas particularidades e desvendar sua história, nossa tese surge com o intento de revelar o Pateo como lugar para a cidade de São Paulo... um lugar valorizado pelos seus aspectos simbólico e telúrico, mas também lugar de vida e acolhimento, percebido e reconhecido pelas experiências diretas vividas em seu cotidiano – como a relação entre o lugar e o lar que delineamos, nesse capítulo, com a ajuda da poética do espaço de Bachelard (1993).

A narrativa desse encanto, insurgido como súbito encanto pelo acolhimento do lugar, no centro histórico da cidade de São Paulo, tem como propósito estabelecer nossa ligação afetiva com o Pateo do Collegio, assim como demonstrar a relação entre o Pateo do Collegio e a própria cidade. Mais, surge com o objetivo de recuperar o sentido trazido pela geograficidade de Dardel (2011) – que revela a comunhão entre pessoa e lugar –, e a consequente compreensão desse sentido pela ótica da Geografia Humanista, que parte em busca da ontologia do lugar (e dos lugares) e sua importância na existência humana. Nessa procura, a relação humana com os lugares deixa de ser analisada somente pelas características objetivas do ambiente, ou pelos predicados quanti e qualitativos de seus habitantes, mas também passa a ser iluminada pelos sentidos de afeto, que nos aproximam, ou pelas sensações de medo e pavor, que nos afastam dos lugares.

Assim, não são apenas seus atributos históricos e simbólicos que direcionam o olhar para o Pateo do Collegio, porque os sentidos de aproximação afetiva despertados pelo nosso encontro, combinados com lembranças vivas e própria história de vida, nos levam à compreensão e percepção de que, na imensidão construída da cidade São Paulo, existe um lugar de acolhimento, contemplado, pela visão poética dos espaços de Bachelard (1993), como um lugar onde se encontra paz, que é o lugar onde nos aninhamos.

Como conheci o Pateo

Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.
(Mário de Andrade, 1976, p. 77-78).

Muito embora tenha nascido na cidade de São Paulo, no início dos anos 1980, somente me tornaria paulistano pouco mais de duas décadas mais tarde, quando, na condição de cidadão e habitante da metrópole, reconheceria a cumplicidade afetiva por minha terra natal. Isso talvez porque não tenha tido nenhum contato com a cidade que consta em minha certidão de nascimento, tendo sido criado no interior do estado, curiosamente em outra cidade dedicada a um apóstolo: São Pedro. Poderia creditar tal fato a uma simples coincidência, afinal, nunca me dediquei à religião e, crenças à parte, costumo dizer que sou ateu. Contudo, ao olhar atentamente para o elo estabelecido com São Paulo, sinto que tal sincronia não é apenas uma obra do acaso... Afinal, conforme espero esclarecer nessas páginas, foi um encontro repentino com uma singela capela, bem no centro de São Paulo, que acendeu a conexão com esta cidade, que é berço de muitas vivências pessoais: foi aqui que construí meu lar, tive oportunidades de emprego e iniciei meus estudos de pós-graduação.

Apesar de paulistano de nascimento, considero-me um imigrante que foi conhecendo, conversando e aprendendo com a cidade que, a cada dia, melhor me acolhe. Troquei o interior do estado pela capital no começo de 2006, e permaneci no bairro Carrão, zona leste, até me mudar para a Mooca, também na zona leste, em novembro deste mesmo ano. Estamos em 2014 e, nesses anos como paulistano, sempre me senti encantado pelo seu centro velho – também conhecido como

Centrão –, apesar desse local ser pouco atraente para muitos, que o consideram um espaço de medo, vulgar, deteriorado, sujo, malcheiroso, ponto de tráfico e utilização de drogas, prostituição, assaltos etc. Embora impregnado de história e cultura, essas desqualificações e o receio de visitar essa área ressoam, para mim, como um local paradoxal entre encanto e desencanto.

Compartilhar minhas experiências no e com o Centrão é mais do que apenas interessante, porque foram os momentos vividos no lugar que criaram e fortaleceram os laços de cumplicidade com esse lugar, que é o coração da metrópole paulistana. Aliás, conforme declama Mário de Andrade, na epígrafe, é o coração **vivo** da cidade, onde o poeta deixou seu próprio coração, em respeito, homenagem, admiração e amor pelo lugar, que pulsa no âmago da Paulicéia Desvairada...

Assim, durante meus primeiros meses como cidadão paulistano, o que mais gostava de fazer era *flanar* pelas ruas do velho centro, buscando familiarizar-me com a cidade que me acolhia: olhava o movimento nas ruas, as lojas de discos, os sebos, a arquitetura... Às vezes, refazia os passos de meus pais, que nasceram, cresceram e se casaram em São Paulo, tendo o Centrão como local de trabalho e lazer. Outras vezes, ia apenas caminhar pelos calçadões para me aproximar dos edifícios históricos, ou para conhecer suas galerias de compras, muito diferentes dos padronizados *shopping centers*, ou apenas para lá estar... Anos mais tarde, flanar por suas ruas ainda é um das minhas atividades preferidas. Flanar, para Baudelaire (1964), é verbo que significa exatamente isso: caminhar pela cidade com nenhum outro propósito senão o de conhecê-la, admirá-la, respeitá-la:

So out he goes and watches the river of life flow past him in all its splendour and majesty. He marvels at the eternal beauty and the amazing harmony of life in the capital cities, a harmony so providentially maintained amid the turmoil of human freedom. He gazes upon the landscapes of the great city – landscape of stone, caressed by the mist or buffeted by the sun (Baudelaire, 1964, p. 11).

No entanto, não é fácil caminhar pelo Centro Velho. Escrevo isso não apenas pelo medo de assaltos e outros incômodos que pairam sobre a imagem que algumas pessoas têm do Centrão, inclusive muitas pessoas do meu convívio cotidiano, que pouco compartilham minha atração e afeto pelo lugar. A dificuldade de se flanar por suas ruas está na própria velocidade da vida na grande metrópole, porque, apesar dos inúmeros calçadões construídos para torná-lo um local de pedestres, sente-se

que o lugar não serve para ser vivido porque não há tempo ou espaço para contemplar sua paisagem, afinal, aquele que pára com o intuito de observar, pode se tornar um obstáculo para o fluxo de pessoas apressadas. Ainda, os calçadões limitam o acesso de veículos, portanto, suas vias públicas e faixas de rolamento passam a ser disputadas pelos carros, ônibus e pedestres. Também existem praças, mas não há bancos para se sentar. Existem inúmeras lanchonetes, mas pouquíssimas mesas. Suas ruas são estreitas, e a verticalização que as envolve diminui iluminação e ventilação. Pode-se dizer que o Centro Velho *sufoca*. Aliás, este *sufoco* que é o Centro, é algo sentido em primeira pessoa, reflexo de experiências vividas nos contatos iniciais com o lugar.

Um dos meus primeiros momentos vividos nesse Centrão começou na saída da estação do metrô da Praça da Sé. Não acostumado com a cidade, logo me vi submerso por uma infinidade de fenômenos urbanos: buzinas, trólebus, carros, filas, espetáculos a céu aberto, pregadores preconizando o fim dos tempos, mendigos, ambulantes, vendedores, varredores, policiais, apressados, turistas, fortalezas verticais, fumaça, grafites, cortiços... Tudo isso junto, pela primeira vez, *embriaga*... Nessa vertigem de estímulos, minha caminhada sem rumo foi encontrar fôlego em um largo quase vazio, exceto por um obelisco, uma base policial, um ponto de ônibus, e um sobrado branco adjacente a uma pequena igreja. Uma visão de estranhamento, porque aquela imagética surgiu como um oásis na paisagem de estímulos infindáveis do Centrão. Naquele momento, senti proximidade com o lugar: talvez pela arquitetura que devolve à cidade de São Paulo sua época colonial, mais lenta, mais pacata, mais relacional, e me remete às lembranças nostálgicas da pequena cidade no interior paulista onde cresci; ou talvez porque o largo que, diferentemente das ruas e calçadões do Centro Velho, não foi engolido pela verticalização do progresso, e permite respirar, sentir sua ambiência e admirar o lugar!

Assim, em meio à pressa, ao concreto, à verticalização, à grandeza da Catedral da Sé e do Teatro Municipal, da gastronomia do Mercado Municipal, do comércio popular da Rua Vinte e Cinco de Março etc., existe, no centro paulistano, entre as estações de metrô São Bento e Sé (sentido norte-sul), e entre o Parque Dom Pedro II e o Vale do Anhangabaú (sentido leste-oeste), um local que *respira*: uma pequena construção ilhada em um largo simples, um sobrado branco com portas e janelas azuis, uma torre para o sino e a igreja: é o Pátio do Colégio.

Quando o conheci, no entanto, não sabia onde estava, nem que aquela pequena construção no início do Viaduto Boa Vista era um local histórico, além de palco de longas disputas políticas e de poder.

Não sabia onde estava... no entanto, de imediato, senti-me encantado e atraído pelo lugar, ao mesmo tempo curioso e instigado por sua imagem e ambiente, que contrastam com seu entorno. E entre encanto e estranhamento, queria cada vez mais estar lá e apresentá-lo a amigos e familiares, compartilhando essa minha descoberta no Centrão. Com isso, veio uma vontade de conhecê-lo ainda melhor, de forma a entender esse elo que nos conectara de imediato... Um anseio geográfico, como Dardel (2011) havia idealizado quando pensava sobre a geograficidade da Terra...

... Mas antes do geógrafo e da sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de flanquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível... (Dardel, 2011, p. 1).

O encontro com esse lugar, o Pátio do Colégio, despertara em mim essa impávida vontade de desbravar o desconhecido, de explorar o lugar e os horizontes que ele nos permite alcançar, fazendo com que me debruçasse sobre sua história e seu cotidiano, instigando leituras e caminhadas, conversas e questionamentos. enfim, tornando-me, ainda que ao acaso, um geógrafo. Mas um geógrafo em ato, disposto a circunscrever a complexidade do lugar que me atraía, ao mesmo tempo em que tornava mais palpitante a minha experiência, e minha própria existência, por vezes *sufocada* pelas contingências da vida na grande metrópole.

Esse lugar de encanto, o Pátio do Colégio, está localizado em uma das *arestas* da área conhecida como Triângulo Histórico – o sítio urbano mais antigo da cidade de São Paulo –, delimitada, contemporaneamente, pela Praça da Sé (sul), pelo Mosteiro São Bento (norte) e pelo entroncamento das Rua Direita com a Rua São Bento (leste), onde se localiza a Praça do Patriarca... Durante os anos coloniais, a cidade se assentou sobre essa ribanceira colina entre a várzea do rio Tamanduateí e do ribeiro Anhangabaú, e o plano circulável nesta área daria origem a três ruas, cujo traçado se aproximava de um triângulo enquanto figura geométrica de três vértices e três arestas. Estas ruas ainda existem no velho centro paulistano: São Bento, Direita e XV de Novembro...

... o centro comercial e a área residencial mais nobre de São Paulo localizavam-se no planalto da colina, principalmente no chamado *triângulo*, área delimitada pelas ruas Direita (Rua Direita de Santo Antônio), São Bento (Rua Direita de São Bento) e XV de Novembro (antiga Rua do Rosário) e seu entorno (Arantes Neto, 2000, p. 46)...

... Até o início do século XIX, as ruas do triângulo concentravam o comércio, a rede bancária e os principais serviços de São Paulo (Carmona, 2007, p. 137)...

Apesar do Triângulo original ainda existir no centro histórico, o intenso movimento em direção à modernização da cidade de São Paulo – iniciado entre o final do século XIX e o começo do século XX por conta de diversos fatores econômicos, sociais e políticos, a exemplo da criação dos parques industriais nas proximidades e a consequente instalação de escritórios, bancos e serviços no centro –, trouxe inúmeras alterações morfológicas e paisagísticas nessa área central. Todas essas alterações levariam à construção do viaduto na Rua Boa Vista (uma estrutura de concreto, desenhada em art déco pelo arquiteto Oswald Bratke) que, segundo Mange (1993), era obra idealizada desde o final do século XIX como alternativa para diminuir o congestionamento e facilitar a intensa circulação de automóveis e pessoas pelo centro, mas que somente seria concretizada e inaugurada no ano de 1931... A inauguração desse viaduto promoveria uma dilatação do triângulo original, porque o vértice que ficava na Rua XV de Novembro seria deslocada para a Rua Boa Vista e, portanto, o Pátio do Colégio passaria a fazer parte dessa localização especial no Centrão, que é seu *Triângulo Histórico*...

O croqui da figura 01 mostra onde fica o Pátio do Colégio, e o desenho das ruas adjacentes revelam porque a área recebe o nome de triângulo...

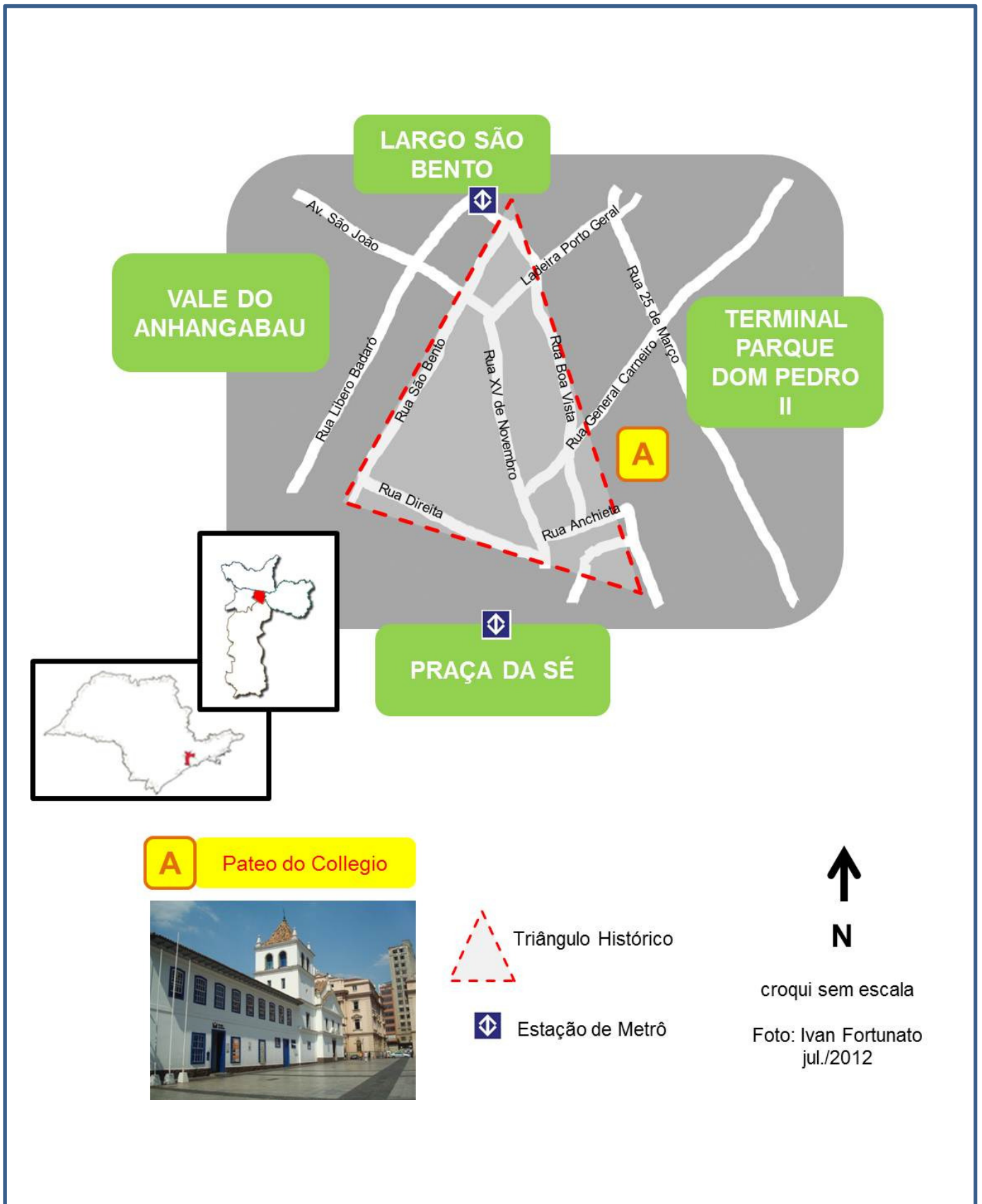


Figura 01: Localização do Pateo do Collegio, no Centro Histórico de São Paulo.

Créditos: Desenho por Ivan Fortunato.

Base cartográfica: google.maps, acesso maio/2013.

Nome e lugar

Pateo do Collegio na tradição e nos documentos. Pátio do Colégio na modernidade que se insere pelo querer do povo. Respeito ao ontem Pateo do Collegio; adesão ao hoje o Pátio do Colégio. Sempre o coração de São Paulo (Hernani Donato, 2008, p. 2).

O Pátio do Colégio é um lugar tão encantador e cheio de mistérios, que até seu nome é enigmático. Afirma-se isso porque, conforme se descobriu durante caminhadas exploratórias e de reconhecimento, que há, pelo menos, três formas distintas de grafá-lo, sendo que todas estão visíveis no próprio lugar: Pátio do Colégio; Pátio do Colégio e Pateo do Collegio. Vejamos.

Grande parte da literatura especializada (Salgado, 1976; Lima, 1999; Lomonaco, 2004; Torres, 2004) e a Secretaria de Turismo, por meio da placa marrom de identificação de atrativo turístico, se referem ao lugar como Pátio do Colégio, seguindo a norma culta e contemporânea da língua portuguesa. Já para a prefeitura do município de São Paulo, o lugar chama Largo Pátio do Colégio, conforme vimos nas placas indicativas dos nomes dos logradouros. Esses nomes do lugar aparecem nas fotografias da figura 02.

Contudo, o próprio lugar *prefere* ser reconhecido por uma forma arcaica de grafar seu nome, conforme estampado na extremidade norte da parede de sua fachada e no Marco Histórico da Fundação de São Paulo (conforme visto na figura 03), nas mensagens no interior do edifício principal, e também no seu sítio virtual da *internet*, onde lemos: “Bem no centro da metrópole, o Pateo do Collegio sobrevive em meio aos arranhacéus, bancos e indústrias que abrigam a capital¹”.

¹ Disponível em <<http://www.pateocollegio.com.br/newsite/conteudo.asp?i=i1>>. Acesso: 13 abr./2013.



Figura 02: Os nomes Pátio do Colégio e Pátio do Colégio visíveis no lugar.
Créditos: Ivan Fortunato, mar./2011.



Figura 03: O nome pelo qual nos referimos ao lugar: Pateo do Collegio.
Créditos: Ivan Fortunato, abr./2013.

Dardel (2011, p. 2) escreveu que os lugares da vida humana “tem nome próprio: Paris, Champagne, Saara, Mediterrâneo...”, apresentando uma visão que compreende os lugares não como algo indiferente ou somente pano de fundo da experiência, uma vez que circunscrevem e envolvem a existência humana. Os lugares são seres ontológicos, conceituação fundamentada no existencialismo de Heidegger, que entende o mundo como a presença cotidiana – “é o mundo onde somos, o ser-no-mundo” (Marandola Junior, 2012a, p. 233) –, expressando que “a constituição do lugar e do eu são indissociáveis, pois têm os mesmos processos constitutivo, operando nos dois polos: eu-lugar” (p. 244).

Nessa direção, é possível afirmar que, assim como as pessoas, os lugares também têm sua história, sua identidade e, claro, um nome próprio, que os distinguem dos demais e os tornam únicos. Assim, pensar em como grafar o nome desse lugar não é mero capricho, mas uma forma de tratá-lo com o devido cuidado e respeito, além de mencionar sua essência, e reconhecer a sua existência no mundo, de ser-no-mundo, e com ele nos conectarmos. Por esse motivo que, das três possibilidades, apenas uma assegura sua existência única, porque enquanto existem pátios e existem colégios, há apenas *um lugar* que podemos chamar de **Pateo do Collegio**. E assim como as pessoas que gostamos são chamadas de forma afetiva por um apelido, o lugar, às vezes, é referido apenas como **Pateo**.

E para continuar satisfazendo minha curiosidade, decidi debruçar-me sobre sua história, descobrindo que nesse local a cidade de São Paulo foi oficialmente fundada pelo batismo da terra celebrado pelos jesuítas, no dia 25 de janeiro de 1554. O princípio dessa ocupação foi a criação de uma escola para os meninos indígenas, onde os padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, dentre outros, catequizariam os curumins, além de ensiná-los a ler, escrever e os princípios de filosofia e da matemática. Daí a afirmação de Lomonaco (2004, p. 114): “São Paulo provavelmente é a única metrópole do mundo nascida de um colégio”.

Além dessa simbologia, em mais de 450 anos de história, o Pateo do Collegio tornou-se núcleo da evolução e transformações da cidade de São Paulo, sendo também transformado, ora destruído, ora reconstruído, de acordo com o contexto econômico e cultural de cada época, recebendo nomes diferentes, como “Largo do Colégio, Largo de Anchieta, Largo do Palácio e até Praça João Pessoa” (Oliveira, 1975, p. 180). Inclusive, o edifício que, imageticamente, possibilitou meu vínculo com o lugar, é o Museu Anchieta. Não é original, mas uma réplica do edifício dos jesuítas do século XVII, construída nos anos 1970 e inaugurada em 1979.

A visita ao Museu Anchieta nos coloca em contato com sua história por meio do acervo de artefatos e imagens da evolução histórica da própria cidade de São Paulo, o qual inclui a salvaguarda de uma parede de taipa de pilão do século XVI, possivelmente a construção mais antiga da cidade. O Museu também revela que o Pateo do Collegio passou por inúmeras transformações morfológicas de uso ao longo dos séculos de ocupação – escola, igreja, hospital, casa de capitães gerais, secretaria da educação, museu.

Assim, vimos que a literatura específica sobre a área tende a relacionar a origem de São Paulo ao batismo da terra realizado pelos padres da Companhia de Jesus e atribuir o crescimento e desenvolvimento da cidade aos atos missionários dos jesuítas. Nessa perspectiva, o Pateo do Collegio é solo abençoado pela fé religiosa, tal como transcrito nas citações a seguir:

Falar do Pátio do Colégio é evocar a sacralidade do chão onde repousam nossos maiores; recordar a vocação das sementes que se transformariam em caminhos de civilização, deixar de falar as sombras sobre o sol dos dias que passaram. Nessa clareira que é terço e sepultura, trincheira e templo, surge uma cidade. Velar por seu destino é dever de todos que trazem no sangue os gens do amor a São Paulo (Bonfim, 1975, p. 7).

São Paulo de Piratininga desenvolveu-se em torno do Pateo do Colégio, centro missionário do aldeamento jesuíta. A colonização portuguesa afirmou-se como difusora da fé e a Igreja Católica foi modeladora da vila colonial, adaptando ao espaço as ruas e casas desalinhadas, em volta do terreiro, da cruz, e da igreja, presença principal da paisagem (Gordinho, 2010, p. 45).

Inclusive, ao lado da porta que dá acesso à nave central da Igreja do Pateo, essa ideologia está expressa em letras azuis sobre azulejos brancos: “Aqui, sob a cruz de Cristo, nasceu esta cidade dedicada ao apóstolo Paulo, pelos jesuítas, padre Manuel de Nobrega e o irmão João de Anchieta, entre outros, 25 de Janeiro, A.D. 1554”, reproduzida na figura 04.



Figura 04: A relação entre o lugar, a Igreja e a fundação de São Paulo.
Créditos: Ivan Fortunato, mar./2013.

Ainda, o largo do Pateo é um observatório da diversidade arquitetônica que foi envolvendo o centro histórico de acordo com a própria transformação cultural da cidade ao longo dos tempos. Como local de fundação da cidade de São Paulo, o Pateo do Collegio é área de valores histórico, arquitetônico, ambiental e paisagístico, reconhecidos pela decisão de tombamento por meio da resolução 17/2007 do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo, o CONPRESP.

Contudo, mesmo sem negar o intrínseco envolvimento da igreja e a importância de seu colégio na fundação de São Paulo, e o reconhecimento aos seus valores histórico e simbólico pelos atos administrativos de tombamento realizados pelo poder público para a cidade, parece que relacionar a importância do Pateo do Collegio somente a esses elos seria uma redução de suas potencialidades de valor, significado e afeto.

Dessa maneira, afirmamos que o Pateo do Collegio – núcleo da evolução e transformações da maior cidade do Brasil (desde vila até metrópole), espaço de fé, guardião de suas memórias mais antigas, símbolo do desdobramento das históricas relações culturais, local de turismo, de encontros e/ou de ofício –, comporta potenciais qualidades de valor, significado, simbolismo e pertencimento que podem ser descobertas e reveladas, caracterizando-se como um *lugar emblemático e de acolhimento* na cidade de São Paulo. Motiva essa assertiva a aproximação afetiva com Pateo do Collegio, reconhecendo a cumplicidade com o lugar, um relacionamento descrito pela linguagem poética, de encanto e exaltação.

Não obstante, uma investigação sobre os lugares da vida humana não pode se reduzir a esses sentimentos de bem-estar e felicidade e requer a compreensão de que o local que admiramos e gostamos também pode despertar medo, ódio ou aversão em algumas pessoas, assim como pode ser indiferente e irrelevante para outras. Procurar pelos sentidos de lugar no Pateo, portanto, é mais profundo do que gostar ou não gostar, admirar ou detestar. É uma busca que reconhece o vínculo com os lugares – ou a ausência desse vínculo – como algo inerente à condição humana na Terra e, portanto, o sentido de lugar tem a ver com o sentido da própria experiência terrestre.

Em nosso entendimento, portanto, o Pateo do Collegio é mais do que solo sagrado e histórico, porque é lugar público, sendo habitado, visitado, utilizado, vivido, amado, evitado, transformado etc. há mais de quatro séculos e meio por uma

diversidade de culturas envolvidas entre si e o ambiente, tecendo uma dinâmica complexa que não pode ser ignorada. Afirmando isso porque minha experiência vivida em seu cotidiano revela grande heterogeneidade e densa complexidade que envolvem o Pateo do Collegio. Em menção direta à poética do espaço de Bachelard (1993), várias *rimas* possíveis foram observadas, vividas e até mesmo compartilhadas nesse lugar, que me é tão caro...

Por exemplo: lembro-me de uma visita ao Museu Anchieta em um sábado à tarde, quando pude conhecer a cafeteria na área interior e, embora não tivesse nenhuma companhia para dividir a mesa para quatro pessoas, estava animado para saborear uma receita inspirada nas Cartas de Anchieta² (1933), que é “Pão do Pateo”, pesando quase meio quilo, feito de mandioca e azeite (delicioso, diga-se de passagem)... assim, a solidão que me acompanhou até o lugar não resistiu ao ambiente preenchido pela harmonia do canto dos pássaros, do ritmo caudaloso da fonte e, principalmente, pelo som das conversas das famílias, amigos e turistas...

Mas não somente a minha experiência *fala* do encanto do Pateo, uma vez que o lugar acolhe a diversidade sociocultural, tornando-se local de encontro de amigos, ponto de referência no centro histórico paulistano, área de entretenimento e lazer, estação de trabalho, atração aos turistas, fonte de referência para estudos em história, geografia e arquitetura. No seu cotidiano, há momentos em que se encontra praticamente vazio (figura 05) e, em momentos específicos, transforma-se em palco ou cenário para celebrar a cidade e seu próprio espaço (figura 06), a exemplo das datas comemorativas como o aniversário da cidade de São Paulo, e de eventos populares, como a Virada Cultural, promovida e organizada pela Secretaria da Cultura, enchendo de vida humana seu largo, agindo conforme Tuan (1983, p. 192) já havia alertado: “a visibilidade de uma cidade moderna carece de ocasiões públicas em que as pessoas saem às ruas e transformam-nas em palcos”.

O Pateo também é lugar de encontro e pista de treino de jovens que se divertem com seus *skates* e patins. É cenário para fotografias de turistas que capturam, pelas lentes de suas câmeras, o momento ali vivido. É igreja onde se celebram missas, casamentos, batizados etc. É material didático que ensina história e arquitetura. Para muitos, é local de trabalho. Para outros, é um trecho entre o

² Trata-se do material escrito por Anchieta para seus superiores da Companhia de Jesus, entre 1554 e 1594, relatando a vida no colégio. Esse material foi organizado pela editora Civilização Brasileira e publicado em um único volume no ano de 1993.

metrô e o ponto de ônibus. É também lugar de acolhimento, de encanto, de ser, estar, flunar e de conversar com e sobre sua história, suas memórias, seus edifícios e ruas, enfim, de se conectar com sua ambiência multifacetada e misteriosa...

Uma aproximação inicial à percepção que esses usuários e habitantes têm do Pateo pode ser obtida por meio de conversas informais sobre o encanto desse lugar, relatos que contêm rudimentos do que é valorizado, ignorado ou rejeitado: é espaço de medo para alguns, sem importância para outros, e até desconhecido para algumas pessoas que transitam por lá; mas é também fascinante por causa de sua história, pela variedade e contraste arquitetônicos, como ambiente de aprendizagem histórica e cultural, e/ou pela ambiência que acolhe como lar.



Figura 05: Pateo do Collegio praticamente deserto.
Créditos: Ivan Fortunato, maio/2012.



Figura 06: Pateo durante a Virada Cultural de 2012.
Créditos: Ivan Fortunato, maio/2012.

Bachelard (1993, p. 25) escreveu: “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa”. E essa “noção de casa” está estampada na paisagem do Pateo, pelo menos na perspectiva de uma das coletividades que vive seu cotidiano: os moradores de rua. Contudo, é necessário estar atento e, principalmente, interessado em encontrá-la. A maneira mais evidente está em observar a transição de seu ciclo diurno para o noturno, que implica muito mais do que o simples anoitecer, mas carrega os significados intrínsecos ao sentido de “fim de mais um dia”, muito bem retratados por Baudelaire...

... But now it is evening. It is that strange, equivocal hour when the curtains of heaven are drawn and cities light up. The gas-light makes a stain upon the crimson of the sunset. Honest men and rogues, sane men and mad, are all saying to themselves, ‘The end of another day!’ The thoughts of all, whether good men or knaves, turn to pleasure, and each one hastens to the place of his choice to drink the cup of oblivion (Baudelaire, 1964, p. 3)

Ao cair da noite, momento em que o ritmo agitado de circulação de pessoas no velho centro começa a desacelerar por conta do encerramento do horário comercial, o local praticamente se esvazia: as lojas e lanchonetes baixam suas portas, os ônibus passam cada vez menos pelos pontos de parada, os carros deixam os estacionamentos e as ruas. Apenas quem por lá resiste, e insiste em permanecer, tem a oportunidade de assistir a *outro* centro, que não é esse tomado pela enérgica agitação da grande cidade. Nessa hora, o largo do Pateo não é mais o dos turistas, dos estudantes, dos trabalhadores do Centrão, dos curiosos, dos garotos de *skate*... Quando o sol se põe, o Pateo do Collegio se torna abrigo, mesmo a céu aberto, de inúmeros moradores de rua. Muitos sem documento, e alguns até mesmo sem nome próprio e outros com várias identidades – constatação tecida a partir de inúmeras conversas que, espontaneamente, tive com essas pessoas, especialmente motivadas sobre o gosto pelo lugar. Alguns disseram que são paulistanos, outros imigrantes, e alguns até desconhecem sua origem... Transitam sem rumo nem prumo pelo Centrão, mas, ali no largo do Pateo e/ou nas suas proximidades adormecem nas noites sem chuva e procuram acolhimento nas marquises adjacentes quando chove, como se vê, parcialmente, nas fotografias da figura 07.



Figura 07: Ritmo noturno do Pateo do Collegio.
Créditos: Ivan Fortunato, set./2011.

No Pateo do Collegio, observamos um ritmo que se inicia no entardecer e desaparece no sol nascente, quando o local retoma suas atividades cotidianas, e o usuário diurno quiçá nem se dá conta de que durante a noite e a madrugada o lugar torna-se morada. E mesmo que a *casa* não seja objetivada em aposentos, ela é vivida pela imaginação que cria o conforto. Nada obstante, é mais interessante ainda notar o quanto essa busca por abrigo e acolhimento dessas pessoas ressoa com a visão de Bachelard (1993) sobre a necessidade humana de um lugar que se reconheça como casa. Para esse autor, é a imaginação que constrói o sentimento de casa, erguendo paredes (ainda que imaginadas), trazendo o conforto pela ilusão de proteção, permitindo sentir-se resguardado e, nessa casa imaginada e poeticamente erigida, aconchega-se; “vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (Bachelard, 1993, p. 25). Daí

uma pujante afirmação: “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (Bachelard, 1993, p. 26).

Também é interessante notar como esse processo é ritmado: obedece ao ciclo do dia e da noite, indicando a transitoriedade e a “efemeridade” do lugar, noções mencionadas por Mello (2012, p. 40), que afirma: “a maneira filosófica de agir das pessoas forjam espaços e lugares no decurso de horas para um mesmo local”... E talvez por isso mesmo que, à primeira vista, esta seleção de imagens e de relatos do cotidiano parece apenas casual. Contudo, essas linguagens refletem momentos de visita ao Pateo, recortes da experiência calibrados pela acuidade perceptiva sobre um lugar que atrai pela sensação de bem-estar, e também pelo estímulo de lembranças afetivas. Ainda, o que foi observado e capturado nas conversas que tencionavam compartilhar o encantamento com o lugar são apenas reflexos da experiência direta, fragmentos do cotidiano, que surgiram como impulso do gosto declarado pelo Pateo do Collegio.

Dessa forma, sua historiografia e geografia, que situam seu envolvimento com o crescimento e desenvolvimento da cidade de São Paulo, e a leitura panorâmica de seu cotidiano multifacetado são apenas arranjos assistemáticos e embrionários de estudo, mas, embora incipientes, apresentam novas perspectivas de percepção e compreensão da área, oferecendo possibilidades de conhecer e valorizar o Pateo do Collegio para além de sua simbologia como solo sagrado para fé cristã, ou pelos atributos que levaram ao seu tombamento.

Mais ainda, essas constatações sobre a existência de um cotidiano vivo no lugar, embora tecidas de forma aleatória até aqui, já possibilitam diálogo com as críticas de Harvey e Massey mencionadas por Relph (2012) e as considerações feitas por Pierre Nora (1993) sobre a existência de locais para manutenção da memória. Segundo Relph (2012, p. 21), os referidos autores tecem duras críticas aos estudos e escritos sobre o encantamento com os lugares e os sentidos de pertencimento e enraizamento, inferindo que não passam de utopias limitadas e textos romanceados sobre “locais de nostalgia” e, portanto, incapazes de compreenderem que os lugares são manifestações econômicas e políticas de uma sociedade globalizada.

Nora (1993) caminha por essa mesma passarela crítica, e explica que a condição contemporânea, referida como pós-moderna e/ou globalizada, implica viver somente o tempo presente, sem se dar conta que essa almejada mundialização

seria, em verdade, a massificação e a padronização da vida. Assim, a memória não teria mais espaço no cotidiano, sendo apenas o tempo presente, sem nenhum ancoradouro no passado. Para o autor, “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais” (Nora, 1993, p. 7), ou seja, a memória seria uma capacidade humana praticamente extinta, e os locais destinados à sua preservação, como é o caso do Pateo do Collegio, seriam apenas “restos” de uma existência cultural pretérita. Nessa direção, ao invés da continuidade da existência, esses “restos” se limitam a arquivar o passado, e tudo o que se chama memória seria somente história, na qual as experiências pretéritas não são atualizadas no tempo presente, porque ficaram para trás em seu momento ocorrido, desaparecendo junto com aqueles que as vivenciaram.

Entretanto, apesar de sua visão pessimista sobre o fim da memória e, com ele, a extinção das possibilidades criadoras da experiência e das potencialidades afetivas das lembranças, Nora (1993) encontra uma rota de fuga à massificação e a cristalização do passado nos lugares de memória, afirmando que além de “arquivo”, carregam consigo a capacidade de dar vida à própria memória, individual e coletiva...

Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que tenham conteúdo, presença física ou história; ao contrário. Mas o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. Templum: recorte no indeterminado do profano – espaço ou tempo, espaço e tempo – de um círculo no interior do qual tudo conta, tudo simboliza, tudo significa. Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade; e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações (Nora, 1993, p. 27).

Portanto, sem negar que a criação do Museu Anchieta, o ato de tombamento e a preservação da Igreja tornam o Pateo um “lugar de memória”, o que é sentido e observado nesse lugar ampliam seus significados: ali pessoas moram, se encontram, se divertem, trabalham, aprendem etc... Não só isso, porque creio que muitos de seus frequentadores desenvolvem suas experiências com encantamento, assim como eu, isto é, se conectam com este lugar sem se dar conta de suas dimensões histórica e simbólica. E assim como o Pateo do Collegio está presente

em minha própria história, penso que as pessoas que ali vivem também conseguem localizar seu encontro com o Pateo em suas histórias de vida. Nessa direção, a cumplicidade com o lugar e as linguagens utilizadas para expressar nosso elo tornam-se o ponto de partida, do qual emergem inúmeras inquietações: Seria possível explicar a origem e os motivos desse vínculo afetivo com o lugar? Outras pessoas têm as mesmas sensações de acolhimento e bem-estar quando estão no Pateo ou dele se lembram? Porque as impressões e os sentimentos variam tanto na mesma área, isto é, de fascínio e encanto à aversão e medo? Como e porque o Pateo representa a casa (ou o lar) para tantas pessoas? Seus frequentadores conectam sua história de vida com o lugar?... Principalmente, perguntamos: que lugar é esse?

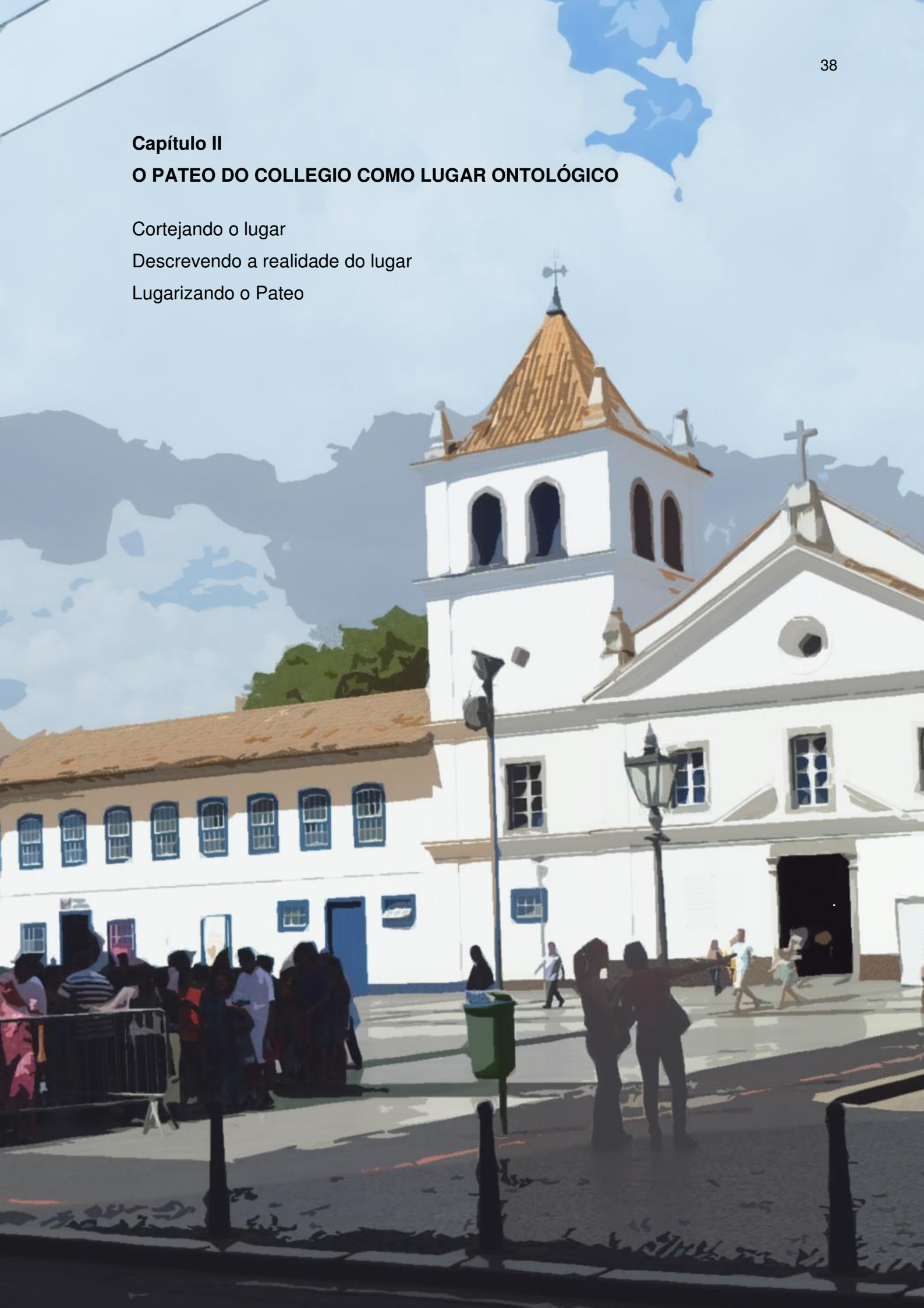
Capítulo II

O PATEO DO COLLEGIO COMO LUGAR ONTOLÓGICO

Cortejando o lugar

Descrevendo a realidade do lugar

Lugarizando o Pateo



O PATEO DO COLLEGIO COMO LUGAR ONTOLÓGICO

A geografia não é, de início, um conhecimento, a realidade geográfica não é, então, um objeto, o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre (Eric Dardel, 2011, p. 33).

Neste capítulo, voltamos a abordar o acolhimento sentido no Pateo do Collegio, procurando entender melhor essa sensação de se encantar pelo lugar que, conforme se relata aqui, tornava-se constante a cada momento de visita ao coração do centro histórico paulistano. Assim, deixamo-nos guiar pelas ideias de Dardel (2011) de que o ser humano está conectado não apenas de forma pragmática ou circunstancial, mas de uma maneira muito visceral, emocional e sensorial com seus lugares na Terra.

No entanto, não foi de imediato que reconhecemos esse elo com o Pateo do Collegio, porque foi preciso um longo cortejo com o lugar, ir até ele, senti-lo, observá-lo... E nessas idas e vindas, experimentou-se sabores que variaram do doce ao amargo, algo que, segundo Relph (1979, p. 141), faz parte da própria relação com nossos lugares, que é sempre multifacetada e, “às vezes, tão desagradáveis como nossos relacionamentos com outras pessoas”...

Um olhar geopoético conduz nossas considerações sobre o elo estabelecido com o Pateo do Collegio, levando à compreensão de que a topofilia é o sentimento que recobre nossa relação com esse lugar... Daí, retornamos ao Pateo diversas vezes com o propósito de reconhecer e descrever sua realidade geográfica, enumerando, qualificando e até permitindo devaneios sobre os elementos do lugar, que configuram sua identidade e, portanto, sua singular existência enquanto ser ontológico...

Percebendo que esse elo afetivo com o Pateo é fruto de um jogo entre nossos valores individuais e sua própria ontologia, buscamos o necessário retorno à essência de ser-no-mundo desse lugar tão emblemático, o coração da cidade de São Paulo, que dá sentido à nossa experiência vivida.

Cortejando o lugar

Place is a center of meaning constructed by experience. Place is known not only through the eyes and mind but also through the more passive and direct modes of experience, which resist objectification. To know a place fully means both to understand it in an abstract way and to know it as one person knows another (Yi-fu Tuan, 1975, p. 152).

Desde o encanto primeiro com o Pateo do Collegio, foram realizadas diversas incursões pelo local. Pode-se dizer que era o início de um cortejo com o lugar, uma espécie de galanteio que se vivencia quando o encontro com outro ser não é apenas agradável, mas torna-se tão intenso a ponto de querer estar junto o tempo todo, ao mesmo tempo em que há certa ansiedade, porque se deseja que esse sentimento seja recíproco... E a cada impulso que me levava ao metrô Sé ou ao terminal Parque Dom Pedro II de ônibus urbano, confesso que esperava o mesmo súbito fascínio, aquele sentido que fizera diminuir a passada e trocar o giro pelo centro por um mergulho em um só lugar... Assim, por algumas vezes, foi refeita a caminhada da Sé até a Rua XV de Novembro, buscando mirar o Pateo pela Rua Anchieta – como visto na fotografia da figura 08 –, repetindo os movimentos que conduziram ao nosso primeiro encontro...



Figura 08: O Pateo emoldurado pelas construções da Rua Anchieta.
Créditos: Ivan Fortunato, mar./2011.

Nessas andanças, outro caminho tomado foi a descida da Praça da Sé até a Rua Boa Vista, ora indo direto até o Pateo, ora fingindo ter acidentalmente me deparado com o lugar para, novamente, surpreender-me com o ambiente... Outras vezes, saía de casa e pegava o ônibus até o terminal Parque Dom Pedro, apenas para subir, em um único fôlego, a ladeira da Rua General Carneiro, ansioso pelo momento de dobrar à esquerda no topo da escalada, até alcançar o Pateo do Collegio... Interessante anotar que raramente descia na estação São Bento de metrô, porque não gostava do trajeto sentido sul pela Rua Boa Vista; em verdade, lembro o quanto foi penoso tomar esse caminho mais de uma vez, porque a estreiteza dessa rua, verticalizada demais, contrastava muito com o acolhimento que sentia no largo do Pateo. Daí a lembrança de uma frase escrita por Tuan (2005, p. 233), na qual ele vê os prédios metaforicamente desabando sobre as pessoas e, tratando com profunda ironia, afirma que as ruas e suas construções, frutos de reflexão e planejamento humanos, podem se tornar “um imenso labirinto desordenado”, ou mesmo um corredor frio e escuro, como a Rua Boa Vista...

Todos esses encontros esporádicos, causais, e até forjados, foram mais do que suficientes para indicar que o encanto com esse lugar estava além de uma obra do acaso, ou um sentido aleatório de bem-estar que coincidiu de me arrebatrar, no momento em que avistava, a partir da Rua XV de Novembro, o Pateo do Collegio praticamente emoldurado pelas construções verticais que escurecem a pequena travessa da Rua Anchieta... E no decorrer dessas idas e vindas ao lugar, foi compreendido que havia algo muito mais profundo nessa relação, algo visceral, que parecia tender a um relacionamento ainda mais íntimo... Um sentimento muito vivo, contudo inquietante ao mesmo tempo, já que soava estranha essa sensação de ser e estar atraído por um lugar, pelo qual desenvolvia afeto e forte sentimento fraterno...

Foi graças a esse cortejo com o Pateo do Collegio que finalmente consegui compreender o conceito nomeado como topofilia, ou os sentimentos de filiação e afeto que o ser humano pode desenvolver por um lugar vivido. De acordo com Tuan (1980, p. 137), “as imagens da topofilia são derivadas da realidade circundante”, ou seja, somente podem ser sentidas em sua essência quando há contato sensorial, emocional e até poético com os lugares – isso também pode acontecer por meio de lembranças ou da imaginação, mas, sempre, recordações ou fantasias de momentos

vividos em um lugar que nos interessa, satisfaz e inspira... Contudo, ao percorrer o Pateo do Collegio, muito mais do que desenvolver esse elo afetivo pelo lugar, senti que havia entrado em um *jogo* de sedução, no qual ver e *ser visto* pelo lugar tornava-se emocionante, e até excitante, porque estimulava o corpo a sentir-se bem, a sentir-se alegre..., ou repousava a mente, quando estava cansada da velocidade com que se vive a rotina na grande cidade...

Foi percebido, então, que estava experimentando o “namoro da Terra”, sobre o qual escreve Dubos (1981), apresentando-o como uma proeza heroica de quem descobre os tesouros ocultos ou perdidos dos nossos lugares aqui na Terra, tendo o amor como ingrediente fundamental para aventurar-se... Ao desbravar o Pateo do Collegio, sentia-me como um destemido explorador, ao mesmo tempo cômico de que o lugar não oferecia perigo algum, exceto, talvez, o risco de permanecer sentado ao pé do obelisco que existe em seu largo, contemplando-o, até perder algum compromisso importante, porque, no lugar, o sentido de tempo cronológico perdia seu sentido... Tudo isso é, de alguma forma, esclarecido por Dubos (1981, p. 96), ao afirmar que “queremos experimentar satisfações sensoriais, emocionais e espirituais que somente podem ser conseguidas mediante uma interação íntima, ou melhor, uma identificação real com os lugares onde vivemos”; lugares que satisfazem nossas necessidades, o que explica nossas atitudes desenvolvidas em relação a esses mesmos lugares.

Claro que esse namoro, como próprio Dubos (1981) revela, não foi sempre *doce*, permitindo o bem-estar e os sorrisos que buscava no lugar, porque houve (e certamente haverá) momentos em que o sabor do Pateo foi amargo. Não obstante, pode se compreender esse dissabor como um aspecto que não é intrínseco ao lugar, mas fruto das atitudes frente à relação estabelecida com o próprio lugar, como a frustração sentida quando as pessoas o tratam com indiferença ou até desprezo e medo, ou mesmo pelo ressentimento provocado por algum encontro que deveria acontecer no lugar, mas que se tornou desencontro... Temos, como exemplo desse desgosto, a lembrança de um março chuvoso (seria 2010 ou 2011), quando um temporal acabou por inibir uma visita compartilhada ao Pateo, e quão forte fora o desapontamento sentido ao ter que cancelar o esperado contentamento de conversar sobre o lugar e o deleite que seria vivenciado por estar no largo, no museu, na igreja e no átrio interior...

Ao perceber que, por meio desses encontros ocasionais ou intencionais, provando momentos de doçura ou amargura instigados pela sedução e encanto com o Pateo do Collegio, havia criado forte enlace com o lugar, chegamos à compreensão de que estávamos, em ato, tateando pela própria *geograficidade* do lugar, conceituação de Dardel (2011, p. 1) que significa justamente o reconhecimento dessa ligação íntima, emocional, instintiva, mas também concreta com os lugares da Terra, seja com o solo natal, ou mesmo com um novo ambiente. E na relação com o Pateo, encontraria, nessa união concreta, os dois enlaces mencionados pelo autor, já que experienciava forte combinação emocional e sensorial com um lugar simbólico de minha terra natal, ao mesmo tempo em que se tratava de um solo revelado, espontaneamente, pela ousada aspiração de conhecer o coração da cidade que me acolhia. E com Dardel (2011, p. 2), compreenderia que se sentir surpreso com a descoberta de um lugar que nos conecta é a “intenção inicial da reflexão geográfica”, sobre a qual se estabelece um interesse geográfico, ou seja, uma inquietude que faz querer conhecer melhor esse lugar, a partir de uma ótica muito peculiar, que é a do mundo circundante.

De tal modo, essa intenção inicial reconduziria às ponderações desenvolvidas sobre as andanças pelo Pateo do Collegio, uma vez que os trajetos percorridos e as condutas desenvolvidas no lugar passariam a ser, portanto, observados e analisados pela perspectiva das reflexões geográficas. Ao decidir pela adoção desse ponto de vista, já não era mais apenas o novo habitante da cidade de São Paulo flanando pelas ruas, praças, museus e igrejas do velho centro, porque havia assumido o compromisso e a responsabilidade de esclarecer o encantamento pelo lugar. Essa busca tornava-se, à vista disso, a compreensão dessa *geograficidade* que nos conecta ao Pateo, a qual havia se apresentado como a própria realidade geográfica dessas experiências.

Mais do que revelar que os seres humanos se unem emocional, espiritual e/ou racionalmente à Terra, as palavras escritas por Dardel (2011) ressoavam com nossas próprias inquietações, principalmente aquelas que nos abrem à possibilidade de encarar o mundo vivido cotidianamente como uma complexa realidade geográfica que não é, em essência, uma realidade objetiva, mas um instigante sentido de mundanidade que envolve os aspectos capturados sensorialmente do lugar,

combinados com as lembranças das experiências vividas, a afetividade, a imaginação, o trabalho, a nostalgia, as condutas desenvolvidas espontaneamente e as socialmente impostas, os sonhos, as fantasias, os trajetos percorridos, as escolhas, os símbolos e os mistérios... Ao avançar com o cortejo ao Pateo, sentia que estava pronto para desvendar essa realidade geográfica, a qual exige, segundo Dardel (2011, p. 34), uma adesão total do corpo, do espírito, dos afetos e dos hábitos, para compreender que ela está entre o mundo exterior e o mundo interior...

Assim, ao retomar os caminhos pelo Pateo sob essa perspectiva da geograficidade, consegui, então, esclarecer aquele impacto narrado como súbito encanto, porque essa ideia de que a realidade geográfica é construída na interação entre a objetividade do lugar e a subjetividade da experiência, lembrança e fantasia, permitiu compreender que o primeiro instante vivido no Pateo, quando foi vislumbrada sua ambiência pacata, contrastante com o entorno agitado do centro da grande metrópole, ativou lembranças afetivas e possibilitou viver, na imaginação, um lugar que, momentaneamente, não pertencia à cidade de São Paulo, mas a um mundo interior, avivado pela memória... Daí que a insistência por permanecer no Pateo do Collegio para conhecê-lo melhor, tornou-se a intenção inicial dessa reflexão geográfica sobre um lugar que, internamente, foi construído em imaginação, mas que é também concreto, geográfico, simbólico, secular..., tornando-se parte intrínseca da experiência cotidiana de milhares de outras pessoas, da história de diversas culturas, apresentando-se, então, como um lugar vivido por imaginações subjetivas e intersubjetivas, mas também resguardando sua simbologia como berço de uma vila que se transformaria em uma cidade mundial.

Ao revistar, pela ótica da geograficidade, os momentos de cortejar o Pateo do Collegio, compreendemos a realidade geográfica que há no mundo vivido, de uma forma muito próxima à que Dardel (2011) já havia anunciado: não se trata de um reconhecimento puro da materialidade, uma vez que a conexão com os lugares requer uma “irrealização” dessa própria realidade material, abrindo-se e permitindo-se que o imaginário, o simbólico e o emocional nos direcionem e redirecionem pelos aspectos telúricos, construídos, sonhados e desejados. Com isso, foi tornando-se cada vez mais claro que as inquietações que emergiram dos encontros com o Pateo do Collegio, bem como aquelas que vieram como consequência dessa conexão afetiva, somente poderiam ser atendidas pela vontade e intenção de percorrer o lugar várias e várias vezes, observando, anotando, ouvindo..., afinal, como bem

expressou Dardel (2011, p. 6), “a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social”.

E ao rever nossas experiências com o Pateo, percebeu-se que o encanto nos levou a um agradável cortejo, que logo se verteu em um belo namoro... E tudo isso deixava evidente que o conhecimento de nossa realidade geográfica é construído na experiência com os lugares, seja correndo o mundo, franqueando os mares e explorando os continentes, conforme anotou Dardel (2011, p. 1), seja a partir da “prática do terreno” que foi pensada por Frémont (1980, p. 94) como forma de examinar a própria região vivida, na qual a palavra do geógrafo ganha vigor quando articulada a partir do que é observado no próprio lugar em que se vive e se quer conhecer. Daí a ideia de Besse (2006, p. 82) de que o conhecimento geográfico “é a expressão das aventuras de um olhar viajante [...] a repercussão ou o prolongamento de uma experiência”...

Esses ensinamentos e caminhos nos colocaram de volta no próprio Pateo do Collegio, onde, pelo exercício do olhar atento, afetivo, curioso, buscamos conhecer a realidade de um lugar vivido, admirado e enamorado..., afinal, conforme argumenta o próprio Besse (2006, p. 82), “o geógrafo habita o mundo ao mesmo tempo em que procura compreender-lhe as estruturas e os movimentos”.

Descrevendo a realidade do lugar

Presença, presença, insistente, quase inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz, a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta. Linguagem direta, transparente, que fala sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso objetivo do erudito, porque ela transcreve fielmente o texto traçado sobre o solo (Eric Dardel, 2011, p. 3).

Os encontros com o Pateo, que se desdobravam em sentimentos afetivos até a percepção de que o enlace tornou-se um namoro com o lugar, ampliavam e transformavam a própria maneira de perceber e ler o mundo, permitindo refletir sobre o sensível que aparecia sob a forma de realidade geográfica. Não obstante, o Pateo, na condição de solo sagrado e simbólico da gigantesca cidade que engendrou, por vezes parecia esquecido ou mesmo desconhecido, sendo lembrado em datas comemorativas, na celebração das missas, ou tão somente como cartão postal. Por isso mesmo, conforme a essência do Pateo se descortinava ao longo de nossas andanças, mais se evidenciava a existência de uma geopoética que conduz a uma percepção mais sensível e emocional sobre a superfície da Terra.

No entanto, nas primeiras caminhadas ainda não conhecia o lugar por completo. Era como Tuan (1983, p. 20) havia anotado: um novo lugar aparece, por princípio, como uma imagem embaçada, na qual sua realidade se confunde, os elementos se misturam, os pontos de referência se embaralham, não se encontra o norte ou o sul... De acordo com esse autor, o conhecimento de um lugar, portanto, requer a localização e o reconhecimento de seus elementos significantes porque “preocupar-se com eles”, seja para tão somente identificá-los ou para enaltecê-los pelas suas qualidades, “é reconhecer a sua realidade e valor”.

Fato é que, ao localizar e reconhecer os elementos do Pateo, ficava evidente que se tratava de um lugar único, cuja aparência é distinta e cheia de particularidades. Embora Relph (2012, p. 23) tenha afirmado que a fisionomia seria o aspecto mais evidente de um lugar, sendo uma “forma óbvia e objetiva para se compreender as diferenças entre lugares”, no caso do Pateo, foram necessárias diversas incursões para conseguir retratar sua feição e compreender quais elementos compunham, objetivamente, sua realidade. Contudo, foi a célebre frase de Ortega y Gasset (1914, p. 43-44) – “*yo soy yo y mi circunstancia*” – que nos

permitiu serenar o olhar e constatar que o Pateo do Collegio não existe sem sua circunstância, ou seja, o Pateo é ele mesmo e seu entorno...

Assim, o sentimento de afeto, as andanças pelo local e o reconhecimento que o lugar não se encerra nele mesmo, mas, se torna único frente sua própria circunstancialidade, foram dimensões fundamentais para que pudéssemos esquadriñar a realidade do Pateo e objetivamente apreender e compreender os elementos que lhe dão unicidade. E para retratar o lugar, desenvolvemos um trajeto que permite circular por todo seu entorno, a partir do Largo do Pateo do Collegio, uma área circundada por edifícios antigos, construídos em neoclássico e atualmente ocupados por órgãos públicos. Na face sul do Largo está a Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado. Na face oeste, separados pela pequena Rua Anchieta, a Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Cidadania, e o Tribunal de Justiça do Estado. Na face norte está o viaduto Boa Vista, e na face leste a construção principal do Largo, que é sede do Museu e da Igreja Anchieta.

O croqui apresentado na figura 09 tem como propósito ilustrar o trajeto que percorre o Pateo e seu entorno. A partir do Largo, foram destacados cinco locais fundamentais para apreensão de sua essência, nomeados aqui como pausas, parafraseando Tuan (2011, p. 12): “lugar é uma pausa no movimento”. Assim, cada pausa contém um ou mais elementos da realidade do Pateo que permitem não só uma descrição objetiva, bem como o envolvimento da emoção e dos sentidos para composição de relatos geopoéticos.

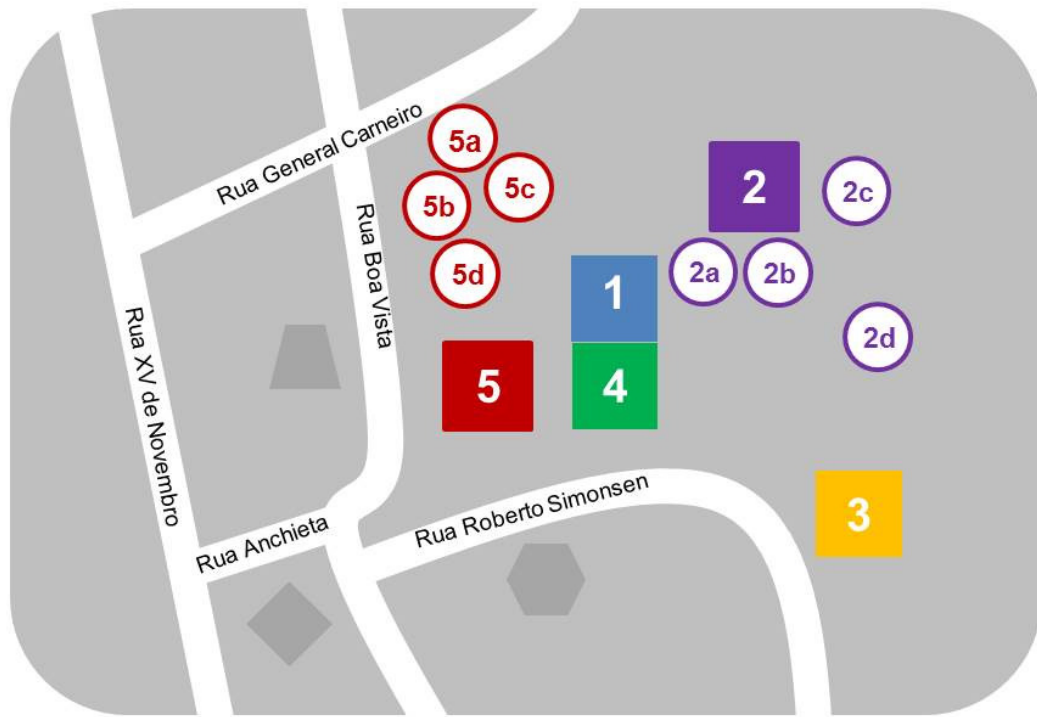
A primeira pausa é o Museu Anchieta, sediado no edifício principal do Largo.

A segunda pausa é o átrio interior do Pateo, onde há quatro elementos importantes, a saber: uma cafeteria aberta ao público em geral; um belo jardim com árvores, bancos, esculturas e uma fonte; uma grande cruz, erguida nos anos 1980 para celebração de missa em honra ao Padre Anchieta; e um mirante que permite observar parte do vale do Tamanduateí e da baixada do Glicério.

A terceira pausa fica ao sul, onde está o Museu da Cidade, sediado em dois sobrados tombados: a Casa Número Um e o Solar da Marquesa (de Santos).

A quarta pausa é Memorial da Companhia de Jesus e a Igreja Anchieta, sediados no edifício principal do Largo.

A quinta pausa é o próprio Largo, onde há quatro elementos importantes: uma Base da Polícia Militar Comunitária, um ponto de ônibus, um Marco da Paz e o obelisco Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo.



1 Museu Anchieta



2 Átrio interno



Cafeteria do Pateo

Jardim



Cruz para beatificação de Anchieta



Vista da baixada do Glicério

3 Sobrados tombados



Casa Número Um e Solar da Marquesa

4 Igreja e Memorial Jesuíta



5 Largo do Pateo



Base da Polícia Comunitária



Ponto de ônibus



Marco da Paz



Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo



croqui sem escala
Fotos: Ivan Fortunato
jan./2012

Figura 09: Elementos do Pateo e seu entorno em cinco pausas.
Créditos: Desenho por Ivan Fortunato e Vanessa Gibertoni.

A primeira pausa do nosso trajeto pelo Pateo e seu entorno é a parte norte da sua construção principal, o edifício de dois andares, de fachada branca, o qual abriga o Museu Anchieta. Como sua arquitetura colonial e os reflexos afetivos despertados pela imaginação e pela memória foram responsáveis pelo primeiro encanto, seus conteúdos materiais e seus cômodos poderiam abrigar novos fascínios, bem como possibilitar novos valores e afetos...

Uma porta, escreveu Bachelard (1993, p. 130), é como uma perfeita aliada aos devaneios da imaginação, dos desejos e até da tentação, porque aberta, ou fechada, ou mesmo entreaberta, ela divide dois mundos, esconde um do outro, evita que se ultrapasse barreiras de intimidade... Uma porta é mais do que uma peça de madeira, ferro ou vidro, é uma imagem de ligação entre os mundos, é proibição, é convite... Que cosmos esconde e/ou revela a porta de entrada principal do Museu Anchieta? Para descobrir é preciso, segundo o autor, conquistar todas as suas reticências...

Aberta ao público de terça-feira a domingo (feriados inclusive), essa porta logra acesso a um corredor que tem a escada para o segundo andar do seu lado esquerdo (cujo acesso se dá somente após o pagamento da simbólica taxa de entrada no museu), que guarda objetos de arte sacra, incluindo a pia batismal dos jesuítas, e vista para primeira sala do museu do seu lado direito. Nessa sala há uma maquete, que data de 1955, de autoria do paulistano Laurindo Galante, da Escola Técnica Getúlio Vargas, que retrata a área central da cidade de São Paulo no século de sua fundação (séc. XVI), além de painéis na parede que descrevem a história da dessa área e do próprio Pateo. Nas palavras de Donato (2008, p. 268-269), o Museu Anchieta “conserva cerca de setecentas peças, distribuídas em sete salas”, conservando peças dos primeiros séculos de vida cultural paulistana, além de acervo cartográfico e pinacoteca; “foi entregue a São Paulo em 1º de julho de 1979”, quando a cidade era administrada pelo prefeito Olavo Egydio Setúbal.

O Museu Anchieta é, essencialmente, guardião da memória jesuíta, que resguarda a força da fé cristã no lugar por meio dos objetos sacros que mantém em seu acervo. Nossas visitas feitas ao Museu e conversas com os guias da instituição revelaram que a originalidade das peças e da construção, além da idade, da época e do tipo de material em exposição, são as principais indagações de seus frequentadores. De fato, o acervo do Museu é interessante por causa de sua historicidade, mas não necessariamente atraentes para aqueles que não se

conectam com a religiosidade. Por isso que, mesmo vinculado ao Pateo do Collegio, as salas do museu, principalmente as que estão localizadas no andar superior, raramente foram visitadas por nós, exceto para acalmar a curiosidade inerente ao inquietante desbravador do lugar... Os aspectos mais notáveis do Museu Anchieta aparecem, parcialmente, retratados nas fotografias da figura 10.



Porta de acesso ao Museu Anchieta e átrio interior



Primeiro andar: maquete



Segundo andar: arte sacra



Pia baptismal jesuíta

Figura 10: Museu Anchieta.

Créditos da foto da Fachada:
Ivan Fortunato, jan./2014.

Créditos das fotos do Museu:
<http://www.pateocollegio.com.br/>,
acesso em jan. 2014.

Ao seguir pelo corredor da entrada principal do museu, que não tem mais do que dois metros de comprimento, chega-se à segunda pausa do trajeto. De imediato, avista-se o balcão de uma lanchonete e, em seguida, um átrio interior, onde, protegido por uma vitrine, reside (e resiste), como testemunho arqueológico, um fragmento de parede original de taipa de pilão, que data de 1556, revelando aos visitantes a idade do lugar. Junto à essa parede, uma área de descanso e recreação com mesas para lanches, refeições ou somente um café, e também um jardim com várias espécies arbóreas e floríferas, uma fonte, além de alguns bustos e esculturas referentes à fundação e aos fundadores de São Paulo. O local leva o nome de Praça Ilhas Canárias, inaugurada no dia 05 de junho de 1999. De acordo com Donato (2008, p. 270), os exemplares da flora distribuídos pelo jardim são de algumas espécies encontradas pelos primeiros jesuítas que chegaram ao local, no século XVI.

Esse recinto, disponível no coração do centro histórico da cidade, torna o Pateo do Collegio ainda mais singular, porque, mesmo que o Centrão tenha sido transformado em local para pedestres, com a construção de vários calçadões nos anos 1970, os lugares para se sentar à sombra, ouvir os pássaros, sentir a brisa das árvores ou, tão somente, conversar e refletir, tornaram-se raros. Esse local ressoa com a ideia de Tuan (1983, p. 114) de que “o espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana”, e esse lugar tranquilo, no interior do Pateo, fica ainda mais agradável por causa do café, que inspira os sentidos... Por isso, algumas pessoas que frequentam essa Praça chegam a afirmar que se sentem *fora* de São Paulo quando estão à mesa conversando e aproveitando uma xícara de café, em referência à pausa e a calma que contrastam com a pressa inerente à própria metrópole que circunscreve o lugar. Mas, ao invés de imaginar que se está fora da cidade, deve-se lembrar de que se está em São Paulo, em um lugar de acolhimento que, para Donato (2008, p. 270), “proporciona à heterogênea população paulistana o estabelecimento de elos para sua identificação com a cidade”.

Na Praça Ilhas Canárias ainda, encontram-se a bilheteria para acesso às salas do Museu e a escada de acesso à Cripta Tibiriçá, aberta aos visitantes do museu por cerca de 20 minutos em horários específicos; segundo Donato (2008, p. 269), essa cripta, onde estão os restos mortais de religiosos, é uma sala de exposições de artefatos indígenas.

Na praça também há infraestruturas destinadas ao público, tais como banheiros e estacionamento de veículos particulares. Ao fundo do estacionamento, na quina nordeste, há uma enorme cruz, diante da qual o Papa João Paulo II celebrou, em 1980, ano da beatificação do Padre José de Anchieta, missa em sua honra. Essa cruz, no ponto mais alto do talude, é outro elemento que ratifica a presença da fé religiosa ao lugar, além de fortalecer ainda mais o prestígio de Anchieta e dos jesuítas nesse solo sagrado.

Mas, ao fundo, quando os olhos superam as grades azuis e o arame farpado que nos mantém afastados da encosta, é possível avistar parte da paisagem urbana paulistana. Está certo que a verticalização e outras grandes construções, tais como as plataformas suspensas de embarque e desembarque de ônibus (da linha conhecida como Fura-Fila), acabam por ocultar o vale do Rio Tamanduateí, que está ali, em primeiro plano. Mesmo assim, o Pateo do Collegio nos oferece belíssima imagem de parte da cidade de São Paulo, especificamente da baixada do Glicério, onde o olhar entusiasmado pode passar horas apreciando esse *vasto* panorama... Bachelard (1993, p. 30) já havia encontrado no adjetivo *vasto* forte ação poética, afirmando ser a expressão sonora de um indivíduo extasiado pela inspiração do momento que, mergulhado em seus próprios sonhos e fantasias, busca refugio nesse “vocábulo da respiração” que, por sua vez, expressa a grandeza desses devaneios sublimes... E o Pateo nos permite divisar o horizonte, em todos os matizes entre o arrebol e o crepúsculo, nos dando chance de respirar nessa cidade que parece sem tempo ou espaço para o descanso, para os sonhos, para os devaneios do espírito... Mais ainda, porque ao se deparar com a cidade se estendendo, a partir do seu solo originário, para além do que os olhos conseguem capturar, é possível deixar-se extasiar e entusiasmar com a força simbólica desse lugar, cujas circunstâncias se tornaram, ao longo do tempo, tão grande metrópole...

As fotografias da figura 11 revelam, ainda que parcialmente, os elementos da segunda pausa, a área interior do Pateo do Collegio, que inspiraram essas reflexões sobre o lugar...



Mesas da cafeteria



Praça Ilhas Canárias



Cruz para beatificação de Anchieta



Mirante

Figura 11: Área interior do Pateo: café, Praça, cruz para Anchieta e panorama da cidade.
Créditos: Ivan Fortunato, jan./2012.

Continuando o percurso de reconhecimento do Pateo, seguimos pela sua face sudeste até a terceira pausa, onde, praticamente no local em que o traçado da Rua Roberto Simonsen torna-se curvo, se encontram duas construções que destoam na paisagem do centro paulistano porque são coloridas e muito bem cuidadas. São os sobrados Casa Número Um, e o Solar da Marquesa de Santos que, no ano de 1971, se tornou a primeira edificação tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, o CONDEPHAAT.

De acordo com João Oliveira (1975), não há documentos sobre a origem ou história da Casa Número Um, onde funcionaria a primeira delegacia de polícia da cidade (na última metade do século XIX) e seria requisitada como sede da Academia Paulista de Direito, na década de 1970, fato que não se logrou. Desde 2011, a Casa Número Um abriga o Museu da Imagem de São Paulo.

Segundo Mange (1993), o Solar da Marquesa de Santos foi uma mansão da aristocracia paulistana de meados dos anos 1800, sendo uma construção originada pela fusão de dois sobrados em taipa, que sofreu inúmeras transformações morfológicas e de ocupação, tendo sido casa de Domitila de Castro, a Marquesa de Santos, até meados de 1860; mais tarde, seria sede da *San Paulo Gás Company* e Comgás, respectivamente em 1909 e 1967, tornando-se sede da Secretaria da Cultura entre 1975 e 1984, quando seria fechada para restauro e reaberta em 1991, como a sede do Museu da Cidade.

Entre as duas construções, há uma passagem que faz parte do circuito cultural de São Paulo, uma ligação entre o vale do Tamanduatei e o alto da colina onde está o Pateo do Collegio, que é o Beco do Pinto, nome que homenageia o proprietário original da Casa Número Um, o Brigadeiro José Joaquim Pinto de Moraes Leme.

Enquanto museus, seus acervos guardam memória fotográfica e iconográfica da cidade, mas também, por meio das obras de restauro, tentam manter a imagem original de casarões da aristocracia. São pontos turísticos interessantes, mas a atmosfera de nobreza que se mantém em seus cômodos e fachadas tende a torná-los, ao menos para mim, locais desconfortáveis... Mesmo assim, até gosto de subir ao segundo andar e olhar o Pateo do Collegio pelas janelas, mas, como a visão é muito parcial, pouco visito os locais de memória da antiga aristocracia paulistana... Talvez porque compartilhe da mesma constatação de Eclea Bosi (2003, p. 204),

quando estudava memórias paulistanas por intermédio do patrimônio construído, de que a vida da cidade também acontecia “em sobrados da pequena classe média, que não merecem tombamento porque lá não morou barão algum, mas foram adquiridos com prestações custosas, privações sem fim, que resultaram nessas casas adoráveis que conhecemos”.

Na figura 12 é possível observar, da esquerda para direita a Casa Número Um (de coloração amarelada), o portal de acesso ao Beco do Pinto e, de cor salmão, o Solar da Marquesa...



Figura 12: As construções tombadas Casa Número Um e Solar da Marquesa.
Créditos: Ivan Fortunato, jan./2012.

O percurso continua pela Rua Roberto Simonsen onde, ao lado esquerdo da fachada da Casa Número Um, está o acesso ao estacionamento que fica ao fundo do Pateo. Ao lado desse acesso, chega-se à quarta pausa, a qual se adentra pela porta do Memorial da Companhia de Jesus, que nos leva a uma pequena sala onde são vendidos artefatos religiosos e souvenirs do Pateo. Na sala do Memorial está o balcão de credenciamento para ingresso na biblioteca Padre Vieira, que fica no

subsolo da construção, onde há interessante acervo, repleto de material religioso e da história jesuíta. De volta ao andar térreo, visitamos a nave central da igreja Anchieta, e o oratório que presta tributo à memória do Beato José de Anchieta (parcialmente vistos na figura 13), onde, além de textos e imagens sobre sua vida devota à religião, encontram-se em exposição duas relíquias, a saber: um manto por ele usado durante suas missões, e parte de seu fêmur... Moraes (1979, p. 97) descreve minuciosamente cada altar e a capela-mor da igreja, cativado pela presença espiritual dos “veneráveis fundadores de Piratininga”, além de honrar o solo sagrado com poesia de Oliveira Ribeiro Neto:

Neste pátio sagrado, ajoelhada,
minha raça bendiz a honra bendita
em que pôde trazer-te, comovida,
minha terra de heróis predestinada –
o primeiro troféu que Deus te deu.
(Oliveira Ribeiro Neto, apud Moraes, 1979, p. 98)



Fachada



Nave central



Oratório em memória à Anchieta

Figura 13: Fotos da Igreja Beato José de Anchieta.
Créditos: Ivan Fortunato, jan./2014

Essa forte e insistente presença da fé religiosa no Pateo do Collegio lhe confere um dos aspectos de lugar nomeado por Relph (2012, p. 23) como “espírito de lugar”, ou *genius loci*, que é a ideia de que há lugares que foram habitados por deuses e espíritos, cujas evidências são concretamente observadas no lugar, sejam cerimônias religiosas e/ou construções. Mais do que simplesmente constatar a existência de elementos concretos que configuram esse aspecto particular do lugar, sua relação com o *genius loci* torna-se relevante não apenas porque eleva o sentido de lugar, mas porque, como anota Relph (2012, p. 23) “o espírito de lugar é associado apenas a lugares excepcionais”... tal como é o Pateo.

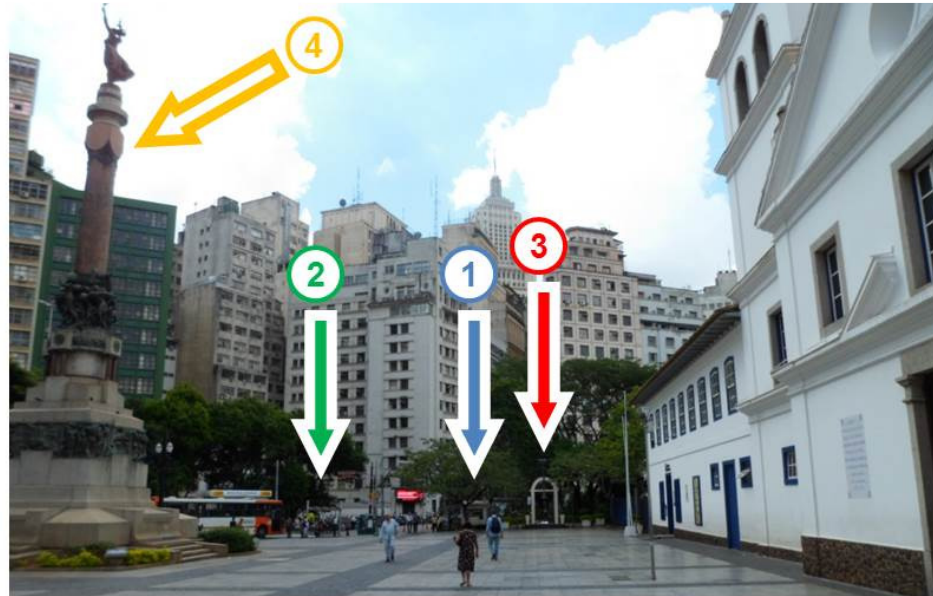
Continuando pelo exame do Pateo e seu entorno, voltamos ao Largo de onde partimos, nomeado aqui como quinta pausa. Localizada em sua face nordeste, ao pé do viaduto Boa Vista e debaixo da sombra de uma árvore, existe uma base comunitária da Polícia Militar, prestando seus serviços de segurança e apoio à população 24 horas por dia, durante todos os dias da semana. No largo também existe um ponto de ônibus urbano, pelo qual transitam linhas com destinos variados, seja para o próprio centro paulistano ou para bairros da zona oeste da cidade, tais como Vila Madalena, Butantã e Pinheiros.

O Largo também guarda o primeiro Marco da Paz, um monumento que data do ano 2000: um sino emoldurado por um arco de tijolos brancos, simbolizando paz entre todos os povos do mundo. Foi idealizado pelo italiano Gaetano Brancati Luigi, e concretizado pela Associação Comercial de São Paulo, da qual foi superintendente distrital, diretor pleno, vice-presidente e assessor... A história desse italiano, conforme narrada por Boldrini (2013, p. 7), revela uma relação de memória e afeto com o Pateo do Collegio: foi uma criança que viveu na Europa durante os anos 1940, recordando-se dos sinos que anunciavam o final da grande guerra, simbolizando, portanto, a paz. Mais tarde, quando Gaetano já habitava o centro de São Paulo e transitava pelo Pateo, notou a falta e a saudade que tinha do sino. Então fez, e cumpriu, promessa de que o Pateo ouviria novamente badaladas de um sino presente no lugar...

Outros Marcos da Paz foram se instalando nas cidades de São Paulo, Bertioga e Aparecida, e também na Argentina, no Uruguai, no México, na Itália e na China, levando sua mensagem de paz entre as nações... Que significados estão presentes na ação de Gaetano? Ao estudar a percepção, os valores e nossas atitudes em relação aos lugares, Tuan (1980, p. 288) afirmaria que as pessoas estão sempre à procura de um ambiente ideal. Para o autor, essa procura, por mais variada que seja entre as culturas e os próprios indivíduos, está sempre enraizada no “jardim da inocência” ou no “cosmos”... curiosamente, o Marco da Paz recupera a infância, ao mesmo tempo em que alcança o Mundo, tornando-se um simbólico ponto de equilíbrio que, segundo Tuan (1980), não faz parte da experiência terrestre... Daí, vimos o Pateo tornando-se um lugar de religação, de uma forma que não é aquela da fé cristã tão presente na igreja e na memorial da Companhia de Jesus, mas uma forma de conexão que nos permite novos olhares e novos valores a esse lugar tão simbólico, fortalecendo ainda mais seu *genius loci*.

Reservou-se para o final, o artefato que mais se destaca visualmente. Trata-se de um monumento em forma de obelisco com pouco mais de 20 metros de altura, instalado no largo do Pateo do Collegio em comemoração ao nascimento da Cidade, chamado de *Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo*. Foi descrito por Del Lama, Dehira e Reis (2009, p. 412) como uma “estátua de bronze com coluna de sienito vermelho e base de granito cinza”, modelado em Roma e esculpido no Brasil pelo italiano Amadeu Zani, que firmou raízes no País no final do século XIX. De acordo com Donato (2008, p. 217), o propósito desse monumento seria o de retratar grandes realizações jesuítas nesse solo sagrado, como a catequese e a instrução dos *selvagens*, as construções e o batismo da terra em homenagem ao apóstolo Paulo. Esse obelisco, que foi instalado no lugar no dia 11 de junho de 1925, representa gratidão aos jesuítas, nomeados como fundadores da cidade, ratificando ainda mais a presença da fé religiosa no lugar e seu *genius loci*.

Esses elementos do Largo do Pateo aparecem na figura 14, na qual, pela visão panorâmica do Largo, buscou-se demonstrar sua localização específica no lugar.



Vista panorâmica, sentido norte, do Largo do Pateo do Collegio

1 Base comunitária da Polícia Militar



2 Ponto de ônibus urbano



3 Marco da Paz



4 Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo



Figura 14: Elementos do Largo do Pateo do Collegio.
Créditos: Ivan Fortunato, jun./2012.

E graças a esses caminhos tomados pelo Pateo, motivados pela sedução com o lugar, mas desenvolvidos com o intuito de conhecê-lo, reconhecê-lo e descrevê-lo, finalmente consegui compreender as ideias de Lowenthal (1985, p. 137) de que toda pessoa que examina o sentido de seu próprio mundo vivido é, em alguma medida, um geógrafo. Daí seu axioma: “as geografias memoráveis não são textos de compêndios, mas estudos interpretativos incorporando um acentuado ponto de vista pessoal”. Isso quer dizer que a intencionalidade de conhecer o lugar mobilizador de nossos sentidos, experiências, memória, aprendizado e fantasias, é parte intrínseca do conhecimento geográfico e, portanto, ser geógrafo implica esse exame minucioso de nossa própria mundanidade, potencialmente, atribuindo valores e significados aos nossos lugares.

Besse (2006, p. 82) escreveu que, para se fazer geografia, temos que frequentar o mundo, tendo em mente que a própria geografia é, ao mesmo tempo, paixão e ciência. Assim, é possível perceber que, ao longo dessa descrição, alguns relatos sobre a experiência com a materialidade do Pateo do Collegio foram romanceados, talvez até mesmo exagerados... Bachelard (1993, p. 84) diria que o exercício da imaginação tem a função de ultrapassar, aumentar, engrandecer a realidade.

Não só isso, porque ao escarafunchar os significados da geograficidade, Dardel (2011) afirmaria que as rimas perfeitas e/ou os versos brancos pressentidos nos lugares que nos ligam emocionalmente à Terra, tornam-se a expressão mais clara desse sentimento de união. Descrever com adjetivos que ressoam com a emoção vivida é, na compreensão desse autor, a forma mais transparente de se revelar a comunhão com o lugar, momento em que as palavras do poeta e as do geógrafo unem-se, e tornam-se uma única linguagem para transcrever a comoção e a admiração sentida em nossa realidade geográfica... Para Dardel (2011, p. 3), também existe rigor na descrição daquele que contempla o lugar, que “somente dá ao termo concreto seu amparo e sua medida”.

Nessa mesma linha de pensamento, ao refletir sobre o dinamismo que há no mundo vivido, Buttimer (1985, p. 166) declararia que um geógrafo humanista jamais poderia se furtar de ouvir os discursos poéticos ou as mensagens corriqueiras, colhidas do cotidiano, nos quais as pessoas expressam suas sensações e emoções sobre o lugar onde desenvolvem suas experiências. Por isso, me sentia livre para explorar o museu e sua área interna, assim como contornar a construção central do Pateo do Collegio, atento não só ao que os órgãos do sentido capturariam do ambiente, mas também como seriam filtrados e traduzidos pela imaginação e pela memória, pelos sonhos e pelos devaneios...

Contudo, mesmo depois de percorrer, perceber e descrever o lugar, parecia que as inquietações que motivavam as andanças pelo Pateo se multiplicavam ao passo que o lugar se tornava mais familiar. Então compreendi as afirmações de Dardel (2011, p. 45) sobre a experiência de realmente se encontrar com um lugar, de se permitir iluminar e aquecer por uma fagulha que recobre toda existência, afinal, descobrir o lugar é “muito mais do que um espetáculo banal: uma ultrapassagem enlevada da mediocridade cotidiana, um sobrevoo de si, uma evasão para uma nova dimensão do ser”.

Mais do que descobrir e desbravar um lugar, portanto, nosso encanto, o cortejo, o romance e a exploração do Pateo, apenas ressaltavam a existência dessa nova “dimensão do ser” referida por Dardel (2011)... Assim, para além da topofilia sentida e da geopoética descritiva, o Pateo do Collegio emergia em sua própria essência, ou seja, aquilo que é inerente ao lugar, sua própria ontologia, que se manifesta em si mesmo, e torna-se ainda mais sublime conforme o lugar se configura como solo sagrado e símbolo de nascimento dessa grande cidade...

Lugarizando o Pateo

No entanto, ao invés de um conceito científico de conteúdo abstrato, lugar se refere à mundanidade de nosso cotidiano, e por isso ele é fundamental quando pensamos o ser-no-mundo e a existência. Entendido em sua dimensão ontológica, supera os diferentes contextos históricos, transformando-se à medida que se mantém em dia com cada temporalidade. Referindo-se à própria forma de ser-e-estar-no-mundo, lugar é inalienável e, portanto, permanece como fundante da nossa experiência contemporânea, independente das transformações socioespaciais. Longe de ser estático, ele é dinâmico, pois corresponde à própria essência do ser, que é igualmente viva (Eduardo José Marandola Junior, 2012a, p. 230).

Ao refletir sobre o conceito de lugar, Marandola Junior nos lembra de que há um dinamismo vivo que recobre sua vida cotidiana e sua existência histórica. Essa vida dinâmica é algo inerente ao próprio lugar, não sendo possível conceituá-lo de forma abstrata. Isso quer dizer que o lugar também é vivo e, na sua dimensão ontológica, não é apenas refratário das condições culturais, mas com elas se modifica. Ainda, o lugar também pode alterar o curso das relações e das experiências que nele se desenvolvem. É como um ser vivo, que não podemos classificar ou qualificar de forma a torná-lo estático, porque isso não corresponde à sua essência de ser-no-mundo. Isso se torna evidente ao caminhar pelo Pateo do Collegio e suas adjacências, quando o seu dinamismo é revelado pela sua própria existência complexa, que se transforma e se reconfigura de maneiras muito peculiares, tornando-se, conforme as palavras de Marandola Junior, inalienável e fundante de nossas experiências. Assim, de uma forma muito particular, o coração vivo da cidade de São Paulo tem conservado e nutrido sua essência ao longo dos séculos, durante os mais distintos contextos, praticamente nos convocando a lugarizá-lo...

Lugarizar é qualificar uma área como lugar, isto é, trata-se de revelar o sentido de lugar, a partir dos significados que circunscrevem seus aspectos telúrico, simbólico e construído. De tal modo, o *namoro* com o Pateo não seria a etapa final de nossa reflexão geográfica, mas, antes, o início de uma nova jornada, pautada por uma existência cada vez mais atenta aos sentidos mobilizados pelos encontros com seus predicados geográficos e geopoéticos... Isso vai ao encontro, fazendo eco com as palavras de Relph (1979) que, como um alerta, afirmou que sem o sentido de

lugar, as potencialidades e as variedades das experiências restam limitadas à mera repetição ou, ainda, somente à sobrevivência e a uma vida tediosa e insípida... Mais do que um simples sobreaviso, portanto, o autor apresentaria uma dupla possibilidade para nossa realidade geográfica: uma vida alienada dos significados terrestres sobre *lugares-sem-lugaridade*, ou uma vida potencialmente interessante e cativante, desenvolvida em locais cuja *lugaridade* se faz presente, é reconhecida e sentida. Isso demonstra, então, que lugarizar também implica assumir responsabilidade frente à própria realidade geográfica; ou seja, se existe o desejo de experienciar os profundos significados imbuídos nessa relação tofófica com o Pateo do Collegio, faz-se necessário não somente ressaltar seus significados e simbolismos, mas, cultivar condutas legítimas de afeto e respeito pelo lugar.

Não obstante, no início dos anos 1950, Dardel (2011) já havia anotado sobre a cumplicidade Homem-Terra quando, ao examinar o curso de nossas experiências terrestres, encontraria, na geograficidade, um elemento conectivo entre a espécie humana e o Planeta como habitat, capaz de descrever a relação incorrigível que estabelecemos com nossos lugares. Pela geograficidade, portanto, lugarizar é reconhecer as conexões com determinado lugar, o qual assume considerável envolvimento na qualidade da experiência terrestre. Desse modo, lugarizar o Pateo do Collegio torna-se uma ação inerente à construção do conhecimento geográfico e, portanto, deve-se evitar que discursos enamorados demais, melosos demais, se transformem em libelos ingênuos ou até, conforme Dardel (2011, p. 34), em uma “geografia patética”, vazia em ato...

Contudo, não é necessário se curvar ao rigor de um pensamento científico que demanda o distanciamento, a fragmentação, a análise objetiva, a abstração e a síntese. Besse (2011, p. 112), ao examinar a obra dardeliana, encontrou argumentos contrários à redução da geografia a “uma simples disciplina científica”, exatamente porque a geograficidade diz respeito ao envolvimento entre as pessoas e o lugar, que se ajustam entre si de forma tão intensa, não permitindo considerar a existência humana sem as *marcas* deixadas sobre a superfície terrestre, ao mesmo tempo em que não se pode imaginar a própria Terra sem a presença humana. Por isso, quando esse autor trata do acesso ao mundo geográfico, ele coloca entre aspas as noções de “sujeito” e “objeto” oriundas da ciência clássica, tencionando deixar claro que tal distinção, pela geograficidade, seria uma visão redutora da própria complexidade e natureza humana em ação sobre a superfície terrestre. Em outras

palavras, lugares lugarizados são muito mais do que simples “objetos” resultantes da dominação humana sobre o planeta, justamente porque um lugar não é somente *onde* vivemos, ou apenas uma área geométrica vazia entre limites definidos, mas, como as experiências vividas no Pateo revelam, um lugar é verdadeiramente um centro de significados que se torna parte intrínseca da vida.

Besse (2011, p. 155), ao considerar que, com o passar do tempo, um lugar se configura e reconfigura de acordo com as mais distintas formas culturais de organização espacial, explica que a compreensão de um lugar necessita que ele seja recolocado em um “quadro de uma reflexão sobre o ser-no-mundo do homem”. Com isso, entendemos que lugarizar um lugar é também reconhecê-lo como lugar da experiência, como lugar de ser, de realizar-se, de construir nossa existência e reconhecer nossa presença terrestre... No entanto, podemos e devemos ir além, porque, de acordo com o próprio Besse (2011), a ação de lugarizar deve sempre partir da ideia de que “existe o mundo”, ou seja, é preciso entender que cada lugar é também um fato, cuja existência dinâmica permite e possibilita se transformar diante dos mais distintos contextos históricos e culturais.

Isso evidencia que os lugares – centros de significados – também são seres ontológicos, cuja essência comporta características singulares, tais como história, identidade, geografia, nome próprio... Essas argumentações nos colocam em contato com o caráter ontológico da fenomenologia heideggeriana, na qual há uma profunda busca pela natureza do ser. A ontologia, segundo Heidegger, trata da “presença” (*dasein*) no mundo, isto é, da existência sensorial, afetiva, emocional, espiritual que é sentida e vivenciada muito antes da consciência da própria existência. Em outras palavras, é um sentido existencial enquanto existência pura, distinta do *cogito* cartesiano. Heidegger (2005, p. 199) anota que a presença não é algo dado, mas, antes, a possibilidade de ser-e-estar-no-mundo, conferindo, ao próprio ser, a possibilidade de vir a ser a si mesmo.

De acordo com Besse (2011, p. 115) o sentido de *dasein* é mencionado na obra de Dardel (2011), sendo por ele referido como “realidade humana”. Assim, pela geograficidade, essa presença (*dasein*) é entendida, então, como uma forma de ser-no-mundo experienciando a vida em cumplicidade com a essência dos lugares. Não obstante, a essência de um lugar é o que lhe possibilita tornar-se único, em sua mais pura existência.

Essas ponderações iluminam as reflexões geográficas desenvolvidas sobre o Pateo do Collegio, levando a considerar que não há sentido em nomeá-lo como um simples “objeto” de estudo, exceto se o propósito for a redução de sua essência ontológica a um abstrato sentido objetivo e mensurável. Com isso, o lugar de fundação da cidade de São Paulo é solo sagrado da fé e da memória jesuíta, área de relevância histórica e patrimonial protegida pelo ato de tombamento, mas, também, um lugar de acolhimento e de desenvolvimento de experiências cotidianas. E assim, o vínculo criado entre pessoa e lugar pode ser originado da sua própria natureza ontológica, a exemplo de nosso encontro repentino e o já explorado sentido de súbito encanto.

Segundo Besse (2006, p. 10), os valores humanos individuais e a ontologia dos lugares são os dois elementos que estão sempre em “jogo” na relação que cada ser humano mantém consigo mesmo e com a sua forma de ser-no-mundo. Assim, no compasso dessas reflexões geográficas sobre o Pateo do Collegio, pode-se perceber a existência do jogo entre esses dois elementos conforme se cotejava o que era sentido com o observado e vivido no lugar... um encanto súbito, uma vontade de estar e percorrer o ambiente, a sedução, o namoro, a necessidade de querer esquadrihar todos os cantos do lugar... A cada caminhada, a cada observação, a cada conversa, a cada detalhe, insurgiam novas características, diferentes olhares, distintas percepções inerentes aos valores individuais, e à própria essência do lugar... Tudo isso assinalava sua própria forma de ser-no-mundo, na qual sua essência se descortinava conforme o lugar permitia que se observasse além de suas características conhecidas de solo sagrado e local de memória, mas nos convidava para nos embrenharmos em seu próprio ser... Desse modo, o Pateo do Collegio passava a ser visto e compreendido como um lugar ontológico, ou seja, um lugar com vida própria. Daí, nossa responsabilidade se tornava ainda maior ao lugarizá-lo, ao passo que se tornava compromisso assegurar que recuperasse sua própria essência enquanto coração da cidade de São Paulo e, portanto, permitir que o lugar se tornasse ele mesmo.

Para tanto, o próprio obelisco Glória Imortal, por causa de sua notória proeminência no centro do largo, pode ser considerado observatório ótimo para desvendar a mundanidade presente no Pateo do Collegio. As visitas ao lugar revelavam o quanto esse monumento é compartilhado e diversificado: alguns indivíduos, moradores da rua de São Paulo, dormem ao sol, ou descansam ou

conversam ou apenas ali ficam, ao lado de suas roupas secando ao sol, e de seu carrinho de supermercado, onde estão todos os seus pertences, e que chamam, às vezes, de casa... Esses indivíduos dividem os degraus ao pé do obelisco com adolescentes que ali namoram, com pessoas que trabalham na região e que aproveitam seu horário de almoço ou descanso para sentar ao sol quando faz frio, ou à sombra quando tem calor... Isso é muito interessante: quando é inverno e a temperatura é amena ou gelada, o lado da sombra do Obelisco fica vazio, enquanto não se encontra espaço onde o sol esquenta os degraus, porque tem muita gente ali sentada ou deitada ou fumando...

Daí veio a lembrança da ideia de Bachelard (1993, p. 1) de que para entender a condição humana, precisamos prestar atenção ao que acontece nos lugares que ocupamos... Nessa leitura, o autor estava muito mais interessado naquilo que é percebido e sentido, do que observado, anotado e dissecado à luz da ciência... Para esse autor, um lugar é poesia, mas só conseguimos percebê-lo e senti-lo se nos deixarmos guiar pelo êxtase que nasce e renasce na novidade de cada encontro entre o ser interior e o próprio lugar vivido, sendo o momento presente o catalisador desse encontro. De nosso mirante, vimos jovens brincando de skate. Ali, também vimos o homem que dormia, de casaco, sob o escaldante sol do meio dia, com o cotovelo dentro de sua marmita... e nos regalamos com o cãozinho que brincava e se divertia, sozinho, no pequeno espaço de terra e plantas que fica ao pé do Glória Imortal, tão concentrado e feliz com o lugar, que ignorava os assovios que buscavam por sua atenção – o lugar parecia mais legal!... Sentado ao pé do Glória Imortal, percebemos muita gente caminhando, indo e vindo rápido, pela calçada ou tomando um atalho pelo meio do largo... e quantas dessas pessoas estão de roupa de trabalho, uniforme ou roupa social – quantos ternos e quantas gravatas circulam por lá... De repente, surgem algumas pessoas com máquinas fotográficas para capturar alguma cena ou posar para alguma fotografia... ficam pouco tempo, e logo deixam o largo ou entram no Museu Anchieta... a maioria deixa o lugar, revelando-o também como lugar de passagem no centro histórico da cidade, entre estações de metrô, próximo a terminal de ônibus, no caminho entre as pessoas e seu trabalho nos edifícios de escritórios ou comércio do Centro...

Entretanto, também existem pessoas que nunca deixam o lugar e, ao invés de passagem, o consideram como único lugar de permanência... A forte presença de moradores de rua na região central da cidade de São Paulo é um fenômeno

conhecido e, talvez, um aspecto intrínseco às metrópoles (como vimos, por exemplo, em Bidou-Zachariasen, 2006). Já mencionamos sua participação na vida cultural do Pateo, tornando-se, praticamente em absoluto, toda existência viva quando o sol deixa de iluminar o lugar. No entanto, quando a passada apressada é substituída pelo caminhar mais lento para observação do lugar, reconhecemos que o Pateo do Collegio, assim como praticamente quase todo o centro histórico da cidade, é o único lugar da existência de muitas pessoas que sobrevivem nas ruas. Com isso, percebemos que é raro caminhar pelo largo do Pateo e adjacências sem a presença de alguém dormindo sobre papelão ou envolto em algum cobertor de feltro, ou somente sentado, observando solitariamente o lugar, talvez por não ter rumo a seguir, exceto o de permanecer na rua... Isso ressoava com as palavras escritas por Bosi (2003, p. 204), afirmando que cada lugar “acompanha o ritmo da respiração e da vida dos seus moradores”, cujas histórias de vida constroem não somente o contorno das ruas paulistanas, mas estabelecem o próprio sentido cultural de um lugar, o qual só pode ser valorizado quando realmente adquire essa dimensão humanizada, que dá sentido à própria experiência terrestre, e qualifica a própria essência desse lugar...

Dardel (2011, p. 35), ao tentar explicar o elo entre os seres humanos e os lugares terrestres, já havia anotado que “a realidade mais concreta e mais próxima da Terra só é apreendida por uma interpretação do conjunto, que é uma maneira de se remeter ao Ser”, evidenciando o “jogo” entre pessoa e lugar, mas, ao mesmo tempo, demonstrando que a compreensão do que acontece em determinado lugar demanda um retorno à sua própria essência, a qual jaz na experiência de ser-no-mundo. Assim, pensar a ontologia do Pateo implica reflexões e inflexões sobre valores, mas também sobre a força secular e contemporânea desse lugar multifacetado e simbólico... Essa complexa dinâmica, explica Marandola Junior (2012b, p. XVII), tem a geografia como núcleo conectivo que, por sua vez, “não pode se furtar a ampliar seus horizontes e capacidade epistemológica de pensar o significado da experiência geográfica no mundo”.

Cosgrove (2008) consegue deixar claro que uma das mais contundentes funções da geografia é a de demonstrar as motivações culturais que há nas mais variadas e distintas organizações espaciais e sociais, ao mesmo tempo em que deve revelar o quanto a própria realidade geográfica é prazerosa, evidenciando a riqueza das experiências, dos símbolos e dos valores dos lugares. Segundo esse autor,

pensa-se geograficamente, seja de forma consciente ou inconsciente, a todo instante vivido, até mesmo quando o momento é o de estar com a família e fazer compras e o lugar é uma feira, um mercado ou um *shopping center*. Isso porque, compreender a realidade geográfica requer dispor o olhar justamente para as experiências desenvolvidas no cotidiano, observando e analisando as interações sociais e espaciais, as percepções e as atitudes que nos ligam com o sentido de lugar, despertando nossos sentimentos de afetividade ou medo com relação aos lugares... naquele jogo entre ontologia do lugar e dos valores humanos. E quanto mais grupos socioculturais diferentes desenvolvem suas experiências sobre o mesmo lugar, mais complexo se torna em termos de mundanidade, história, símbolos, valores e atitudes. Cosgrove entende que, dessa forma, a geografia está presente em todos os lugares da experiência humana. Está, portanto, nas dimensões cotidianas vivas do Pateo do Collegio.

Do mesmo modo que as compras feitas com a família em um sábado de manhã motivaram Cosgrove (2008) a desenvolver análises geográficas de um cotidiano multifacetado, os momentos exploratórios no meu lugar de acolhimento na cidade de São Paulo são aqueles que mais têm força para despertar sua leitura, interpretação e compreensão. São momentos vividos da minha própria experiência, de vontade de flunar pelo seu largo e adjacências, de sentar e observar, de interagir com as diversas cenas que ali se desenrolam, e conversar com diversas pessoas que desenvolvem experiências no Pateo do Collegio. Os variados sentidos de lugar ratificam a ideia de que a ontologia do lugar não permite qualificá-lo abstratamente, uma vez que os diversos significados que recobrem sua mundanidade, tornando-se parte indissociável das mais variadas experiências que nele se desenvolvem, revelam sua própria essência enquanto ser-no-mundo.

Assim, tive a oportunidade de observar três estudantes sentadas ao pé do Marco da Paz, olhando para alguns livros e para os prédios, apontando, falando alto e de forma apressada; contaram que eram alunas do curso de arquitetura de uma universidade particular da cidade, mas que somente estavam no lugar porque tinham que cumprir créditos de uma disciplina cujo trabalho final era a apresentação de uma análise do centro histórico. Disseram que, apesar de paulistanas, não conheciam o Pateo do Collegio e mesmo à luz do dia e à sombra da base da Polícia Militar, tinham medo do lugar, sentindo-se inseguras, como se estivessem à mercê de assaltos ou até mesmo sequestro. Nem a história arquitetônica do lugar, ou seu

curioso contraste de estilos e épocas, foram suficientes para que seu ponto de vista encontrasse um lugar de acolhimento, memória e paz. Nesse momento, a topofobia era o sentido do lugar que, como oposto da topofilia, está associada à rejeição, medo, pânico etc., podendo ser definida, segundo Relph (1979, p. 20), como “todas as experiências de espaços, lugares e paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão”. Por isso, mesmo no lugar ótimo para estudo sobre a diversidade arquitetônica e fundamentos de urbanismo, a vontade das estudantes era concluir suas observações e anotações para finalizar sua tarefa, e jamais voltar ao lugar...

Em outra conversa, em outro momento, houve a chance de perguntar qual o sentido desse lugar, para uma pessoa que trabalha nas adjacências do Museu Anchieta, praticamente mirando o largo do Pateo durante toda sua jornada. Claro que os elos que estabelecemos com um lugar são tão variáveis quanto às experiências individuais e, portanto, diferem de pessoa para pessoa de acordo com o jogo entre valores e a ontologia dos lugares. Contudo, não esperava ouvir palavras que remetem ao sentimento de topocídio, mas, algo parecido com “*prédio velho não tem utilidade, portanto, deveriam derrubar*” fora pronunciado a respeito das construções do Pateo do Collegio. Isso, então, evidenciava aquilo que Relph (1976) nomeou como “inautenticidade”, ou seja, um envolvimento muito superficial, ou até mesmo ausente, com o lugar. Um sentido presente até mesmo no coração da cidade.

Não obstante, também tive o privilégio de participar de conversas que contrastam com o pavor expresso pelas estudantes, e pelo desprezo declarado no envolvimento inautêntico com o lugar. Como, por exemplo, o relato de um dos seguranças do Museu Anchieta, que há quase cinco anos lá trabalha, afirmando que adora o seu lugar de trabalho, em especial porque não é tão barulhento, nem tão agitado, como a cidade que está à sua volta. O vínculo afetivo com o lugar aparece, ainda, na disposição com que a bibliotecária recebe os visitantes, e com eles compartilha, entusiasmadamente, vários aspectos simbólicos e históricos do Pateo, armazenados em livros, cartas e reportagens disponíveis para consulta na Biblioteca Padre Antônio Vieira.

Ainda assim, o lugar teria reservado momentos ainda mais marcantes, realizando-se exatamente como Dardel (2011, p. 31) havia pensado a “geograficidade original”, na qual o ser humano descobre “a Terra como lugar, base

e meio de sua realização”. Um desses distintos episódios aconteceu como uma bela surpresa, afinal, era um domingo frio e chuvoso, característico do outono paulistano. A decisão de ir ao Pateo nesse dia foi tomada de impulso, motivada apenas pelo entusiasmo de ver o lugar. Não obstante, a ideia inicial de que o lugar estaria vazio foi logo desmentida pela presença de duas pessoas caminhando pelo largo: um senhor de cabelos grisalhos e uma jovem, que carregava uma máquina fotográfica. Ao oferecer ajuda para fotografá-los juntos, nos deparamos com certa dificuldade de comunicação, já que eram estrangeiros. Daí que o lugar tornou-se nosso denominador comum e, em poucas palavras, o senhor se declarou avô da jovem e informou que estavam a passeio em São Paulo, mas não por acaso ou como turismo cultural... Disse que havia deixado a Europa no final dos anos 1970 para viver em São Paulo, especificamente no Centrão. Voltou para a Alemanha, sua terra natal alguns anos mais tarde, mas, afirmou que nunca se esqueceu dos anos vividos no lugar... Por isso estavam no Pateo, mesmo debaixo de chuva: seu objetivo era trazer a neta ao lugar onde teria nutrido belas experiências, que se tornaram memoráveis recordações...

Em outros momentos, a experiência contendo o êxtase do encontro com a essência do lugar foi vivida em primeira pessoa... Jamais será esquecido aquele sábado, final de tarde, quando o Pateo foi apresentado a uma pessoa muito querida – em uma situação muito parecida com uma reunião de bons amigos. Juntos, sentamos ao pé do obelisco e apenas observamos: garotos brincando de *skate*, o guarda se despedindo dos últimos visitantes do Museu antes de cerrar a porta, a visão de um cordão de isolamento ao redor da Igreja durante a celebração de um casamento... Enquanto compartilhava algumas curiosidades e alguns dos mistérios do Pateo, um morador de rua sentou-se ao nosso lado, acendeu um cigarro, mas logo o apagou, em respeito a nós, suponho, porque em nenhum momento se mostrou disposto a nos incomodar. Ao contrário, disse se chamar Maranhão, e que estava em casa. Afirmou ter sentado ao nosso lado porque o amor é o sentimento que mais lhe inspira na vida, e que se ainda está vivo é porque sabe que a pessoa que ama também caminha por aí, procurando por ele... Eu, por outro lado, acabara de reencontrar o amor...

Estaria o amor nesse lugar? Poderia o amor ser o lugar? Teria a presença no lugar nos influenciado ou nos cativado? Novas inquietações emergiam dessa jornada que tomamos pela geograficidade... Inquietações renovadas, menos

pragmáticas e muito mais contemplativas, fenomenológicas, subjetivas, intersubjetivas... que se escondem e, paradoxalmente, revelam-se em sua própria mundanidade... Como a compreensão de nossa forma de ser-no-mundo requer um encontro de nossos valores com a ontologia dos lugares, compreender os laços que nos conectam ao Pateo do Collegio exige o exame de sua própria essência, o que nos faz recuperar aquilo que é exclusivamente seu, sua geografia e sua história – sua própria biografia –, que configuram sua identidade e lhe atribuem seus aspectos de *genius loci* e sentido de lugar. Ou, em sua mais pura essência, o Pateo do Collegio como si próprio...

Capítulo III

GEOGRAFICIDADE E HISTORICIDADE DO PATEO DO COLLEGIO

Pateo: lugar, história e memória da cidade de São Paulo

A geografia do lugar

O Pateo no batismo de São Paulo

Os colégios dos jesuítas no Pateo



GEOGRAFICIDADE E HISTORICIDADE DO PATEO DO COLLEGIO

Daquele “Pátio do Colégio”, o ponto de partida do passado para o futuro, a vila de Piratininga, se espalhou pelas colinas em busca das várzeas, subindo os espigões, atingindo vales, se cambiando de cores, de estilos, de fachadas, rasgando avenidas e perfurando túneis, com caras novas, se transformando em uma grande metrópole. Porém, continuando um lugar, um aconchego para os migrantes que aqui se instalaram e continuam a procura-lo (Lívia de Oliveira, 2012, p. 14).

Neste capítulo, investigamos a biografia do Pateo do Collegio, ou seja, sua história cotejada com distintos contextos geográficos e culturais. Isso porque conhecer esse lugar, pela geograficidade, requer: localizá-lo no coração da cidade de São de Paulo, bem como saber descrevê-lo em seus aspectos concretos (o patrimônio material, a disposição e o traçado das ruas, os pontos de interesse próximos, o Museu, a biblioteca e o átrio interior etc.); identificar e reconhecer seus aspectos simbólico e telúrico; e conhecer suas transformações morfológicas e culturais ao longo dos anos, aos quais só temos acesso quando recuperamos seu passado. Ao conhecer o Pateo, vamos descobri-lo enquanto “ponto de partida do passado para o futuro”, de Piratininga a Metrópole, e como lugar que ainda conserva seu aconchego primitivo.

Lomonaco (2004, p. 113), ao abordar a história desse lugar, declarou que o Pateo do Collegio é um lugar de muitas memórias. Recuperá-las, portanto, equivale a conhecê-lo melhor e, quem sabe, ampliar suas potencialidades de valor e afetividade. A própria autora alerta para a necessidade de se esmiuçar seu passado repleto de inúmeras transformações culturais e morfológicas. Essa história começa nos anos 1550, com a chegada dos jesuítas e a construção de uma “pobre casinha” no alto da colina (onde se assenta, hoje, o centro histórico paulistano), e se desenvolve ao longo de mais de quatro séculos e meio de existência cultural variada e diversa. E, ao vivenciar o Pateo do Collegio pelo olhar atento do geógrafo descobridor do lugar, encontramos, na paisagem e/ou nas múltiplas experiências do cotidiano, marcas e reflexos de sua longa historiografia e intensa existência multifacetada.

Ao tratar das transformações do lugar, Lomonaco (2004) utiliza o termo *metamorfoses* do Pateo, para se referir às radicais alterações de sua geografia, arquitetura e dos usos desse lugar que, de colégio jesuíta (1554) a Museu Anchieta (1979), acompanharam a evolução da cidade de São Paulo e, com ela, a urbanização que retificou o Rio Tamanduateí e canalizou o Ribeiro Anhangabaú, recebeu o trem, a energia elétrica e o bonde, foi *espalhando-se* pelas colinas e vales e cresceu verticalmente. O termo metamorfose do lugar foi empregado, especificamente, para tratar das mudanças na edificação central do Pateo do Collegio, hoje Museu e Igreja Anchieta. Na época de ocupação jesuíta, o conjunto colégio-igreja foi construído, ampliado, reformado, abandonado, recuperado e reconstruído... até a desocupação jesuíta e tomada pelo governo estadual. Depois, no início da República, o conjunto fora demolido para dar lugar a uma nova construção, sendo novamente demolida e reconstruída na época do quarto centenário da cidade, que foi celebrado em 1954.

O foco deste capítulo está nos primeiros centenários da história do Pateo do Collegio, o que demanda uma incursão complexa pelos caminhos dos jesuítas e do próprio desenvolvimento de São Paulo de Piratininga. Ao refazer seu caminho de metamorfoses, portanto, abordamos, em idas e vindas, a geografia do sítio original da cidade, o percurso jesuíta até a data simbólica do batismo do lugar em 25 de janeiro de 1554, e a trajetória do lugar durante os anos de ocupação jesuíta até tornar-se residência do governo da capitania, nos anos 1760.

E enquanto buscávamos elementos para recompor a biografia do lugar, encontramos inspiração em Alves (1975, p. 68) que, ao tentar reconstituir sua complexa história, afirma: “nesta seqüência de apreciações sobre o Pátio do Colégio, somos apenas movidos por um sincero e ardente desejo: o de esclarecer pontos obscuros da nossa história e tradição”. E além de nosso sincero desejo de entender o que foi ocultado, ou mesmo abandonado de seu passado, tencionamos ampliar essa recuperação biográfica como forma de iluminar ainda mais os significados simbólico, telúrico e de lugar no Pateo, revelando seu próprio sentido ontológico para a cidade de São Paulo.

Pateo: lugar, história e memória da cidade de São Paulo

Ora, a cidade é primeiramente um espaço, talvez indiferenciado antes que homens o ocupem; mas a maneira como, ao longo dos séculos ou dos anos, eles escolhem se distribuir nesse espaço, a maneira como as diversas formas de atividade política, social, econômica, se inscrevem no terreno, nada disso se faz ao acaso, e é apaixonante investigar se as cidades se diferenciam em tipos e se é possível discernir constantes em sua estrutura e seu desenvolvimento (Claude Lévi-Strauss, 1996, p. 13).

Quase sempre, para se conhecer uma cidade e diferenciá-la das demais, as estratégias são antropológicas: caminhar, observar, anotar, conversar..., ou são historiográficas: datas, acontecimentos políticos, sociais e/ou econômicos. De fato, as cidades são produções humanas e históricas. Contudo, debaixo das construções, ordinárias e simbólicas, e sob o traçado das ruas, existe, antes da organização sociocultural, uma geografia. Pierre George (1971), ao refazer a ação humana sobre a Terra, explica que, desde a primeira forma de organização do espaço, a existência de água e o tipo de solo, clima e relevo, foram condicionantes indispensáveis para o assentamento e permanência dos seres humanos nos lugares – as cidades, inclusive, se originaram em áreas de várzea, onde o solo fértil possibilitara a plantação, e não socialmente como locais de encontro para ritos e outros cerimoniais, como poderia acreditar Mumford (1965) ao escrever *A Cidade na História*.

Dada essa indissociável relação entre a geografia e a origem das cidades, devemos complementar a afirmação que fez Lomonaco (2004) sobre a cidade de São Paulo ter nascido em um colégio, em referência à construção jesuíta de Nóbrega e Anchieta dos anos 1550... Com isso queremos destacar que embora o Pateo do Collegio seja reconhecido como berço de São Paulo de Piratininga, a vila foi fundada e se desenvolveu ao longo dos séculos até seu tamanho e importância mundial que tem hoje graças a uma escolha certa: o estabelecimento dos jesuítas no alto de uma colina cercada pelo Rio Tamanduateí e pelo Ribeiro Anhangabaú, ou seja, um lugar estratégico, que oferecia água, alimento e proteção...

Para entender melhor esse relacionamento entre a cidade de São Paulo e a geografia do seu lugar de origem, encontramos explicação em Richard Morse (1970) que, no extenso livro que trata da formação história dessa cidade, explica:

O contraste entre a metrópole vertiginosa de hoje e as suas modestas origens coloniais torna-se menos violento quando passamos em revista as suas múltiplas funções históricas e a combinação de acidentes geográficos e energias humanas que as determinaram (Morse, 1970, p. 36).

Ao reconstituir a historiografia de São Paulo, o autor demonstra que a cidade evoluiu não apenas em território e número de habitantes, mas também financeira e administrativamente, passando de Vila (1560) para Capitania (1681), depois para Cidade (1711), até se tornar Metrópole (1973). Morse (1970) também refaz os caminhos percorridos pela cidade, e apresenta suas distintas funções culturais, desde sua fundação oficial até a era republicana, em uma reconstituição que nos ajuda a entender melhor o lugar, em especial a importância da sua geografia.

Segundo o autor, a primeira função do lugar, que prevaleceu desde Vila até Capitania, era fundamentalmente religiosa e a presença do colégio jesuíta construído no alto da colina favorecia a irradiação da força da fé cristã na catequese dos nativos. Morse (1970), então, destaca a importância da localização do lugar, ao situá-lo como acrópole defensiva contra ataques indígenas (os tamoios) nas primeiras décadas de ocupação jesuíta. Mais do que acrópole, explica o autor, porque a localização geográfica do berço de São Paulo teria fundamental importância na construção das estações e linhas ferroviárias, no século XIX, porque o Planalto de Piratininga era lugar ótimo para recepção, armazenagem e distribuição da produção que ia e vinha do porto de Santos. Segundo o autor, a ferrovia seria fundamental no desenvolvimento urbano da cidade que, a partir de seu núcleo histórico, cresceria e se desenvolveria com o capital da cafeicultura e a chegada dos imigrantes, que investiriam na urbanização da área central, no limiar dos séculos XIX e XX, e pelo capital da indústria e das instituições financeiras, a partir dos anos 1920, levando à verticalização da área na segunda metade desse mesmo século.

Com Morse (1970), vimos que há, na evolução histórica da cidade de São Paulo, um entrelaçamento muito íntimo entre tempo e espaço, entre história e geografia, entre historicidade e geograficidade, que configuram sua identidade. Conhecer o Pateo do Collegio como lugar implica retornar às suas origens, e esse retorno, portanto, quer dizer conhecer não apenas a sua história, porque essa jamais se desgarra da geografia do lugar. E há algo ainda muito mais significativo na história do Pateo, porque, conforme estudamos a sua história e a história da própria cidade que ali nasceu e dali foi se expandindo, entendemos o quanto elas estão

imbricadas, principalmente nos primeiros séculos de sua existência, quando São Paulo era o Pateo, e vice-versa, e os seus desdobramentos ou eram reflexos ou refletidos no coração da cidade.

Entendemos a historicidade como o ato intencional de recuperar em tempo e espaço as ações humanas pretéritas, de forma a se tornar consciente do lugar presente. Na visão de Tuan (1985, p. 156), a história é fundamentalmente cultural, uma criação humana cuja função vai muito além de situar cronologicamente a passagem dos eventos, porque é pela história que se recupera a experiência individual e coletiva e, com ela, nossas relações de alteridade e com os lugares. A leitura de Tuan (1985), portanto, expressa a importância de se conhecer o passado como forma de entender a construção da identidade coletiva de um lugar. O passado de um lugar permanece, portanto, registrado no próprio lugar, como bem constatou Halbwachs (1990):

Não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, umas às outras, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca (Halbwachs, 1990, p. 143).

Recuperar o passado não é apenas nostalgia, não é somente recordar e/ou celebrar momentos que não se recuperam mais... O passado somente é deixado para trás quando analisado pela ótica da domesticação do tempo, por meio de um calendário que se move sempre para frente. A história nos ensina a olhar o passado para entender o presente e construir o futuro. Essa é, também, a história dos lugares...

... Nossas experiências de lugar, no entanto, parecem resistir ao tempo. Construções, estradas e costumes locais, que são as manifestações mais óbvias de uma lenta mudança do cenário variável de vidas individuais. Retornamos ao lugar onde crescemos e embora possa haver novas construções e pessoas, isso permanece no mesmo lugar. No caso do lugar ter sido completamente reconstruído, ficaremos consternados, pois lugar implica continuidade (Relph, 2012, p. 28).

Com Relph (2012), queremos lembrar que o lugar pode ser transformado, alterado, desbastado, elevado, planejado, desmatado... contudo, continua sendo o mesmo lugar... Essa é uma inferência muito próxima ao que Dardel (2011, p. 29) já havia notado sobre o mundo construído, que “apaga e submerge o desenho natural dos lugares”. Com isso, podemos olhar para o Pateo do Collegio em 2014, no coração do centro histórico da São Paulo Metrópole e afirmar que, embora muito diferente do seu sítio original, o lugar permanece o mesmo. Em retrospectiva, o Pateo do Collegio foi envolvido nas transformações da paisagem urbana da cidade, na transição do século XIX para o século XX. O lugar também foi o centro da cidade provinciana dos séculos XVII e XVIII, e núcleo de uma pacata vila, muito pobre, de poucos habitantes, de ruas e casas de barro no século XVI. Anterior à vila, o lugar abrigou o colégio dos jesuítas na década de 1550. E antes do colégio, sua história revela que os jesuítas chegaram à colina graças à aproximação dos índios liderados pelo cacique Tibiriçá, que já habitavam o lugar. Portanto, antes mesmo dos índios, o lugar já tinha sua geografia.

E mesmo que a urbanização dos tempos modernos e pós-modernos tenham modificado e obscurecido sua geografia original, ela ainda está presente no centro histórico de São Paulo, e o planalto sobre a colina histórica ainda é estratégica.

... a implantação de uma cidade está sobre um relevo, sobre um solo, constituído de rochas e sedimentos; que antes havia uma cobertura vegetal natural, que abrigava pássaros e animais, insetos e répteis; que as águas drenadas eram limpas e potáveis. Especialmente, em cidades grandes, de proporções metropolitanas, estas lembranças são esquecidas (Oliveira, 2009, p. 156).

Nossa meta, então, é recuperar essas lembranças esquecidas sobre a geografia do Pateo do Collegio e, conseqüentemente, da cidade de São Paulo, pois, se lugar implica continuidade, como vimos com Relph (2012), então para realmente conhecermos esse lugar, em seu sentido ontológico, temos que compreender que toda sucessão de acontecimentos, transformações, destruições, ocupações etc, constitui parte da complexidade do Pateo e de sua presença (*dasein*) no mundo. Afinal, conforme anota Marandola Junior (2012, p. 229), torna-se mais fácil pensar em um lugar quando recuamos no tempo, localizando acontecimentos significativos, quando o lugar “parece mais conectado a uma tradição, a uma experiência profunda de entrelaçamento com a terra”.

A geografia do lugar

Deduz-se disso tudo que nessa porção central do Planalto do Piratininga (Planalto Paulistano) a paisagem primária deveria comportar matas de encostas e interflúvios; ilhotas de cerrados em cima das crostas de limonita em um trecho da colina histórica [...]; campos submersíveis nas várzeas do Tamanduateí e Anhangabaú; além de matas beiradas e brejos (Aziz Ab'Saber, 2004a, p. 118)

Ab'Saber (2007, p. 63), nos estudos geográficos desenvolvidos sobre cidade de São Paulo, explica que essa área se trata de um “pequeno compartimento de relevo e uma pequena unidade geomórfica”, como se estivesse *espremida* entre áreas de relevo do planalto Atlântico, portanto, distinguindo-se geomorfologicamente das áreas que a cercam. Segundo esse autor, o planalto onde a cidade assentou-se era uma zona excessivamente escarpada, envolta pelo que ele chamou de “colar de matas e serrinhas”, com densa vegetação florestal e ilhas de umidade, *emoldurada* pelas Serra da Cantareira ao norte, Morro Grande a oeste, Serra de Itapeti ao leste, Serra do Mar ao sul, dentre outras de menor porte. E no interior desta cercadura de serras, havia “um mosaico de colinas tabuliformes e patamares de colinas sulcadas por rios piscosos e navegáveis por canoas” (2007, p. 27), além de planícies com dois a três quilômetros de largueza.

Especificamente sobre o alto da colina histórica, onde está o Pateo do Collegio, Ab'Saber (2004a, p. 97) escreveu que o sítio originário da cidade de São Paulo trata-se de “uma colina de vertentes escarpadas e topo relativamente plano (745-750m), situada no ângulo interno da confluência entre o Tamanduateí e Anhangabaú e vinculada a um esporão secundário do Espigão Central” – mais tarde, sobre o Espigão Central seria construída a Avenida Paulista. Então, a cidade de São Paulo desenvolveu-se nesse *sítio original*, nas planícies de inundação entre os Rios Tietê e Pinheiros, sendo que as primeiros fatos e acontecimentos da história da futura metrópole aconteceram no vale do seu mais importante afluente, que é o rio Tamanduateí, onde havia um ecossistema de florestas ripárias e um ecossistema lodoso. Nas partes mais altas dessas planícies, o solo abrigara uma área de mata de várzea rasteira e frágil, “muito fácil de ser derruída, como de fato foi ao longo dos séculos” (Ab'Saber, 2004b, p. 28), da qual quase nada resta em São Paulo.

Aliás, ao estudar a geomorfologia da Capital, Ab'Saber (2004a) conta que os nomes cristãos dados aos lugares pelos portugueses – tais como São Vicente, São Paulo, Santo André – em nada colaboraram para a compreensão do lugar e, portanto, muito pouco ajudaram a compreender sua historicidade. Exemplo de Santo André da Borda do Campo, servindo, talvez, “como que a denunciar um limite tênue, porém efetivo, entre as grandes matas da Serra do Mar e as primeiras clareiras ou zonas de matas mais baixas e menos densas correspondentes às colinas de São Paulo” (Ab'Saber, 2004a, p. 114). O autor explica que procurou, empiricamente, durante várias excursões pela área de ocupação e fluxo dos portugueses entre São Vicente e Piratininga e afirma não ter encontrado os campos mencionados pela toponímia portuguesa, exceto, talvez alguns descampados naturais, planícies de várzea, terrenos desgastados pela agricultura dos nativos etc... Por isso o autor não aceita, e não utiliza a expressão *Campos de Piratininga*, preferindo o conceito de *Planalto do Piratininga*, o qual adotamos aqui em nosso trabalho.

Daí, o autor retoma a nomenclatura tupi, cuja atribuição era ecológica e/ou geográfica para compreender melhor este lugar... Aliás, se havia nativos no local onde São Paulo seria oficialmente fundada pelos jesuítas, é porque “se tratava de um *sítio cobiçado* por sua ampla diversidade de ofertas” (Ab'Saber, 2004b, p. 30), como água para beber e se banhar, peixes para pesca e, dada a dificuldade de se chegar até o local, sua característica de acrópole, oferecendo proteção...

Disso resulta que a gente tem que respeitar a toponímia dos que sabiam observar relevo, vegetação e todos os fenômenos da natureza. Aliás, a sobrevivência dos indígenas dependia muito de uma convivência íntima com a natureza das áreas ocupadas por eles. Eles travavam contato cotidiano com o mundo natural, através da coleta, da caça e da pesca... (Ab'Saber, 2004b, p. 35).

E o que aprendemos com a toponímia nativa? Vejamos, por exemplo, o nome do rio Tamanduateí, explica Ab'Saber (2004b, p. 35), que significa “rio do tamanduá bravo”, revelando que ali houve redutos de cerrado, bioma onde vivem os tamanduás... Assim como o nome dado ao local histórico onde os jesuítas escolheriam para assentar a construção do seu colégio, a região de Piratininga, que é “peixe seco ou peixe no seco”, denota que ali havia um ritmo climático diferenciado...

... depois de deixar a região do Ipiranga, o Tamanduateí chegava até o sopé da colina tradicional onde se ergueu o centro histórico, e ali o rio se desdobrava em três estreitos canaletos que transbordavam durante a estação das chuvas. Quando isso acontecia, as águas se emendavam, formando uma ampla várzea. Mas depois vinha a seca do outro ano e então, em certo momento imediatamente posterior ao período de estiagem, os peixes acabavam ficando no seco por entre aqueles canais (Ab'Saber, 2004b, p. 34).

Assim, Ab'Saber (2004b, p. 44) explica que foi o conhecimento que os índios tinham da ecologia e da geografia da região que levou os jesuítas a se instalarem em “um estratégico pontal colinoso de bordos escarpados situado entre o vale do Tamanduateí e o vale do Anhangabaú”, que se estendia por aproximadamente 1,5 mil metros no eixo norte-sul, e entre 600 e 700 metros no sentido leste-oeste. Da colina escolhida pelos jesuítas para alojar sua missão e construir o complexo colégio-igreja, era possível observar um “vasto panorama do vale do Tamanduateí, descortinando-se o amplo cenário das planícies, colinas e distantes serranias florestadas, desde o Cambuci até a Cantareira” (Ab'Saber, 2004b, p. 45). Um local estratégico que seguia a tradição cristã europeia de instalar suas igrejas em locais de alta visibilidade, oferecendo, assim, horizonte para ver, ser visto, assim como se proteger de ofensivas hostis dos inimigos...

Local estratégico que, segundo Donato (2008, p. 38) levava o nome indígena de Inhapuambuçu, cuja tradução para o português seria a de “morro que se vê de longe”, ratificando a afirmativa de Ab'Saber sobre o conhecimento geográfico dos nativos. Dessa maneira, antes da chegada dos jesuítas na região chamada de Piratininga, especificamente no Inhapuambuçu, onde São Paulo seria fundada no ano de 1554, os nativos já habitavam essa zona de campos e colinas. Também para Benedito Preziosi (2004, p. 64), o local seria escolhido pelos povos indígenas por conta de sua geografia: rios piscosos, área descampada protegida por colinas escarpadas, terreno de várzea fértil...

... A chegada dos portugueses provocou grandes mudanças na vida desses povos. O início do contato foi amistoso, pois o número de lusitanos que se instalaram no planalto era pequeno. Deviam ser náufragos ou degredados, vivendo culturalmente muito próximos aos nativos e gerando filhos mestiços. O mais famoso deles, João Ramalho, deve ter chegado entre 1506 e 1508, como afirma o mesmo Anchieta. Vivia com sua família indígena no planalto, adotando usos e costumes como o arco, flecha e rituais nativos. (Prezia, 2004, p. 71).

A respeito de João Ramalho, Taunay (1954, p. 49) afirma: “desse povoador primeiro nada se sabe de positivo”, exceto que ele habitava o local que seria batizado de Santo André da Borda do Campo, e que era casado com Bartira e, portanto, genro do cacique Tibiriçá. Ramalho é figura importante na história de São Paulo, porque ele aproximaria os padres jesuítas dos nativos que ajudariam na construção do pequeno burgo... vila... cidade... metrópole.

Por conta da aproximação com Ramalho e os indígenas nativos de Piratininga, Cordeiro (1953) ressalta o papel de Manoel da Nóbrega na fundação de São Paulo e escreve sobre seus feitos, inclusive chamando-o de visionário! Segundo esse autor, foram os relacionamentos com Ramalho e Tibiriçá que levaram Nóbrega ao topo da colina histórica, onde, certificando-se da fertilidade do solo, da qualidade do clima e das questões de segurança, havia encontrado o lugar ideal para estabelecer a missão cristã. O trecho a seguir é capaz de envolver as questões da geografia do lugar com os propósitos da Companhia de Jesus comandada por Nóbrega:

Bem estudadas as condições geográficas do planalto piratiningano, bem refletido e amadurecido o seu plano, voltou Nóbrega para o litoral, onde recebeu os novos missionários trazidos por Leonardo Nunes, bem como a notícia de sua nomeação para provincial do Brasil. Passaram-se as festas do Natal e raiou, finalmente, a madrugada de 25 de janeiro de 1554, quando treze soldados de Cristo alicerçaram os fundamentos da atual cidade de São Paulo. O primeiro ato dos missionários foi a homenagem a Deus, através do seu culto: a celebração do santo sacrifício da missa. A benção do Altíssimo caiu sobre o campo de Piratininga, fecundou-o, fertilizou-o e transformou-o na metrópole de hoje, esta gloriosa, heróica, e pujante São Paulo (Cordeiro, 1953, p. 43).

O Pateo no batismo de São Paulo

Personagens polêmicos, os jesuítas desembarcaram nas terras recém-descobertas junto com o primeiro Governador-geral, Tomé de Sousa, que aportou na Bahia em março de 1549. Dentre os seis sacerdotes pioneiros encontrava-se Manuel da Nóbrega, que, cinco anos mais tarde, participava da importante missa oficializando a instalação do Real Colégio de Piratininga. Celebrada pelo padre Manoel de Paiva sob os olhares curiosos dos guianás e tupiniquins, a cerimônia realizou-se em 25 de janeiro de 1554, data que corresponde ao dia da conversão do apóstolo Paulo, justificando assim o nome dado à cidade (Terciano Torres, 2004).

Dia 25 de janeiro é a data em que é celebrado ano após ano, desde 1554, o dia do nascimento da cidade de São Paulo... trata-se de uma “data-marco”, um recurso do historiador, explica Alfredo Bosi (1992, p. 20), funcionando como “pontas de *iceberg*”, “pontos de luz” e “símbolos”... analogias que dinamizam o significado estático de uma data e do acontecimento que tenciona encravar no calendário e, portanto, na memória coletiva, implicando que há mais do que o fato memorável, que é todo contexto social, econômico e político envolvendo e transformando o próprio fenômeno. Com isso, queremos ressaltar que o dia 25 de janeiro de 1554 é um ponto luminoso, alertando-nos para a existência de um contexto mais amplo do que o próprio momento imortalizado pelo dia memorável, que foi a fundação de São Paulo.

Na tentativa de lançar mais luz sobre o que ficou obscurecido pela data consagrada, Eduardo Bueno (2004, p. 7), no dia em que a cidade celebrava 450 anos, afirmou o seguinte: “São Paulo não teve um nascimento mas vários”. Nessa direção, o aniversário de 450 anos da cidade foi uma motivação para essa assertiva do autor, buscando ampliar a compreensão coletiva da própria fundação de São Paulo. O que o autor chama atenção é para os fatos submersos ao simbólico dia 25 de janeiro, inspirando-nos a investigar o batismo de São Paulo no Pateo do Collegio a partir de múltiplas visões. Muito embora, conforme constatamos a partir do seguinte alerta de Taunay, tal empreitada não seja fácil...

... Pobre, pobríssima a nossa iconografia nacional até meados do século XIX. Se em geral a brasileira não é, senão diminuta, a de São Paulo muito mais se apresenta desprovida de elementos do que qualquer da dos outros três núcleos principais das velhas regiões do país, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro (Taunay, 1954, p. 5).

Tal lamentação fora redigida por um dos mais renomados historiadores da cidade de São Paulo, em livro editado e publicado especialmente por conta da celebração do seu quarto centenário. Além de iconografia pobre, outros autores nos lembram de que há poucos textos originais que retratam a história da cidade, a exemplo de Alves (1975, p. 65), que afirma: “os nossos arquivos estão pobres, notadamente em questão de manuscritos, a maioria destruídos ou desviados, diminuindo e restringindo o campo da pesquisa histórica”. Lomonaco (2004, p. 120) também recorda que “a documentação existente sobre as edificações dos jesuítas no Pátio do Colégio, o umbigo da metrópole, reduz-se a cerca de uma dezena de desenhos e pinturas realizados a partir do século XIX e alguns mapas da cidade”.

E mesmo com poucas referências, Affonso Taunay (1954) ocupou-se de recuperar a trajetória dessa cidade desde o dia da celebração da conversão de São Paulo, 25 de janeiro, em missa celebrada em 1554, pelo padre jesuíta Manuel de Paiva, em um lugar especial: o alto da colina delimitada pelas águas do rio Tamanduateí e do ribeiro Anhangabaú. O autor relata que São Paulo não era de interesse dos portugueses nos seus primeiros séculos de vida porque, além de ser um local pobre e de poucos habitantes – índios na sua maioria –, estava situada em um planalto de difícil acesso a partir da capitania de São Vicente (fundada em 1532). Na mesma direção, Lopes (1998, p. 16) afirma que o local era economicamente desinteressante para os portugueses, que o deixaram à margem do progresso civilizatório, longe de qualquer relação comercial com a Europa. Essa distância econômica e sua localização de difícil acesso são fatos que também contribuiriam para a ausência de documentos capazes de narrar sua própria história...

E se a cidade carece de suportes à sua história, mais ainda seu núcleo original, o Pátio do Colégio, situado no alto de sua colina histórica, que durante seus dois primeiros centenários foi de responsabilidade dos jesuítas, depois, no século seguinte, foi ocupada e administrada pelos capitães-gerais da província, até a proclamação da República no arrebol do século XIX e alvorada do século XX. Aqui,

fazemos um esforço de recuperar trabalhos de historiadores que já se debruçaram sobre os resquícios documentais que abordam o Pateo do Collegio e os jesuítas na região de Piratininga, depois São Paulo. Começamos pelo momento nomeado como antecedentes, em referência ao que (pode) ter ocorrido antes de 25 de janeiro de 1554, a data oficial de fundação de São Paulo.

Tito Ferreira (1975), historiador interessado na presença dos jesuítas no Brasil, escreveu texto específico sobre a fundação de São Paulo, no qual apresenta seus antecedentes mais antigos, explicando o nascimento da Companhia de Jesus desde as trajetórias de Inácio de Loiola pelas universidades de Alcalá de Henares, Salamanca e Paris, até sua viagem para Roma, em 1538, com o propósito de ter reconhecida sua campanha como ordem religiosa, o que somente aconteceria em 1540. E, como já mencionamos, a fundação de São Paulo pelo batismo conduzido no Pateo do Collegio e a trajetória da Companhia de Jesus de Loiola estão intrinsecamente relacionados...

Nesse texto, Ferreira (1975) explica que os trabalhos educacionais da Companhia iniciaram na cidade de Lisboa, em 1539, antes mesmo de seu reconhecimento pelo Papa. Eram os filhos dos nobres seus alunos. Entre os anos de 1539 e 1548, a Companhia teria se firmado como instituição educadora, ao serem criados, pelo Rei Dom João III, o Real Colégio de Santo Antão, em Lisboa, e o Colégio das Artes, anexo à Universidade de Coimbra. Esse rei criou o Estado do Brasil no ano de 1548, e nomeiou o Padre Manoel da Nóbrega como primeiro secretário da educação desse estado recém criado. No Brasil, Nóbrega estabeleceu, em 1549, a primeira escola em Salvador, o Real Colégio Lusobrasileiro e, em seguida, os reais colégios de Porto Seguro, Ilhéus, Espírito Santo e São Vicente.

Em 31 de agosto de 1553, Nóbrega se encontraria em Santo André da Borda do Campo com João Ramalho, nomeado por Ferreira (1975, p. 13) como “o mais antigo homem (português) que está na terra”, que era genro do cacique do Planalto de Piratininga, que é Tibiriçá³. Na mesma página, o autor afirma que os índios de Tibiriçá ajudaram Nóbrega a “erguer o rancho de pau-a-pique, coberto de sapé”, no alto da colina entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí, onde se instalaria o Real Colégio de Piratininga, cujo primeiro mestre-escola seria o Irmão Antônio Rodrigues. Em poucas palavras, Ferreira (1975) narra a trajetória de norte a sul de Nóbrega, de

³ De acordo com Taunay (1954, p. 26), a taba de Tibiriçá ficava localizada onde hoje estão o largo e mosteiro São Bento.

Salvador até a Capitania de São Vicente e, nessa reconstituição, afirma que o nascimento de São Paulo de Piratininga, e a primeira construção no alto da colina, não aconteceram no dia 25 de janeiro de 1554, mas em 31 de agosto de 1553, quando Nóbrega esteve em Piratininga e, em sede provisória, catequisou cerca de 50 catecúmenos. No entanto, a data consagrada é o dia da conversão de São Paulo...

... Passadas as festas de Natal, Ano Bom e Reis, os jesuítas, sob o comando do Padre Manoel da Nóbrega começam a escalada árdua da serra de Paranapiacaba. Atingem o planalto. Descansam em Santo André, na casa de João Ramalho. Chegam ao rancho, entre o Tamanduateí e o Anhangabaú, onde o Irmão Antonio Rodrigues ensinava os curumins a ler, escrever e cantar [...] E Nóbrega nomeia o Padre [Manoel de] Paiva para celebrar a missa padroeira de 25 de janeiro de 1554 [...] a cena é simples, o cenário grandioso (Ferreira, 1975, p. 14).

Nas outras obras sobre o Pateo do Collegio, pouco encontramos sobre os antecedentes do dia 25 de janeiro de 1554. Vejamos...

Afonso Taunay (1954, p. 25) aborda o período anterior a 25 de janeiro de 1554 em poucas linhas, inferindo que Nóbrega, “provavelmente por instigação do *Abarebebé*”, estabeleceu, em 30 de agosto de 1553, sede provisória de um colégio para catequese dos índios do solo de Piratininga – *Abarebebé* ou *Padre Voador* eram alcunhas do Padre Leonardo Nunes, um dos padres jesuítas responsáveis pela cristianização do Brasil tendo, inclusive, sido responsável pela criação da vila de Peruíbe, no litoral sul do estado de São Paulo. Contudo, Taunay (1954) afirma ser desconhecido o local desta construção provisória de Nóbrega, que data do ano de 1553. Tal sede de local incógnito, afirma o autor, teria sido base para o estabelecimento definitivo dos jesuítas no alto da colina histórica, no planalto de Piratininga, de local escolhido com todo cuidado:

Aí, a 25 de janeiro de 1554, dia consagrado pela Igreja à conversão do Apóstolo das Gentes, ocorreu a inesquecível cerimônia assinaladora da existência do novo Colégio de São Paulo, e primeira efeméride dos fastos paulistanos [...] Superior da Nova Missão era o Padre Manuel de Paiva, parente de João Ramalho. Coube-lhe celebrar o sacrifício incruento pelo qual, no mais tosco altar, abrigado por pequenos alpendre de palha, se encetou a vida piedosa e civilizada da dentro em poucos anos vila de São Paulo do Campo de Piratininga (Taunay, 1954, p. 25).

Ainda mais conciso, Menezes (1954, p. 7) conta que foi na véspera do Natal de 1553 que Manuel da Nóbrega enviou, de Salvador, os padres de sua Companhia para a Capitania de São Vicente e, em janeiro do ano seguinte, essa equipe de Jesuítas, sob a liderança do Padre Manuel de Paiva, subiu a serra “com mil dificuldades”, com o propósito de estabelecer um colégio no planalto de Piratininga, terra dos índios Tibiriçá e Caiubi. Menezes afirma que a missa solene, que batizaria a terra, seria celebrada por Paiva no dia de São Paulo...

... Ao amanhecer do dia 25 [de janeiro de 1554], em que a Igreja comemora a Conversão de São Paulo, nos Campos de Piratininga, na colina sobranceira ao rio Tamanduateí e ao ribeiro Anhangabaú, num altar improvisado sob uma casinha de palha, o padre Manuel de Paiva dizia a primeira missa. Foi uma missa solene, a que assistiram todos, entoando cânticos (Menezes, 1954, p. 7).

Para Salgado (1976, p. 29), após o estabelecimento dos portugueses na Capitania de São Vicente, no ano de 1532, “era natural a idéia de penetrar no interior do País”, e avançar serra acima não era “propriamente uma aventura o devassamento”, pois o vilarejo de Santo André da Borda do Campo, habitado por João Ramalho e os índios das adjacências, dos caciques Tibiriçá e Caiubi, não eram hostis. Ademais, tal empreitada, afirma, era “um imperativo géo-político-espiritual”, embebido na responsabilidade que tinham de cristianizar os nativos brasileiros. Embora pareça seguro em sua leitura sobre a fundação de São Paulo, Salgado (1976) menciona diversas possibilidades para “os nascimentos” de São Paulo: o ano de 1532, com o povoamento de Piratininga; a data de 29 de agosto de 1553, e a presença de Nóbrega no solo de Piratininga; e o ano de 1560, quando há a incorporação de Santo André da Borda do Campo à Vila de Piratininga... Contudo, na interpretação de Salgado (1976, p. 45), a data-marco também se sobressai: o padre Manuel de Paiva, com a presença do Padre José Anchieta, oficializou o “ato litúrgico do batismo da terra, com a primeira missa dos campos de Piratininga, em 25 de janeiro de 1554”.

Moraes (1979, p. 11), de forma mais transparente que os outros autores, afirma: “perderam-se na poeira dos séculos as minudências relativas aos primórdios da fundação do Campo de Piratininga”... Não só isso, mas “ocorre lembrar que os arquivos dos jesuítas de São Paulo foram incinerados [...] quando da lamentável expulsão verificada em 1640” (Moraes, 1979, p. 12), concluindo que a única

concordância histórica é a de que os jesuítas, sob os nomes de Nóbrega, Paiva e Anchieta, foram os responsáveis pela fundação de São Paulo de Piratininga. Todavia, embora o autor seja jesuíta e lisonjeie seus antepassados, ele recorda que Martim Afonso havia fundado o povoado de Piratininga em outubro de 1552, ou seja, outro possível nascimento de São Paulo. No entanto, novamente, 25 de janeiro é a data que permanece...

Moraes (1979, p. 11) enaltece a fundação de São Paulo, afirmando que é “sem dúvida, uma das mais belas e gloriosas páginas da História do Brasil, cujo contexto define os alicerces da nacionalidade”. O autor não poupa adjetivos para o “magno acontecimento”, para a “missa gratulatória”, “inolvidável padre [Manuel de Paiva]”, “memorável episódio”, “eloqüente atestado de fé”, “louvada missão”, “admiráveis padres”, “gloriosa epopéia”, dentre outros... Segundo este autor, a missa de 25 de janeiro de 1554 foi celebrada por Paiva, na presença de Anchieta, João Ramalho, Tibiriçá, Caiubi, e numerosos índios.

A fantasia e a criatividade de Oscar Pereira da Silva, em pintura a óleo de 1909, disponível no acervo do Museu Paulista, oferecem uma possibilidade imagética de *observar* a missa de 1554 (figura 15). Nessa tela, os padres jesuítas estão no centro, ao pé da cruz, rodeados pelos gentios. Ao fundo, imagem de como seria a palhoça, a primeira construção para sede do conjunto colégio-igreja dos jesuítas.

Mais tarde, complementando as ideias pintadas por Oscar Pereira da Silva, a habilidade com o bico-de-pena e a capacidade imaginativa de Terciano Torres apresentariam outro olhar para a missa que se tornaria símbolo do nascimento da cidade de São Paulo, e que seria vinculada à sua fundação, no dia 25 de janeiro (figura 16). Nessa tela, a palhoça aparece mais estruturada, e também há outras duas construções. A vida cultural parece em desenvolvimento, porque a missa é celebrada em frente à palhoça, mas, há portugueses e indígenas em outras ocupações. Torres inclui, ainda que de forma bastante discreta (no canto inferior esquerdo), os planos para a nova construção do conjunto colégio-igreja, inferindo que desde a primeira missa já se imaginava um lugar perene...



Figura 15: A missa de 25 de janeiro de 1554 pintada por Oscar Pereira da Silva.
Fonte: Tirapeli, 2007, p. 71.

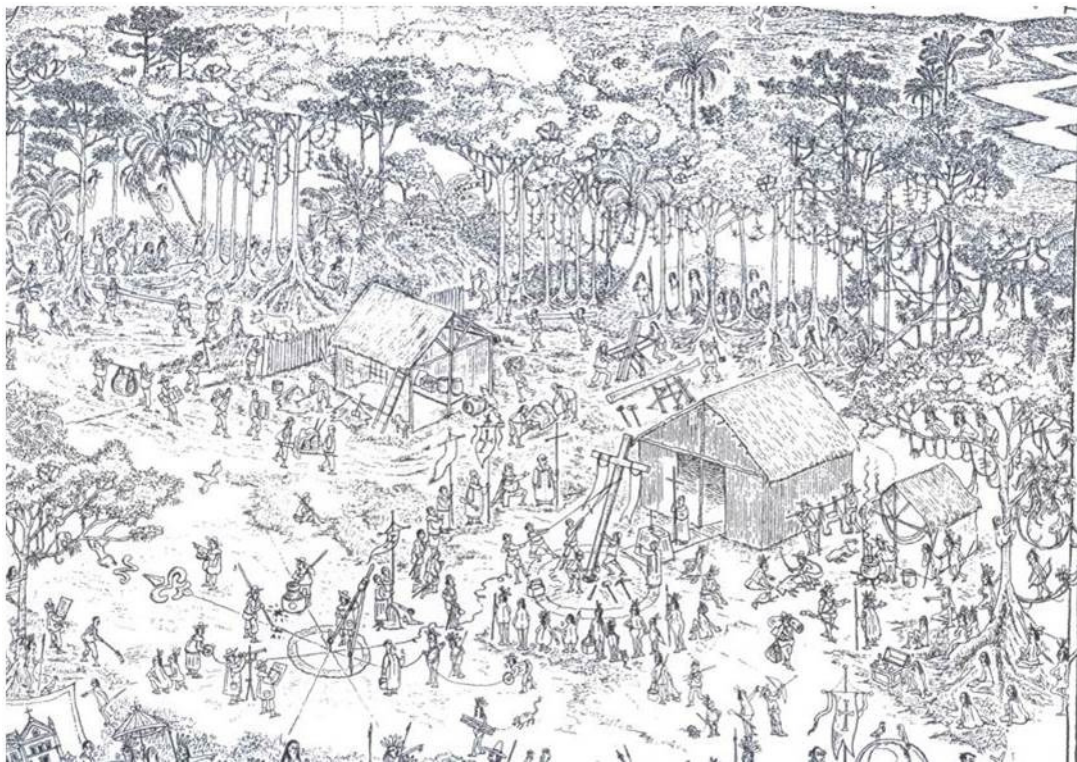


Figura 16: O batismo em 25 de janeiro de 1554 no bico-de-pena de Terciano Torres.
Fonte: Torres, 2004, s.p.

As imagens de Oscar Pereira da Silva e de Terciano Torres, que localizam o Pateo do Collegio na origem da cidade de São Paulo, podem ser somadas às palavras de Kehl (2004), que definem a simbologia de uma fundação, de forma a esclarecer a força simbólica desse lugar como berço e embrião da futura e gigantesca cidade:

Fundação consiste, assim, na fixação da coisa em seu lugar: em seu lugar no espaço mas também no tempo, pois é a fundação que dá início ao tempo, fixando um marco a partir do qual ele passará a ser contado. E, realmente, a data de fundação, além de ser a referência cronológica por excelência, tornava-se, em muitos casos, especialmente devidos aos cuidados astrológicos de que se cercava, a verdadeira **profecia** da cidade, contendo em germe suas potencialidades futuras (Kehl, 2004, p. 87, grifos do autor).

Em uma visão mais recente, Lomonaco (2004, p. 116) conta que os jesuítas, estabelecidos em São Vicente, resolveram desbravar o espaço serra acima porque o Padre Manoel da Nóbrega teria se sensibilizado com a dificuldade que as famílias de Piratininga tinham para visitar e levar alimentos aos estudantes do colégio de São Vicente: “preocupado [Nóbrega], o provincial decidiu transpor a serra”. A autora também tem dúvidas quanto ao simbólico 25 de janeiro de 1554: “já não teria ali celebrado Nóbrega, no 29 de agosto anterior, quando fez solenemente os 50 catecúmenos?” (Lomonaco, 2004, p. 118). E para complicar ainda mais a possibilidade de acordo entre os historiadores, a autora não menciona o Padre Manoel de Paiva, mas apresenta o Padre José de Anchieta como fundador de São Paulo... E parece que, enquanto historiadora, ela também *cede* ao dia simbólico...

No imaginário social, a fundação da cidade projeta-se como um fato consagrado, com uma data precisa – o dia 25 de janeiro de 1554 – e um espaço concreto – a colina no topo da qual viria a se situar o Pátio do Colégio (Lomonaco, 2004, p. 114).

Tanta simbologia gravita ao redor da data e do lugar da fundação de São Paulo, que não podemos aceitar a idéia de Morse (1970, p. 27) de que “São Paulo teve duas fundações”, se referindo ao povoado de Santo André da Borda do Campo, em adição à “missão jesuítica e seu colégio, estabelecidos em 25 de janeiro de 1554 numa colina estratégica”... Dia 25 de janeiro de 1554, um ponto luminoso no

continuum tempo-espaço da vida do Pateo do Collegio e da cidade de São Paulo, a ponta de um *iceberg*, com diversas histórias submersas...

Ferreira (1975), Taunay (2004; 1954), Menezes (1954), Salgado (1976), Moraes (1979) e Lomonaco (2004): jesuítas e/ou historiadores, conhecedores e entusiasmados pelo Pateo do Collegio e São Paulo divergem ou questionam sobre a data e sobre o fundador da cidade, alguns mencionando personagens desse acontecimento que outros ocultam, alguns escrevendo sobre a facilidade que os jesuítas tiveram em sair de São Vicente até o alto da colina histórica, outros tratando o fato como aventura... Tudo isso, portanto, nos oferece múltiplos olhares sobre o lugar no passado, e sobre o passado do lugar...

O que apreendemos deste primeiro momento é que, independentemente de um motivo *verdadeiro* que tenha incitado o deslocamento dos jesuítas de São Vicente até o alto da colina no planalto de Piratininga, observamos em sua memória documentada aquela “vontade intrépida de correr o mundo” da geograficidade de Dardel (2011), ou seja, uma vontade de conhecer o espaço desconhecido, de se aventurar sobre novas paisagens e ampliar seu elo com o mundo que acolhe, abriga e transforma... O local e a acentuada presença da fé religiosa são outras duas concordâncias sobre a fundação de São Paulo. Como bem argumenta Lopes (1988, p. 16), “a catequese foi, pois, a origem não apenas da fundação de São Paulo, mas também de sua função urbana”.

Tempo e espaço juntos no estabelecimento de uma poderosa insígnia na vida cultural paulistana, que marcam o lugar com elementos concretos e simbólicos que ajudam a entender suas transformações morfológicas e culturais, desde sua ocupação inicial, e também a compreender melhor alguns elos afetivos que ali se estabelecem. Nessa emblemática locação, a fé cristã dos jesuítas conviveu com colonos portugueses e com nativos, transformando sua vida, cultura e identidade, modificando, simultaneamente, a primitiva locação habitada pelos índios, e por ela sendo influenciada. Nem o tempo nem a cultura apagam essas marcas; pelo contrário, mantém vivas essas relações Homem-Terra, mesmo que obscurecidas ou ocultadas pelos artefatos e pela história documentada, seu espaço construído e/ou seus elementos simbólicos revelam seus significados, às vezes até os mais misteriosos...

Os colégios dos jesuítas no Pateo

Padre Manoel da Nobrega entrepara
um momento no alto da colina;
alonga o olhar pela paisagem clara
e a sua alma toda se ilumina.

Padre Manoel de Paiva entre a coivara,
Na humilde capela pequenina
a missa padroeira celebrava,
enquanto Anchieta os corumins ensina.

O Pátio do Colégio é o verde engaste,
Onde a estrela dos filhos de Loiola
fulge acesa no topo da restinga.

E assim Manoel da Nobrega fundaste,
sob o sinal de Cristo e numa Escola
esta São Paulo de Piratininga.
(Tito Livio Ferreira, 1953a, p. 6).

No alto da colina estratégica, os jesuítas, com ajuda dos índios do cacique Tibiriçá, ergueram uma pobre casinha de pau-a-pique... Nas cartas de Anchieta, essa é a *paupercula domus*... o trecho a seguir, retirado dessas correspondências, tornou-se lugar comum na literatura sobre a história da cidade de São Paulo e a do próprio Pateo do Collegio; contudo, dado seu conteúdo afetivo e histórico, também precisamos reproduzi-lo:

De janeiro [de 1554] até o presente tempo [entre maio e setembro de 1554] permanecemos algumas vezes mais de vinte, em uma pobre casinha feita de barro e paus, coberta de palhas, tendo quatorze passos de comprimento e apenas dez de largura, onde estão ao mesmo tempo a escola, a enfermaria, o dormitório, o refeitório, a cozinha, a dispensa [...] Os índios por si mesmos edificaram para nosso uso esta casa; mandamos agora fazer outra algum tanto maior, cujos arquitetos seremos nós, com o suor do nosso rosto e o auxílio dos índios [...] Já os meninos que freqüentam a escola, cujo ânimo não se abala expostos ao vento e ao frio, agora também, aquecendo-se ao calor da fogueira, em paupérrima e antiqüíssima, porém decerto, feliz cabanazinha, vemos que se aplicam à lição (Anchieta, 1933, p. 43).

Uma cabaninha feliz, escreveu Anchieta (1993) para expressar a relação afetiva com o lugar. Essa descrição da vida na pequena construção dada pelo padre jesuíta ressoa com a poética da casa, muito bem delineada por Bachelard (1993, p. 24): “a casa é nosso canto do mundo, [...] o nosso primeiro universo”... ainda, “mais que um centro de moradia, a casa natal é um centro de sonhos”... Por isso, a visão do padre jesuíta é extremamente importante para o sentido do lugar: mesmo na *paupercola domus*, aqueles que lá habitavam encontraram seu sentido de pertencimento e de filiação com o lugar, não pelo conforto ou pela riqueza e ostentação, mas por causa do próprio lugar, que permite sonhar, e dos sentimentos de ser acolhido, protegido e de felicidade!

“Os escritores da **casinha humilde** evocam com frequência esse elemento da poética do espaço”, afirmou Bachelard (1993, p. 24, grifo meu) e, dessa maneira, revela que o encanto com uma casinha não é somente a dos jesuítas nos primeiros dias do povoado de São Paulo de Piratininga, mas que esse encanto é compartilhado por todos que conseguem viver o sonho de um lar, seja construído entre paredes de cristal, seja coberto por palhas e acalentados por uma simples fogueira... É, portanto, na poética do espaço que encontramos o sentido de comunhão entre aqueles que batizaram São Paulo e o lugar escolhido, tal qual nos revela Salgado (1976):

Foi nessa *paupercola domo* que nasceu São Paulo, sob o signo da civilização cristã. Ali ensinou Anchieta a primeira lição do catecismo e da cartilha; ali se emplumou o pequenino burgo para o grandioso destino que o esperava; ali se escreveram as primeiras crônicas de uma história fabulosa (Salgado, 1976, p. 73).

A poética de Bachelard (1993) explica que o sentido de casa ultrapassa as qualidades apreendidas pela geometria do espaço e pelas qualidades tangíveis. Por isso, a *paupercola domus* é o ninho da existência do Pateo do Collegio, sendo o lugar onde é possível recolher-se, estar consigo mesmo e redescobrir os sonhos... o ninho acolhe pela simplicidade. Talvez não seja mera coincidência que a cidade de São Paulo tenha nascido de uma simples cabaninha de pau-a-pique, porque, quando o acolhimento é total, nas palavras de Bachelard (1993, p. 79), “o que se vê da janela pertence à casa”... Do alto da colina, a futura cidade descortinava-se aos

olhares daqueles que ali se assentaram, e descobriram o lugar como lar, e este lar como ninho... Saber onde São Paulo nasceu permite evitar a decepção vivida por Bachelard (1993, p. 106) de descobrir um ninho “tarde demais”, e perder a oportunidade de ver o pai, a mãe e os filhotes. O ninho remete à infância, e a infância carrega sempre o sabor de descobrir o mundo...

Pouco mais de trezentos anos é o tempo que separa a primeira construção de Nóbrega, Anchieta e Tibiriçá dos desdobramentos históricos de São Paulo de Piratininga até a proclamação da república, no final do século XIX. Nesses três séculos, o lugar elegido pelos padres jesuítas teve sua construção central, colégio e igreja, feito e refeito algumas vezes, isto é, foi construído, abandonado, reformado e ampliado. Uma construção cheia de significados e de afeto, cuja explicação encontra-se longe do Pateo, mas em outro lugar, ao redor do lago Walden, onde Thoreau (2007) esclarece o quanto uma construção humilde, mas construída para abrigo e aconchego pelo suor do próprio esforço, é valorizada por quem nela irá habitar:

Em meus passeios nunca encontrei um sujeito empenhado na ocupação simples e natural de construir sua casa [...] Até parece que preocupa muito ao homem como pedaços de madeira se inclinam em cima ou debaixo dele, e de que cores rebocam sua casa. Significaria algo, se a rigor, tivesse sido ele quem os houvesse disposto e pintado... (Thoreau, 2007, p. 19-20).

Vimos que logo nos primeiros anos de ocupação, a população deixara Santo André para viver no planalto de Piratininga. O lugar sofreu diversos ataques de povos indígenas de outras tribos, sobrevivendo graças aos esforços de Ramalho e Tibiriçá somados ao próprio lugar que, em forma de acrópole, permitia melhor defesa. Ainda, nesse mesmo recorte temporal, os jesuítas foram expulsos e retornaram ao lugar duas vezes, antes da definitiva extinção da Companhia de Jesus pelo Vaticano, na década de 1770. Depois de colégio e igreja, explica Amaral (1975, p. 77), o Pateo tornou-se casa dos capitães-gerais da capitania, permanecendo como residência de governadores do estado até o início do século XX. Sobre as transformações do lugar, Nardy Filho (1953), afirmou:

... Foi, pois, essa igrejinha-palhoça, feita de pau a pique, coberta de palha, pequenina e aberta ao vento, a primeira Casa do Senhor que se ergue nestes campos de Piratininga [...] Por sucessivas e sucessivas reformas e aumentos passou essa igreja, até que, em 1896, ameaçando ruína, foi demolida (Nardy Filho, 1953, p. 97).

Para compreender o que aconteceu entre o batismo da terra, no ano de 1554 pelos jesuítas, e a demolição da igrejinha-palhoça nos primeiros anos de república, recorremos a Taunay (2004), Bruno (1991) e Morse (1970), historiadores que apresentam não apenas minuciosamente a trajetória histórica da cidade, como profundamente discutem suas implicações e repercussões sociais, econômicas e políticas. Para compreender o Pateo do Collegio enquanto lugar, precisamos entender a recíproca relação com a cidade que dele nasceu. Por isso, nos apropriamos dos densos tratados históricos e recuperamos, ainda que *en passant*, os momentos vividos pela cidade de São de Paulo, e seus reflexos no lugar.

Na literatura específica sobre o Pateo do Collegio, Salgado (1976) e Moraes (1979) são declaradamente jesuítas e, assim, apresentam pormenores da relação entre o lugar e a fé cristã – que achamos relevantes e pertinentes, embora não seja essa dimensão que nos conecta com o lugar. Enquanto Salgado (1976) oferece uma visão política em defesa da reconstrução do edifício demolido em 1896, Moraes (1979) apresenta cerca de 50 páginas com imagens de objetos sacros, aquarelas do Pateo que datam do século XIX e fotografias da última grande reconfiguração do edifício, nos anos 1950 a 1970. Ainda, imagem de todas as fases do conjunto colégio-igreja dos jesuítas podem ser encontradas em fotografias no artigo de Lima (1999) e no livro de Donato (2008), ou até mesmo em desenhos, na belíssima obra de Terciano Torres (2004) na qual, por meio de ilustrações a bico-de-pena, o autor retrata as transformações na construção a cada data-marco importante: a celebração da missa inaugural, a construção da *paupercola domo*, a ampliação do colégio e da igreja, a primeira expulsão, a reforma e ampliação, a segunda expulsão, a demolição... e em cada gravura, uma leitura do contexto político e econômico.

Para compreensão biográfica do lugar, à luz da geograficidade, apresentamos nossa leitura a partir dessa extensa historiografia, cercando algumas datas-marco. Curiosamente, entre a *paupercola domus* e o início do período republicano, embora seja um período consideravelmente longo, ocupando mais de três séculos da vida do Pateo do Collegio e da evolução da vila de Piratininga à cidade de São Paulo, a literatura pouco se aprofunda nos acontecimentos. Praticamente uníssono, o que os

autores consideram mais relevante são as expulsões dos jesuítas do solo paulistano e as consequentes reformas no conjunto colégio-igreja. Taunay (1954, p. 19), ainda, constata que de 1554 até o ano de 1808 não foi recuperado nenhum documento topográfico do lugar, e os parcos escritos são as cartas dos próprios jesuítas... Vejamos, então, o que podemos apreender desses dois séculos de vida.

Passados dois anos da celebração da missa inaugural do dia 25 de janeiro de 1554, começava-se a formação do núcleo de Piratininga no entorno da igreja erguida pelos jesuítas, principalmente por causa da chegada de alguns habitantes vindos de Santo André. Assim, possivelmente melhor estabilizados no alto da colina histórica, e com uma população maior, os jesuítas iniciaram a construção de colégio e igreja definitivos, sobre projeto e supervisão do padre Afonso Brás, e mão de obra portuguesa e indígena. Segundo Carlos Lemos (1998, p. 25), a técnica escolhida pelo jesuíta foi a taipa de pilão, já que na própria região não havia pedras, calcários ou qualquer outro elemento para compor as paredes desse novo conjunto colégio-igreja, que substituiria a construção provisória e acolhedora da *paupercula domo*. Segundo Moraes (1979, p. 21), a nova edificação fora solenemente inaugurada no dia primeiro de novembro de **1556** – embora o próprio historiador afirme que não há documentos que a descrevam...

Explica Taunay (1954, p. 49) que a Vila Santo André da Borda do Campo, oficialmente criada no ano de 1553 por Tomé de Sousa, foi também oficialmente extinta por um alvará de Mem de Sá no ano de 1560, fazendo com que seus habitantes migrassem para o entorno do conjunto colégio-igreja dos jesuítas no planalto de Piratininga. O curioso é ler, na formação histórica de São Paulo revelada por Morse (1970, p. 29), que os habitantes de Santo André admiravam a “clarividência com que tinham escolhido uma posição estratégica” e, portanto, teriam requerido ao governo sua transferência para Piratininga, a qual teria sido deferida em 1560. Bem, já sabemos que o autor se enganou quanto à *clarividência*, porque o Pateo não foi um lugar aleatoriamente encontrado, mas selecionado por causa de sua geografia. Quanto à migração de Santo André para o planalto de Piratininga, entre as dissonâncias apresentadas pelos dois historiadores, ficamos com a concordância: em **1560**, a população deixara Santo André para morar no alto da colina histórica, no burgo do colégio jesuíta.

Caminhando pela cronologia apresentada em sua historiografia, Taunay (1954, p. 26) escreve sobre a invasão da “Confederação dos Tamoios”, no ano de

1562, e a defesa comandada por Tibiriçá... Moraes (1979, p. 22) também narra o caso da invasão do planalto pelos ataques ferozes dos Tamoios, mencionando que fora erguida uma muralha de pau-a-pique defendendo o pequeno burgo, além da “coragem de guerreiro” de Tibiriçá. Parece-nos que, ao tentar recuperar a historicidade do Pateo enquanto acrópole defensiva, muitas lacunas foram deixadas sem resposta pelos pesquisadores. No caso dessas investidas realizadas pelos nativos, vimos Menezes (1954, p. 19) inferindo que a população de Piratininga vivia receosa dos ataques, talvez porque os índios gostassem de mulheres brancas, talvez porque não admitissem invasão ao seu território. Menezes (1954) nada escreve sobre a muralha, mas conta sobre a invasão de 1562 como uma feroz agressão ao povoado do planalto de Piratininga, que fora cessada por conta da bravura de Tibiriçá. Já Terciano Torres (2004), por sua vez, descreve em texto e imagem a paliçada (reproduzida na figura 17), afirmando o seguinte:

Até 1590, ou seja, por quase trinta anos, há referências⁴ à muralha, seguidamente remendada após estragos feitos pelo homem e pelo tempo. Pouco a pouco, porém, o silêncio vai envolvendo a fortificação e, no fim do século, já não se fala mais nela (Torres, 2004, s.p.).



Figura 17: A muralha, no bico-da-pena de Torres.
Fonte: Torres, 2004, s.p.

⁴ Sentimos muito o fato de Terciano Torres (2004) não expressar suas referências bibliográficas ao longo de suas explicações sobre cada período do Pateo retratado em tela nos seus belíssimos desenhos... Pelo conteúdo e forma de escrita, acreditamos que o autor tenha se baseado em Taunay e Morse, mas há outros que não conseguimos reconhecer.

Outro episódio marcante nessa longa jornada histórica do lugar é a presença dos bandeirantes em São Paulo, desbravadores da terra, dos nativos e da busca por metais preciosos. E a história narra forte incompatibilidade entre esse grupo e os jesuítas que habitavam o colégio e a igreja no planalto paulistano, em especial no que tange a escravidão dos índios. Esse conflito ideológico resultaria em algumas cenas violentas entre 1611 e **1640**, data da primeira expulsão dos jesuítas do solo paulistano... “só treze anos depois foram readmitidos, ficando o seu colégio e a igreja, durante todo este tempo, completamente abandonados” (Menezes, 1954, p. 9), o que levaria a ruína e desmoronamento do colégio e igreja erguidos em taipa de pilão, quase um século depois de sua inauguração.

Quando os jesuítas retornam ao planalto, em **1653**, logo se dispuseram a obras de reconstrução e ampliação do que havia sido destruído pelo abandono; daí Moraes (1979, p. 29) afirma que os jesuítas “trataram de eregir, sem mais tardança, um novo conjunto Igreja-Colégio, desprovido de atavios e ornatos onerosos, porém, sólido, amplo e funcional”. Apesar da vontade de ver sua igreja e colégio prontos, o historiador conta que as obras se arrastaram por quase cem anos até sua forma quase definitiva, sendo ampliada com a construção de uma ala perpendicular ao colégio, no ano de 1745.

Contudo, explica Salgado (1976, p. 93), por ordens do Marques de Pombal, os jesuítas são novamente expulsos de São Paulo, no ano de **1759**⁵: “degradados e degradados pela terrível sentença de Roma, os filhos de Santo Inácio perderam tudo, menos a fé”. Assim, a partir de 1765, explica o autor, como o prédio do conjunto colégio-igreja era a melhor construção da vila, foi escolhido como residência dos governadores da capitania (depois província, depois estado), abrigando dezenas de governadores ao longo desses anos. Quanto à construção, o historiador afirma que foi reconfigurada algumas vezes de acordo com o gosto e a necessidade do governo em exercício, desconfigurando-a.

Para Lomonaco (2004), o lugar tornava-se simbólico no processo de expulsão dos jesuítas, afirmando que:

⁵ O Papa Clemente XIV extinguiria de vez a Companhia de Jesus no ano de 1773. Mais tarde, o Papa Pio VI a restauraria, em agosto de 1814. Informação disponível no sítio virtual da Companhia de Jesus no Brasil, <http://interativo.jesuitasbrasil.org/timeline/>, acesso em maio/2013.

... nada poderia evidenciar mais claramente esse processo do que a transformação do colégio dos jesuítas em residência dos Governadores da Capitania de São Paulo, a partir de 1765, insinuando ostensivamente a presença da Metrópole. Instalava-se no edifício do Colégio da Companhia de Jesus, de secular tradição, no coração da cidade – o Pátio do Colégio – a sede do poder político local (Lomonaco, 2004, p. 122).

Enquanto a edificação principal do Pateo era ocupada não mais pelo clero, mas, pelo poder administrativo da capitania e do estado, ela também teve uma diversidade de funções sociais, mencionadas por vários e distintos autores. Para Donato (2008, p. 178), esse era o destino do lugar: “servir sempre e para muita coisa”. Vejamos. De acordo com o próprio Donato (2008, p. 158-159), no ano de 1730, foi instalada no Pateo, transferida de São Vicente para o Pateo para que ficasse sob supervisão do capitão-geral, a Casa de Fundição dos Reais Quintos, uma espécie de casa da moeda, cuja função era transformar metais, principalmente ouro e um tanto de prata, em barras e moedas. O autor explica que a Casa de Fundição foi aberta e fechada três vezes durante o período em que existiu, de acordo com a vontade de cada novo capitão-geral, até 1819. Ainda de acordo com Donato (2008, p. 179), ali também foi uma espécie de hospital, atendendo a “parcela mais humilde da população”, e também teatro, apesar de que “notícias de que existiu e funcionou saltam de crônicas esparsas em atas e noticiários”, tendo apenas três peças documentadas.

Também em uma nota informativa, bem resumida, Castro (1954) afirma que o lugar, além de hospital, também funcionou como farmácia para a população local, sem, contudo, precisar em que data isso ocorreu... Outros autores também fazem rápidas menções às funções diversificadas do local onde residiam os governantes, como Santos Filho (1975, p. 173), ao afirmar que foram realizados, “no Pátio do Colégio, em São Paulo, exames de cirurgia para a diplomação de cirurgiões-aprovados”. Leite (1975, p. 74) escreve sobre a sessão solene do dia 25 de agosto de 1770, na qual o capitão-geral Dom Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, conhecido como Morgado de Mateus, “amante da alta cultura histórica”, na qual os letrados inauguram a Academia dos Felizes, que era a reunião de “letrados religiosos e civis”. Savelli (1975, p. 199), por sua vez, escreve sobre o Pateo como um lugar predestinado “às manifestações essenciais do envolver paulistano”,

recuperando suas funções como primeiro centro religioso, primeiro colégio, primeiro centro administrativo, e primeiro teatro ao ser criada, no ano de 1832, a Casa de Ópera no subsolo do edifício principal do Pateo, tornando um lugar de cultura e de frequência de autoridades e, pouco mais tarde, dos acadêmicos da Faculdade de Direito que seria fundada em 1827.

E ratificando as afirmações sobre a carência de documentos iconográficos, não há nenhum registro imagético sobre todo esse período, que vai do batismo da terra, passando pelas construções e reconstruções dos três conjuntos colégio-igreja no mesmo local, e abordando as expulsões dos jesuítas até a tomada definitiva do lugar e da construção pelo governo da capitania. Em concordância, os historiadores atribuem a Thomas Ender o mérito pela primeira imagem do lugar, em aquarela que data de 1817 (figura 18).



Figura 18: O Pateo do Collegio pintado por Thomas Ender, em 1817.
Fonte: Lomonaco, 2004, p. 121.

No próximo capítulo, tratamos do envolvimento do Pateo do Collegio no desenvolvimento de São Paulo no século XX, época em que a cidade cresce a partir do seu núcleo histórico, evidenciando a relação entre a futura metrópole e seu lugar de origem, conforme delineado por Suplicy (2004):

A História da Cidade de São Paulo é um formidável compêndio e registro de como a vila fundada pelo padre jesuíta José de Anchieta, por ocasião da missa celebrada no Pátio do Colégio em 25 de janeiro de 1554, transformou-se na mais dinâmica cidade do Brasil nas primeiras décadas do século XX, e naquela que hoje é a maior metrópole brasileira (Suplicy, 2004, p. 17).

Assim, buscamos compreender a emblemática presença do Pateo do Collegio nesse período de expansão de São Paulo, até a cidade tornar-se metrópole. E conforme a cidade vai crescendo e se desenvolvendo, as forças sociais e políticas do Pateo tornam-se ainda mais significativas, porque o lugar vai sendo reconfigurado a cada nova alteração da paisagem e do próprio contexto cultural da cidade. O propósito de nossos estudos é esclarecer que, nessas transformações, o berço da cidade não perde sua essência. Almejamos demonstrar, ainda, como sua geograficidade e a sua presença (*dasein*) permitem que o Pateo, ao mesmo tempo em que mantém essas memórias vivas em seus aspectos construídos, simbólicos e telúrico, seja compreendido como coração vivo dessa metrópole.

Capítulo IV

PATEO DO COLLEGIO EM TRÊS ÉPOCAS

O coração de São Paulo é um palimpsesto

O Pateo como Palácio do Governo

O Pateo como réplica do passado



O PATEO DO COLLEGIO EM TRÊS ÉPOCAS

Foi do Pátio do Colégio que irradiaram o esforço e a intuição pioneiros de jesuítas e portugueses para, com inusitado entusiasmo, erguer no Planalto pequena aldeia de gente ativa. Essa reunião de ideais, quando as condições gerais do país permitiram, fez da cidade provinciana, em que a aldeia se transformara, o centro propulsor de extensa região territorial. Mais de espaço, tal conglomerado humano se tornou em suntuosa metrópole, onde harmoniosamente convivem as mais diferentes raças, as quais, ao calor de imenso cadinho, se fundiram para proporcionar aos nossos olhos deslumbrados as atuais urbes modernas e agitadas (João Gualberto de Oliveira, 1975, p. 180).

A cidade de São Paulo desenvolveu-se a partir da área do Pateo do Collegio, com a ocupação dos jesuítas e a construção do seu colégio, fundado no ano de 1554. Como já esclarecido, a escolha desse lugar não foi por acaso, tendo os jesuítas se apoiado no conhecimento baseado na experiência intuitiva dos nativos, os indígenas da tribo de Tibiriçá, sobre a geografia do lugar para encontrar a localização ideal para instalação de sua Companhia: um espaço plano sobre o alto de uma colina oferecendo ótima visibilidade, cercado de rios navegáveis e piscosos, além de proporcionar proteção, pela dificuldade de acesso. E conforme vamos descobrindo mais sobre sua história e geografia, mais podemos relacionar essa escolha estratégica como um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento e a expansão urbana e demográfica da cidade de São Paulo. Ao recuperar a história do Pateo, Lomonaco (2004) nomearia a metrópole paulistana como resultante da evolução de uma ação coletiva inicial, qual seja, a ocupação da colina histórica e a construção do conjunto colégio-igreja pelos jesuítas:

A metrópole paulistana do século XXI nada mais é que o desdobramento dessa ação coletiva inicial, que, ao longo do tempo, por força dos acontecimentos, transformou o pequeno núcleo histórico inicial, na cidade dos mil povos, uma das maiores metrópoles mundiais, de cuja construção participaram homens e mulheres de todas as raças e etnias, fato que lhe confere o seu caráter cosmopolita e multicultural (Lomonaco, 2004, p. 120).

Neste capítulo, buscamos elementos para inserir o Pateo do Collegio na transformação vertiginosa da cidade de São Paulo, a qual tende a destruir seu patrimônio cultural e, com isso, parte de sua própria história e identidade. Esse movimento se refere às alterações morfológicas e estruturais que decorreram da urbanização e do exponencial crescimento populacional da cidade de São Paulo, no período que se iniciou nas décadas finais do século XIX e se intensificou na primeira metade do século XX.

Assim como as pessoas, os lugares também mudam... Enquanto alguns indivíduos carregam as mesmas feições e proporções ao longo de quase toda sua existência, outras se reconfiguram em pouco tempo, tornando-se *uma nova pessoa*. Entretanto, ainda que radicalmente diferente, em estética e/ou conduta, continua a mesma pessoa. Foi o que aconteceu com a cidade de São Paulo que, a partir da área do Pateo do Collegio, se transformou radicalmente algumas vezes, entre os últimos anos do século XIX e boa parte do século XX, até sua ascensão ao *status* de *megacidade* ou *metrópole global* – em referência ao seu gigantismo territorial, populacional, econômico etc. etc...

A respeito do desenvolvimento urbano de São Paulo, sua história revela que a cidade permaneceu como um núcleo provinciano até a última metade do século XIX, rapidamente urbanizando-se, modernizando-se e apinhando-se de habitantes na transição para o século XX, por conta da presença do capital originário da agricultura cafeeira, atraindo mão-de-obra imigrante, de italianos principalmente, e dando início à sua vocação multicultural. A partir dos anos 1920, a cidade passaria por nova transformação, principalmente em razão da concentração industrial ao longo da várzea, ladeando os trilhos das ferrovias. Com a industrialização, se intensificou a presença de instituições financeiras na área central, fortalecendo e ampliando o comércio e os serviços locais, além de diversificar sua população.

Nessa época, São Paulo recebeu imigrantes de vários lugares do mundo (italianos, portugueses, espanhóis, sírio-libaneses, japoneses, poloneses, iugoslavos etc.), tornando-se uma cidade cosmopolita. E devido a essa grande concentração de pessoas e as características próprias do capitalismo que se evidenciava na cidade, sua paisagem urbana foi ficando muito mais alta e bem mais extensa... suas artérias, mesmo ampliadas, passaram a comportar um fluxo cada vez mais intenso de veículos e pessoas... sua arquitetura mudou em material e estilo... os estilos se misturaram, se combinaram, se contrariaram... a pacata vila da colina do Planalto de

Piratininga recebeu a ferrovia, a eletricidade, o bonde, a luxuosidade, entretenimento e lazer, ostentação, indústrias, bancos... alguns locais da cidade foram abandonados... outros demolidos... outros revigorados... odiados amados... esquecidos... lembrados...

Na leitura de Toledo (1983), esse período de metamorfoses foi marcado por duas transições muito radicais na economia, na cultura e na própria imagem da cidade, permitindo a identificação de três cidades distintas e sobrepostas, criadas sobre o mesmo solo. A primeira transição foi a passagem da Cidade de Taipa para a Metrópole do Café⁶, enquanto a segunda transição foi a transformação da Metrópole do Café na Cidade Industrial e Moderna. São três cidades que, embora sua arquitetura, organização econômica e sociocultural tenham ocorrido no passado, ainda povoam a paisagem da capital na memória, mas também, por meio das construções e elementos simbólicos, de forma concreta na imagem da cidade. Em nossa interpretação, o Pateo do Collegio, como núcleo do desenvolvimento de São Paulo, acompanha e expõe esse movimento de transição entre as cidades e, contemporaneamente, acolhe as três, seja por meio do patrimônio construído, seja pela memória.

Por isso, o objetivo deste capítulo é discutir sobre como o Pateo do Collegio torna-se testemunha, guardião e representante dessas três cidades. Para isso, é preciso articular um complexo jogo de alternância de escalas geográficas, partindo do lugar onde a cidade se originou, para o Centrão que o envolve. Em seguida, olhar para as expansões urbanas horizontal, vertical e populacional de São Paulo, que foram ocasionadas pela própria transformação espacial do seu velho centro... Ainda assim, para entender o que aconteceu no Centrão, é preciso compreender os desenvolvimentos da urbanização e da arquitetura realizados na Europa e nos Estados Unidos que eram, de certa maneira, *importados* por São Paulo. Somente então, podemos regressar ao lugar onde toda essa complexidade teve origem: o alto da colina histórica, o Pateo do Collegio.

⁶ Além de Toledo (1983), Bruno (1991), Petrone (1995), Matos (1995), dentre outros, também se referem ao período em que a cidade foi se reconfigurando a partir do dinheiro originado da cafeicultura como “Metrópole do Café”, muito embora São Paulo somente fosse oficialmente reconhecida enquanto metrópole no ano de 1973.

O coração de São Paulo é um palimpsesto

O Pátio do Colégio integra, desde há muito, o conjunto de espaços qualificados como patrimônio cultural, e a história de sua edificação e usos nos últimos 100 anos encerra as marcas de modos distintos de apropriação da cidade (Solange Ferraz de Lima, 1999, p. 61).

A área do Pateo do Collegio, como núcleo do Centro Histórico a partir do qual São Paulo se desenvolveu, é simbólica para a cidade porque contém elementos que representam sua história e sua própria identidade, destacando-se a diversidade arquitetônica que a envolve, e a existência do Museu Anchieta no seu edifício central, cujo propósito é armazenar a história da ocupação jesuíta do século XVI e sua participação na evolução da cidade. Não obstante, a relação entre o Pateo do Collegio e a cidade de São Paulo é muito mais profunda do que a manutenção da memória paulistana. O Pateo do Collegio é o lugar que passou por todas as transformações da cidade, desde sua fundação, no ano de 1554, tendo participado ou testemunhado o desenvolvimento e os desdobramentos culturais e paisagísticos da Paulicéia. Entre os anos finais do século XIX e a década de 1970, o lugar se tornaria ainda mais significativo, porque as suas mais notórias construções seriam destruídas e reconstruídas três vezes, tornando-se um lugar totalmente diferente a cada reestruturação. Como nos recorda Lima (1999) na epígrafe: o que aconteceu com o Pateo foi o que aconteceu com a própria cidade à sua volta.

Por causa dessas transformações, que aconteceram por meio de demolições e novas edificações, podemos considerar o Pateo do Collegio um palimpsesto. Essa palavra, segundo Toledo (1983, p. 77) significa “um imenso pergaminho cuja escrita é raspada de tempos em tempos, para receber outra nova”. Esse autor utilizou essa palavra para descrever a área central da cidade de São Paulo entre os anos 1870 e 1970 que, assim como o Pateo, teve sua paisagem *raspada* duas vezes, para a criação de novas *escritas*... Essa ideia apareceu primeiro na poética de Mário de Andrade (2012) quando, ao caminhar pelo vale do Anhangabaú, ladeando o planalto de Piratininga nos anos 1920, sentiu-se, metaforicamente, estar flanando sobre um palimpsesto, denunciando as formas de apropriação da cidade, que pareciam desconsiderar sua história, sua memória e identidade, para criar, de imediato, uma nova...

Estes meus parques do Anhangabaú ou de Paris,
 onde as tuas águas, onde as mágoas dos teus sapos?
 “– Meu pai foi rei!
 – Foi. – não foi. – Foi. – não foi.”
 Onde as tuas bananeiras?
 Onde o teu rio frio encanecido pelos nevoeiros,
 contando histórias aos sacis?...
 Meu querido palimpsesto sem valor!
 (Andrade, 2012, p. 26).

A ideia de que o Pateo do Collegio pode ser considerado um palimpsesto nos remete à segunda metade do século XIX, quando o lugar era a sede do governo do Estado, ocupando as antigas construções jesuítas feitas em taipa de pilão, originalmente projetadas como colégio e igreja. Mas, no limiar do século XX, essa construção de taipa foi demolida e, sobre seus escombros, construído um luxuoso edifício de tijolos, em estilo neoclássico, denominado de Palácio do Governo. Não obstante, essa esnobe construção do Palácio foi demolida no ano de 1954 e, sobre sua fundação, construída uma réplica do antigo conjunto colégio-igreja dos jesuítas. As diferentes fases do Pateo como palimpsesto podem ser vistas nas imagens da figura 19, cronologicamente organizadas.

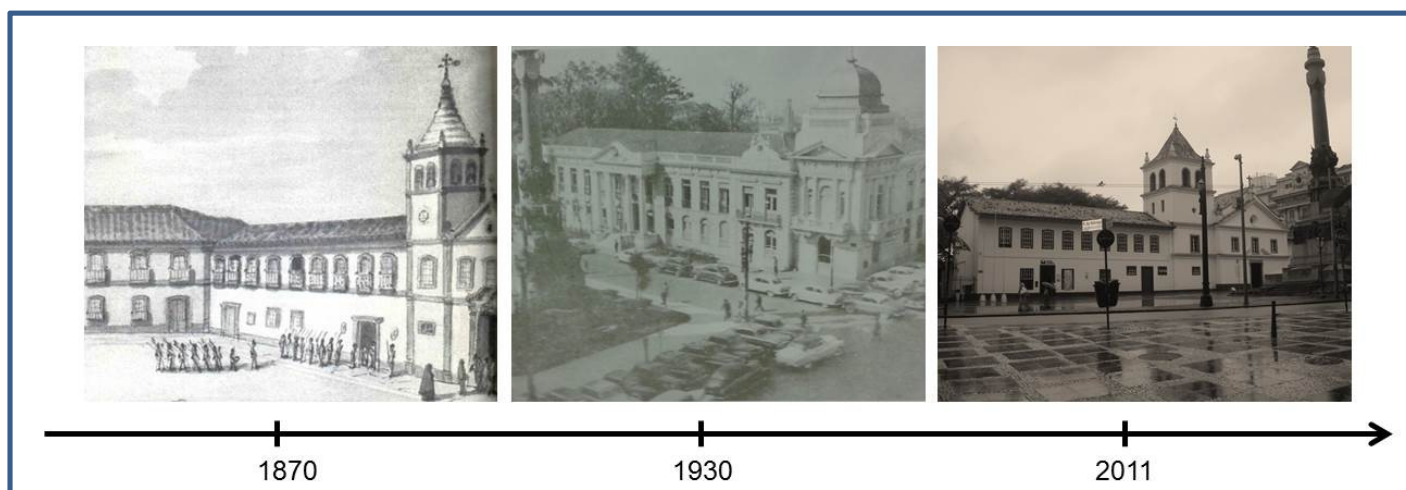


Figura 19: O Pateo como palimpsesto.
 Organizado por Ivan Fortunato.

Imagens, da esquerda para direita: aquarela de Jean-Baptiste Debret de 1827 (in: Lomonaco, 2004, p. 112); foto sem créditos (in: Moraes, 1979, p. 132); e foto de Ivan Fortunato, mar./2011.

Essas transformações do Pateo como palimpsesto foram motivadas pelas mudanças culturais, econômicas e políticas da própria cidade de São Paulo, que também viu sua paisagem se modificando, como se também fosse um enorme palimpsesto. A partir da última metade do século XIX, a cidade foi expandindo-se territorial e economicamente por intermédio do capital gerado pela cafeicultura e pela industrialização, e sua população foi aumentando e diversificando-se com a imigração europeia. Esses fatores contribuíram para o seu contínuo crescimento e desenvolvimento urbano, até São Paulo alcançar a categoria de metrópole, em 1973, ato oficializado pelo Governo Federal, por meio da lei complementar número 14 (Brasil, 1973)... E tudo começou e foi acontecendo do centro para a periferia, ou seja, a partir do núcleo construído e habitado pelos jesuítas no Pateo do Collegio, lugar que participou dessa evolução, foi envolvido nas destruições e reconstruções, e assistiu aos desdobramentos da cidade...

Ao fazer analogia com o ato de raspar e escrever por cima para descrever as transformações no Pateo do Collegio e o desenvolvimento da cidade paulistana, temos um alerta para as sequelas que ficam nos lugares, por meio de sobreposições de imagens que tendem a destruir o patrimônio, a identidade e a memória da cultura anterior, tornando-se vestígios que nem sempre são recuperados pela percepção dos novos usuários e habitantes, incapazes de se conectar à experiência...

Sobre esse tipo de relacionamento com os lugares, que é praticamente a ausência de relação, Relph (1976, p. 143) já havia anotado que atitudes de desprezo, rejeição e desmerecimento desenvolvidas sobre um lugar incidem, em seu mais profundo sentido, em uma *“pervasive and perhaps irreversible alienation from places as the homes of men”*. Isso acontece quando as pessoas deixam de reconhecer o sentido de um lugar, ignorando seus aspectos tangíveis e simbólicos, reduzindo-o a um local sem significado, sem identidade, sem diversidade, mas, alienado e alienante da geograficidade e do próprio sentido ontológico... Por isso, ao recuperar essas transformações do Pateo do Collegio, buscamos novos significados e possíveis valores para o lugar, indo além de museu que guarda e protege artefatos e registros históricos de São Paulo ou, como prefere Lomonaco (2004, p. 114), apenas como “espaço concreto” de fundação da cidade. Com isso, busca-se o necessário retorno à sua própria essência, capaz de configurar seu sentido enquanto lugar ontológico.

Ao escrever a respeito do palimpsesto, Toledo (1983) anotou as mudanças na cidade: a transição da economia agrária para industrial, depois financeira e comercial; a diversificação cultural, com a chegada da imigração europeia; a mudança na paisagem urbana por meio dos estilos e materiais arquitetônicos, da taipa colonial para o tijolo em neoclássico, depois para estrutura armada de arranha-céus. Segundo esse autor, houve duas contundentes transições, que podem ser compreendidas como passagens de uma cidade para outra, completamente nova, sobre o mesmo solo. Assim, a São Paulo de feições coloniais e construções de barro, nomeada como “Cidade de Taipa”, foi transformada em uma cidade urbanizada e gentrificada a partir do último quartil do século XIX, que ficou marcada pela literatura como a “Metrópole do Café”. A partir dos anos 1920, São Paulo assumia sua feição cosmopolitana e a economia se tornava industrial e financeira, levando a cidade a uma nova configuração, nomeada como “Cidade Industrial”.

A cada transição, o Pateo do Collegio foi destruído e reconstruído, tornando-se parte fundamental de cada uma dessas três cidades erguidas sobre o palimpsesto. Não obstante, o lugar é mais do que um marco representativo, mas guardião das cidades de taipa, do café e da indústria, cujos elementos ainda estão vivos e presentes no Pateo. Tratam-se de construções erguidas no próprio largo do Pateo ou no seu entorno, que podem ser consideradas símbolos de cada uma das distintas cidades que configuraram a identidade paulistana. A réplica do conjunto colégio-igreja jesuíta seiscentista como marco da Cidade de Taipa, no centro do largo do Pateo. Os edifícios da Secretaria da Justiça, representando a luxuosa Metrópole do Café, no entorno do Pateo. E o edifício Altino Arantes, o popular “Banespão”, anotando a robusta presença capitalista da Cidade Industrial, construído nas proximidades do Pateo, cuja altura o coloca em destaque na paisagem.

O croqui da figura 20 localiza, a partir do Pateo do Collegio, esses elementos considerados representativos de cada uma das metamorfoses da cidade de São Paulo.

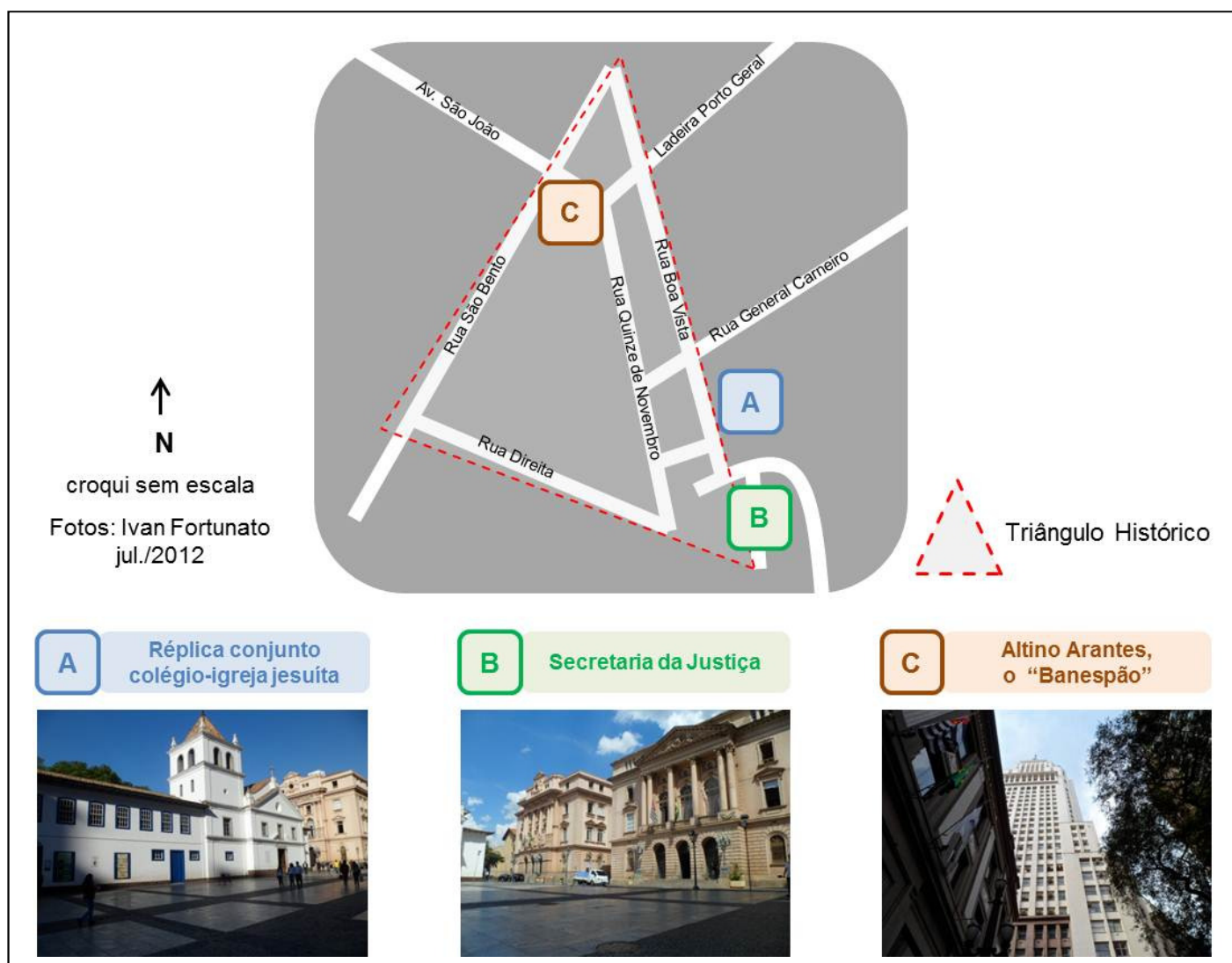


Figura 20: A partir do Pateo, elementos representativos de cada uma das “três cidades”.
Créditos: desenho de Ivan Fortunato.

A própria disposição das construções, o traçado das ruas adjacentes ao largo do Pateo e a excessiva verticalização que o envolve tornam impossível a captura, em uma única imagem, dos três elementos nomeados como representativos de cada uma das transformações, senão apenas de forma limitada. A melhor visão que temos é a da Rua Floriano Peixoto, entre os dois edifícios da Secretaria da Justiça (figura 21). Desse local, podemos observar, ainda que parcialmente, a Cidade de Taipa simbolizada pela réplica do Museu e da Igreja Anchieta, no centro da imagem; a Metrópole do Café na construção de Ramos de Azevedo, à direita; e a Cidade Industrial ao fundo, com destaque para a altura do “Banespão”.

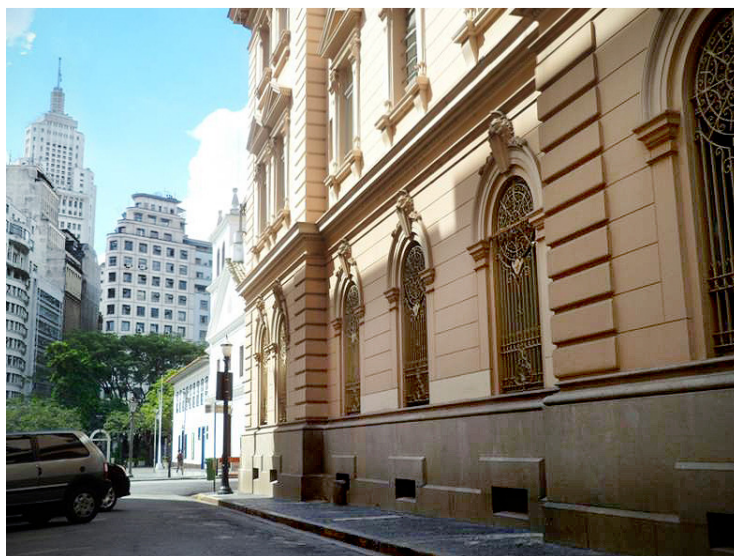


Figura 21: Elementos do Pateo do Collegio representativos do palimpsesto.
Créditos: Ivan Fortunato, fev./2013.

No próprio largo do Pateo do Collegio está o elemento de destaque “A”: a construção que abriga Museu e Igreja Anchieta, inaugurada em 1979, onde há artefatos da época da chegada dos jesuítas no lugar, imagens que reconstituem sua história e uma biblioteca. No pátio interior, protegidos por paredes de vidro, estão os restos de uma parede de taipa de pilão (figura 22), remanescente da construção original de taipa que, provavelmente, é a mais antiga da cidade... “preservada por contínuos e cuidadosos esforços, como uma homenagem ao passado e respeito àqueles que nos antecederam”, lemos no painel explicativo do Museu Anchieta, anexado à própria parede.



Figura 22: A remanescente parede de taipa de pilão no interior do Museu Anchieta.
Créditos: Ivan Fortunato, fev./2013.

No largo do Pateo, em sua face sul, está o elemento de destaque “B”. Trata-se da sede da Secretaria Estadual de Justiça do Estado de São Paulo, que ocupa dois edifícios em estilo neoclássico, semelhantes em forma, tamanho e cor, que podem ser chamados de *gêmeos* (figura 23). Enquanto a construção que acolhe o Museu e a Igreja Anchieta é o elemento concreto que simboliza o nascimento e a fundação oficial da cidade de São Paulo, os edifícios da Secretaria de Justiça são também representantes da história da capital, sendo as primeiras realizações de Ramos de Azevedo, arquiteto que teria exercido forte influência na paisagem urbana da cidade entre o final do século XIX e o início do século XX, por meio de várias obras de destaque, tais como o Teatro Municipal, a Pinacoteca, o Palácio das Indústrias, o “Mercadão”, dentre outras, como o edifício do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, bem em frente ao largo do Pateo.



Figura 23: No Pateo, prédios gêmeos representando a Metrópole do Café.
Créditos: Ivan Fortunato, fev./2013.

O elemento de destaque “C” se encontra a cerca de 350 metros, sentido norte, do Pateo do Collegio, também localizado no Planalto de Piratininga. Hoje, o lugar é a Praça Antônio Prado. Nessa praça, na confluência da Av. São João com a Rua São Bento está o Edifício Martinelli, de 1929, prédio simbólico para a cidade por ter sido o primeiro arranha-céu de São Paulo construído em estilo eclético, idealizado pelo imigrante italiano Giuseppe Martinelli. Contudo, o elemento de

destaque “C” não é o Martinelli, mas o Edifício Altino Arantes, conhecido como “Banespão”, inaugurado em 1947, projetado pela Camargo & Mesquita Engenharia (Acrópole, 1947), cuja imagem foi construída para ser vista de longe, simbolizando a presença do poder capitalista na cidade... Visto do Pateo, o “Banespão” é o arranha-céu mais alto, no centro, ao fundo (figura 24).



Figura 24: O Pateo observando o Banespão.
Créditos: Ivan Fortunato, fev./2013.

Se toda simbologia do Pateo do Collegio como local de fundação e núcleo do desenvolvimento urbano de São Paulo o torna um lugar emblemático para a cidade, os movimentos de sobreposição de funcionalidades e transformação do lugar o tornam ainda mais complexo, na medida em que revela a história de transformações culturais da cidade de São Paulo entre o final do século XIX e meados do século XX, passando de vila colonial a maior metrópole do hemisfério sul. Tudo isso fica ainda mais simbólico quando consideramos a imagem do lugar nos anos 1870, muito bem delineada por Oliveira (1975):

Os que hoje conhecem o Pátio do Colégio, marco de São Paulo de Piratininga, operosa e progressista, cantando *in illo tempore* bem no topo de um morro, dificilmente poderão fazer idéia do que teria sido esse logradouro há cerca de um século – pobre lugarejo com meia dúzia de casas rudimentares. E disso aliás ninguém se deve maravilhar, porque não se avaliava que desse núcleo, acanhado e modesto, surgisse uma formidável metrópole, trepidante, como é São Paulo de nossos dias. A cidadela permanecia ainda semi-estacionária (Oliveira, 1975, p. 179).

Esse lugar modesto, acanhado e pobre era o núcleo de São Paulo, no período descrito como “Cidade de Taipa”. Nessa época, a cidade tinha ruas de terra, sem calçamento, praças de barro pisado e foi, por muito tempo, uma pacata vila, praticamente concentrada no alto da colina histórica, tendo o Pateo do Collegio como lugar de escola e igreja até os anos 1750. Depois, quando da definitiva expulsão dos jesuítas do lugar, o Pateo permaneceu como núcleo da cidade, mas, como a construção do colégio dos jesuítas foi ocupada pelo governo, o lugar se tornou centro político e administrativo da cidadela que vivia semi-estacionária.

Ao escrever sobre a história do centro de São Paulo, Schwarcz (1994) confirma que nos anos 1860-1870, trezentos anos depois de sua fundação, a cidade de São Paulo era uma tranquila vila provinciana de feições coloniais, espremida entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí, abrigando cerca de 20 mil pessoas em uma pobre e pequena vila, no interior do sertão, que praticamente não participava de nenhuma relação econômica com o mercado europeu. Durante esse período, esclarece Lopes (1998, p. 18), as condições geográficas do planalto no alto da colina histórica ainda não teriam contribuído para o crescimento e desenvolvimento urbano do pequeno burgo, que vivia um tempo “estacionário”, e os crescimentos territorial e populacional, observados até o advento da ferrovia, foram vagarosos.

A imagética colonial das construções de taipa corresponde aos tempos “lento” e “vagaroso”, qualificando São Paulo como uma vila pequena e de vida mais morosa, bem distante da contemporânea metrópole. Nessa vila, o Pateo do Collegio era o lugar de encontro, seja por conta das missas celebradas na Igreja, seja como local de reunião cívica, no próprio Pateo em frente ao antigo colégio, convertido em sede do governo. Aliás, o primeiro registro fotográfico do lugar (figura 25), feito por Militão de Azevedo no ano de **1862**, captura parte da população da Cidade de Taipa, em um desses momentos em que o lugar era ponto de encontro dos seus cidadãos. Essa fotografia também expõe, pela primeira vez, a original construção de taipa do conjunto-colégio igreja jesuíta, edificado no século XVI.



Figura 25: O Pateo do Collegio em taipa, por Militão de Azevedo, em 1862.
Fonte: Lima, 1999, p. 64.

Essa fotografia de Militão de Azevedo tornou-se importante ícone da história do Pateo do Collegio como um palimpsesto, sendo uma das poucas imagens (se não a única) da realidade do lugar enquanto núcleo de São Paulo, na sua época de Cidade de Taipa. Dali alguns anos, segundo Andrade e Silva (1995, p. 82), o lugar “despedia-se São Paulo do período colonial, em busca do surto de progresso político, cultural, social, econômico, demográfico e urbano, que lhe caracteriza a história, desde a segunda metade do século XIX”. Com isso, a cidade viveria a transição para Metrópole do Café, na qual o Pateo seria *metamorfoseado*. Assim, duas décadas depois desse momento registrado pelo fotógrafo, o lugar começou a ser *raspado*, para que a cidade pudesse *reescrever* seu novo coração. Ao redor do Pateo do Collegio, começou a surgir uma nova cidade bem diferente do pequeno burgo que nasceu e pouco cresceu no seu entorno. De acordo com Scarlato (2004, p. 247), a pobre cidade deixava de viver sob o paradigma do tempo lento, porque “com a modernização das novas relações capitalistas empreendidas pela sociedade do café, aceleraram-se profundas transformações sócioespaciais”. O Pateo do Collegio, como lugar central da cidade, observou a vida acelerando-se, a cidade enriquecendo-se, crescendo, tornando-se cosmopolitana, ao mesmo tempo em que, como um palimpsesto, era modificado sobre si mesmo.

O Pateo como Palácio do Governo

... as próprias igrejas antigas, feitas de taipa segundo os moldes coloniais [...] desapareceram para dar lugar, no comêço do novecentismo, a templos edificados segundo estilos universalmente consagrados e portanto mais de acordo com a feição tanto quanto possível europeia que a cidade procurava assumir [...] escondendo ou eliminando qualquer traço não-europeu ou caipira que porventura perdurasse em suas ruas, em suas casas, em seus jardins, em seus costumes (Ernani da Silva Bruno, 1991, p. 911).

Na última metade do século XIX, o Pateo do Collegio em taipa despediu-se da pequena cidade de barro. Contudo, no limiar do século XX, foi a cidade moderna, urbanizada e gentrificada, que se despediu do Pateo, quando suas construções feitas em taipa foram inicialmente reconfiguradas e depois completamente destruídas. Sobre as ruínas dos moldes coloniais, caipiras até, foi construído o Palácio do Governo (figura 26), feito de tijolos, em arquitetura neoclássica como vista nas cidades europeias, tornando-se uma sede para o governo compatível com a luxuosa Metrópole do Café. Segundo Lomonaco (2004, p. 127), depois de concluída a construção do Palácio, podia-se dizer que “o governo do Estado se alojava, de agora em diante, em edifício cuja fisionomia refletia uma nova época”.



Figura 26: O Palácio do Governo no Pateo.
Créditos: Foto de autoria desconhecida (in: Moraes, 1979, p. 124).

A reconfiguração do Pateo do Collegio colonial em Palácio do Governo marcou a passagem da Cidade de Taipa para a Metrópole do Café, cuja transição, anotou Matos (1995, p. 104), foi resultado de uma complexa conjuntura originada de três elementos de maior importância: “a expansão cafeeira, a multiplicação das estradas de ferro e o surto da imigração europeia”. Tudo isso começou, conforme Monbeig (1975) e Lopes (1998), com o aumento do consumo de café nos mercados europeu e norte-americano e o fato de que a geografia paulista (solo, clima e topografia) era apropriada para a cafeicultura. Por isso Schwarcz (1994, p. 46) afirmou: “foi o café que tirou a pacata cidade de seu sono colonial, transformando o vilarejo em centro do comércio cafeeiro”. Segundo Taunay (2004, p. 237), a chegada da imigração provocada pela produção do café aumentou a população da cidade em seis vezes entre os anos 1870 e 1890, transformando a pacata cidade de 20 mil habitantes em uma grande cidade de 130 mil moradores. Se quase a totalidade desses imigrantes era absorvida pela cafeicultura, a outra parte desenvolvia atividades distintas no comércio, serviços, artes, ensino e, especialmente, na incipiente industrialização da cidade.

No seio dessas mudanças, estava o Pateo do Collegio observando a ocupação multicultural da cidade e a modernização de sua paisagem, porque como o núcleo administrativo do estado tinha se fixado na antiga construção jesuíta situada no Pateo, a elite cafeeira passaria a frequentar a cidade para cuidar dos negócios. Por consequência, na área do Triângulo Histórico se estabeleceu um triângulo econômico, compreendido pelo encontro das Ruas São Bento, Álvares Penteado e do Comércio surgindo o Largo do Café, de onde partiriam transformações físicas na paisagem da cidade: palacetes e grandes hotéis foram construídos, a pavimentação das ruas, a iluminação pela energia elétrica, o surgimento de bares e restaurantes, o desenvolvimento do comércio, a criação dos jardins, a expansão da área urbana etc... De acordo com Schwarcz (1994) e Moreno (2010), o centro paulistano tornou-se elegante, o local da alta cultura, do teatro, da ópera, saraus, mostras de arte, dos parques, das grandes avenidas e dos edifícios luxuosos.

Como resultado dessa intensa ocupação, o alto da colina histórica ficou pequeno. Então, criou-se um novo centro, para além do vale do Anhangabaú, por meio dos viadutos do Chá e Santa Efigênia. As novas construções, que iam sendo edificadas nessa área central expandida a partir do Pateo do Collegio, já não eram

mais de taipa. De acordo com Toledo (1983, p. 67), o trem “que desceu carregado de café pode, agora, subir com material de construção para se fazer uma casa igual àquela em alguma capital europeia”. Ficava evidente que a paisagem europeia era replicada em São Paulo, seja pela imigração italiana, seja pelas aspirações da elite estabelecida no Triângulo Histórico. A paisagem europeia não era representada em São Paulo apenas pela arquitetura neoclássica e suas construções em tijolos, mas, pelos ideais de urbanismo com foco no realinhamento e arborização de ruas e avenidas, construção de parques e a execução de obras públicas orientadas pela ótica higienista e sanitaria, tencionando resolver questões possivelmente originadas da falta de saneamento e acelerado crescimento da densidade demográfica. Segundo Petrone (1995, p. 145), “datam desse período o ajardinamento do vale do Anhangabaú, o alargamento da rua Libero Badaró e os melhoramentos introduzidos na Praça do Patriarca”, além da construção de diversos palacetes, da canalização dos rios Tamanduateí e Anhangabaú e das obras de saneamento de sua várzea.

O Pateo do Collegio, que observava a cidade se esparramando para além das várzeas do Anhangabaú e do Tamanduateí, tornando-se urbanizada, ajardinada, cultural... teria a prerrogativa de ser o lugar de estreia do engenheiro e arquiteto Ramos de Azevedo que, segundo Carvalho (2000, p. 237), foi o principal nome da modernização da cidade, sendo responsável por construções que romperam de vez com o estilo colonial paulistano, porque “não teve angústias de afirmação de autenticidade”. Para Lomonaco (2004, p.128), Ramos de Azevedo “teria o privilégio único de se expressar com toda autonomia”, transformado o espaço urbano do Pateo do Collegio, materializando suas ideias estéticas, compondo o local com edificações não apenas muito bem ornamentadas, mas altas o suficiente para “competir” com a torre da igreja, que se destacava na paisagem. Foram projetados os edifícios *gêmeos* em neoclássico italiano, um novo largo com jardim e uma bela fonte... Contudo, bem no centro do largo estava a modesta igreja jesuíta de taipa de pilão, contrastando com essa nova feição estilo europeia, mais moderna, mais luxuosa... Daí, a igreja em taipa foi destruída, e o lugar pode ser repaginado, construído como Largo do Palácio, tornando-se, de acordo com Lomonaco (2004), cartão-postal da cidade em **1902**, 1905 e 1908, todos fotografados por Guilherme Gaensly. Esses postais foram cronologicamente organizados na figura 27.

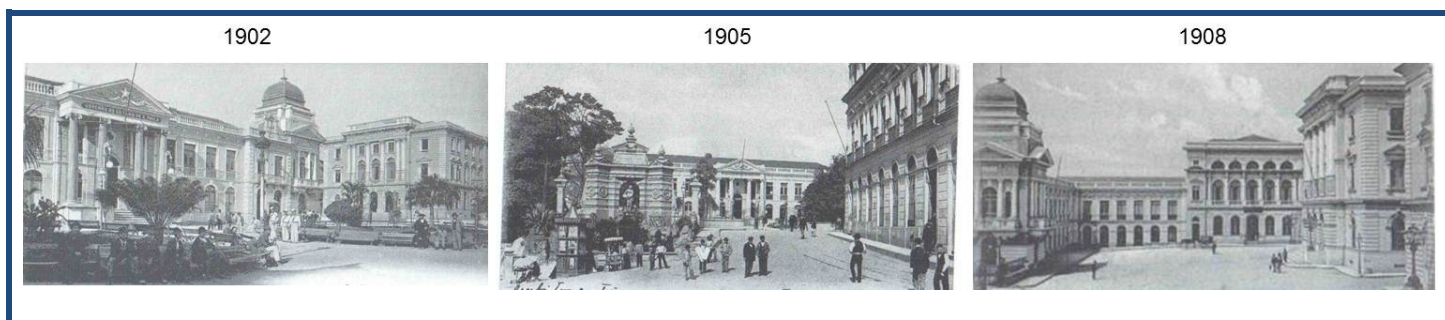


Figura 27: O Palácio do Governo nos cartões-postais de Gaensly.

Organizado por Ivan Fortunato.

Fonte das imagens: Lomonaco (2004, p. 128-131).

O que podemos observar nesses postais é que o antigo conjunto colégio-igreja jesuíta desapareceu completamente. Segundo Lomonaco (2004, p. 126), o Palácio do Governo “era extremamente representativo da cidade de tijolos que se impunha à velha cidade de taipa”. Mas, deveria o Pateo ser um palimpsesto? Era necessário destruir o patrimônio construído em taipa, do século XVI?

Nessa época, o Pateo já não exercia sua função religiosa, tendo sua Igreja sido abandonada à mercê de suas condições de preservação contra as intempéries climáticas do planalto paulistano... E estava tão má conservada, que a torre da Igreja ruiu em **1896**, depois de forte tempestade, e o que restou teria sido condenado pelos engenheiros, não havendo outra saída senão sua completa demolição... Segundo Menezes (1954, p. 11), foi no ano de 1891 que o governador Jorge Tibiriçá ordenou a demolição da igreja para que o espaço pudesse ser ocupado por dependências do Palácio. No entanto, sob a responsabilidade do bispo da diocese Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, o clero recorreu à decisão, levando a uma disputa judicial que durou cinco anos. Durante tal disputa, na noite do dia 13 de março de 1896, a torre e o teto da igreja, que já estavam danificados, ruíram, facilitando a decisão de destruição da igreja. O bispado fora indenizado e, com a verba do governo adicionada a doações, construiu a igreja do Imaculado Coração de Maria, no ano de 1899, na Rua Jaguaribe, no bairro da Santa Cecília, cerca de três quilômetros do Pateo. O altar e todos os objetos religiosos que restaram da queda da torre foram levados para essa nova construção.

Mello e Mello (1975, p. 20) também mencionaram a tentativa de proteção da igreja realizada por Dom Lino, cujo litígio se alastrou por um lustro... “Houve realmente, na noite de 13 para 14 de março daquele ano, um forte aguaceiro, com ventania e trovoadas que provocou o desabamento de outras construções”... contudo,

advertiram: “tem-se a impressão de que não houve surpresa: a queda da Igreja era esperada, e na verdade, até mesmo desejada por muitos”.

Salgado (1976) escreveu lastimando a decisão de destruir o marco de fundação de São Paulo e, com ele, parte da história e da memória da própria cidade. Foram séculos de vida de um testemunho de diversas experiências colocados abaixo, sem justificativas técnicas, na visão do autor, mas somente políticas...

Após uma delonga de cinco anos, aquela alta Corte confirmou, em sentença definitiva, a pretensão do Bispado. Mas a conjuração de circunstâncias adversas havia de prevalecer. A Igreja estava condenada. E na noite fatídica de 13 para 14 de março de 1886, em meio a uma tempestade, os moradores mais próximos do Pátio do Colégio foram despertados por um ruído insólito: era o desabamento de um lanço da fachada da velha igreja [...] Aquele documento sagrado, em que se liam três séculos e meio de nossa história, foi destruído por culpa dos que tinham o dever de preservá-lo. Dizer que a restauração da velha igreja era impraticável é afirmar a incapacidade da engenharia da época, em face de um problema sem maiores implicações técnicas. Precária que fosse a situação da igreja, como peça arquitetônica, o que importava era impedir a sua ruína definitiva (Salgado, 1976, p. 110).

Também para Moraes (1979, p. 54), o desmoronamento da Igreja não foi ao acaso e, citando o historiador Serafim Leite, explicou que a derrubada não foi uma simples decorrência da forte tempestade, mas que pela “má vontade de muitos que o consideravam obsoleto, inestético [...] deixou de ser conservado”... O autor foi além, definindo a demolição da igreja como “ato de vandalismo intencional”, parte de um “plano sinistro” que optou por uma espécie de progresso arquitetônico, ao invés de lutar em defesa da memória coletiva da cidade e todos os seus cidadãos... Algo muito parecido com a seguinte análise tecida por Aureliano Leite (1975):

Lembre-se que daí a alguns anos, se repetia a prática de tão mau gosto (a prática maldita), no velho Convento de São Francisco, condenado afinal, a desaparecer por completo e dar lugar ao aparatoso edifício, atual morada da gloriosa e secular Faculdade de Direito. Era época em que São Paulo perdeu os melhores monumentos de sua história (Leite, 1975, p. 75)

A literatura, em consonância, atribui a Teodoro Sampaio a assinatura do relatório que condenou e recomendou a demolição imediata do que havia restado da igreja dos jesuítas, cujos argumentos foram reproduzidos por Salgado (1976):

O templo jesuítico, cujos primeiros fundamentos datam de 1554, está irremediavelmente perdido. Derruídas as paredes, gretadas e carcomidas as que permaneceram de pé, nada de estável e duradouro se poderá reerguer com essas ruínas irreparáveis. Claramente debalde os que não querem ver no alheio sentimento senão o desejo inconsiderado de eliminar o que todos veneram. Sobretudo, não exageremos. Entre a veneração e o fetichismo não há, de fato, mais do que uma linha. Só a boa razão e o critério esclarecido não-la fazem bem distinguir e não ultrapassa-la. Demolir aquelas paredes para no mesmo sitio levantar-se nova igreja é exagerar os sentimentos, é desconhecer as necessidades da sua época, é confundir o ideal imperecível com o seu representativo material, contingente, como se a destruição deste acarretasse a irremediável perda daquella (Teodoro Sampaio apud Salgado, 1976, p. 123).

E após a ordem e a efetiva demolição dos restos da igreja dos jesuítas, lamentou Menezes (1954, p. 12), “foi destruído para sempre o maior e mais significativo monumento histórico da fundação de Piratininga!”... Lamentação sentida e compartilhada por Ferreira (1953b), que afirmou:

Deserta a nave silenciosa, na sacristia as escolas continuavam rumorejando. O século das luzes declina, sorrateiro. Nas trevas noturnas de tempestuosa noite, quando o temporal fustiga a cidade adormecida, desaba, com fragor, o santuário de nossas mais vivas tradições: a igreja do Colégio (Ferreira, 1953b, p. 304).

Todavia, essas ideias contrárias à destruição do patrimônio secular dos jesuítas presente no Pateo do Collegio logo seriam ratificadas pelo próprio poder político. Isso porque, explica Lomonaco (2004, p. 132), por volta de 1915, pouco depois da desconfiguração do colégio e demolição da igreja em nome do progresso, da modernização e da estética, o Palácio do Governo foi transferido para o Palacete Elias Chaves, na Avenida Rio Branco, na área conhecida como Campos Elíseos. O elegante prédio de Ramos de Azevedo, que havia tomado o lugar da taipa, foi aproveitado como repartição administrativa do governo, até tornar-se sede da Secretaria de Educação, no ano de 1932. Assim, o Pateo, que havia sido *agredido* sob a justificativa de que sua imagem colonial não correspondia às necessidades de uma sede governamental para a cidade que se urbanizava, se expandia e se tornava mais rica, viu-se destituído de sua característica principal enquanto núcleo religioso, cívico, político etc., restando-se testemunha no crescimento da cidade...

O Pateo como réplica do passado

Onde estás meu seráfico Anchieta,
erguendo com o barro de Piratininga,
pelo milagre da tua persuasão,
as paredes rasteiras do Colégio?
(Menotti del Picchia, 2004, p. 23).

Melancolia, nostalgia... mas, sobretudo, contundente pergunta foi feita por Menotti del Picchia quando procurava, em versos, compreender a cidade de São Paulo no primeiro quartil do século XX... Onde estariam Anchieta, o barro (taipa) e o colégio, derrubados pelo governo e pela elite paulistanos, senão na memória e nos registros históricos? Saudosismo e sentimentos que não aparecem quando os jesuítas, a população e o governo da cidade decidiram o destino da construção feita para o Palácio do Governo, erguida sobre o secular conjunto colégio-igreja, mas logo desprezada pelos seus próprios idealizadores, preferindo os Campos Elíseos paulistanos. Fato é que a ornamentada construção de tijolos do início do século XX, edificada sobre ruínas e destroços jesuítas, também seria demolida, na época em que a cidade celebrava 450 anos de história, e sobre o terreno, insurgiria uma réplica do conjunto colégio-igreja de seu passado provinciano, colonial e sagrado, em respeito à memória da própria cidade, resguardando, ainda que imageticamente, seu lugar de origem.

A construção dessa réplica, no Pateo do Collegio, é notório exemplo de como é possível tentar recuperar a identidade e memória coletiva do lugar, simbolizando e valorizando sua própria história e cultura. Ao retornar sua imagem ao tempo colonial, buscou-se reproduzir, de forma concreta, um lugar representativo para a própria cidade, nomeado de coração vivo paulistano, mas, que havia sido apagado de sua paisagem, e praticamente eliminado da memória... Assim, quando caminhamos sobre o solo sagrado do Pateo do Collegio no século XXI, encontramos o seráfico Anchieta, em seu memorial anexo à nave central da igreja; a taipa de Piratininga, nos resquícios da parede histórica no átrio interior do Pateo; e o colégio, funcionando como museu jesuíta.

Essa réplica do passado foi inaugurada no ano de 1979, construída sobre o demolido Palácio do Governo, que havia sido edificado sobre o secular conjunto colégio-igreja dos jesuítas, abatido no final da década de 1890. Conforme já

delineado neste capítulo, vimos que o Palácio do Governo surgiu na área do Pateo do Collegio em um momento qualificado pelos historiadores como sendo de “súbitas transformações” na cidade de São Paulo quando, nas décadas de transição entre os séculos XIX e XX, a economia cresceria em decorrência de três aspectos fundamentais: a cafeicultura, a imigração e a ferrovia. De acordo com Matos (1995, p. 125), esses aspectos transformariam a “tristonha” Paulicéia no maior núcleo populoso e em uma das mais belas cidades do país, delineando perspectivas entusiasmantes, nas palavras do autor, de que o século XX seria de grande progresso e prosperidade.

Culturalmente, a cidade assumia sua vocação cosmopolita e multicultural, já que a imigração a havia transformado em um *cadinho étnico*, cuja essência foi compreendida na descrição do viajante austríaco Ernst von Hesse-Warteg, mencionada por Pasquale Petrone (1995, p. 135), na qual São Paulo não foi vista como uma cidade brasileira, mas, italiana, portuguesa, espanhola, alemã, árabe, francesa, russa, japonesa, polonesa, turca, inglesa, escandinava, americana..., sendo que “o resto, provavelmente um terço do total, devia ser de brasileiros”.

Economicamente, a cidade enriquecida modernizava-se e urbanizava-se, incluindo, nessa mudança, a substituição da taipa pelo tijolo, e o conjunto colégio-igreja jesuíta convertido em Palácio do Governo. De acordo com Bruno (1991, p. 1315), o Triângulo Histórico havia se tornado a sede do poder controlado pelo capital da cafeicultura, sendo um local “em que imperava uma forte aristocracia territorial; gente que tinha mais orgulho da fazenda que da cidade, e quando pensava em cidade situava essa cidade na Europa”. Não obstante, quando São Paulo tornou-se essa Metrópole do Café e, radicalmente, viu as transformações da sua cultura e paisagem, não poderia imaginar que seu sustento principal – o café –, encontraria seu declínio de forma tão rápida e súbita quanto sua ascensão até o apogeu.

No entanto, como visto no estudo de Monbeig (1998) sobre os pioneiros e fazendeiros de São Paulo, dois acontecimentos prejudiciais aos rendimentos da economia cafeeira aconteceram quase que simultaneamente: a Primeira Grande Guerra, entre 1914 e 1918, que provocou o fechamento de mercados na Europa, diminuindo as demandas de exportação; e a forte geada de 1918 que destruiu a grande parte da lavoura. Segundo o autor, a cafeicultura sofreria ainda mais com a notória crise econômica de 1929 e a queda do preço do café nas bolsas de valores no mundo, inviabilizando sua produção e, pior, conforme expressou em outra obra

(Monbeig, 1975, p. 60), levando grandes cafeicultores à falência e à destruição de sacas de café, para tentar controlar os preços. Para Morse (1970, p. 17), a crise na lavoura cafeeira gerou um excedente de pessoas na zona rural, que “empurrava os seus habitantes para fora”, enquanto a vida urbana “os puxava com promessas reais ou ilusórias” de trabalho, conforto e bem-estar. Petrone (1995, p. 130) também mencionou tais promessas, qualificando-as como uma “miragem”, na qual a cidade paulistana era vista como local de empregos e oportunidades.

Para Petrone (1995, p. 127), a drástica diminuição dos mercados de café ocasionada, principalmente, pela Guerra e pela crise econômica de 1929, repercutiu positivamente para a expansão do parque industrial na cidade, desenvolvendo-se ao longo da linha férrea, onde os terrenos eram mais baratos, já que não eram locais apropriados para construção de residências. Além de terrenos e transporte para o benefício da indústria, havia energia elétrica na cidade, mas, principalmente, a existência de um considerável mercado consumidor interno, e a facilidade de mão de obra imigrante e/ou daquela oriunda da crise da cafeicultura. Segundo o autor, vivia-se um surto industrial que converteria a Metrópole do Café “na dinâmica e movimentada metrópole industrial de nossos dias”. Em outras palavras, a crise do café e a forte industrialização começaram a estabelecer um cenário de decadência da Metrópole do Café, levando São Paulo a uma nova transformação, a uma nova *cidade* que emergia a partir da área central, onde os ideais de luxo e paisagem europeias eram substituídos pelo poder da indústria e das instituições financeiras, que batalhavam, metaforicamente, para alcançar o céu...

Assim, embora destruído, reconfigurado e abandonado, o Pateo do Collegio, outrora núcleo aglutinador de São Paulo, *presenciava* a cidade se reinventando à sua volta, ao mesmo tempo em que lhe furtavam sua essência enquanto lugar de agremiação popular, política, cultural e sagrada... Nessas condições, o berço de São Paulo observava o crescimento territorial da cidade, vendo emergir novos bairros, de forma “fracionada” conforme Petrone (1995, p. 141), separados um dos outros pela própria geografia das várzeas, colinas e do espigão central, mas, também, pela própria linha férrea. Contudo, esse fracionamento também era resultante das diversidades étnica e cultural que configuravam a população paulistana como uma cidade genuinamente cosmopolitana...

Se na época da Cidade de Taipa, o Pateo era o lugar central da política, dos negócios, do comércio, dos encontros..., o crescimento vegetativo e da economia da

cidade já não permitiam que um único lugar exercesse todas as funções culturais. Daí, foram surgindo os polos de concentração industrial, os locais de comércio, os bairros-jardins... e o Pateo, que se vertia Palácio, seria logo descartado, ratificando a ideia de que o lugar dos jesuítas já não era mais representativo da cidade do café. Contudo, ao buscar meios para a construção da réplica do passado, vimos que sentimento e atitudes das pessoas que habitavam a cidade moderna e cosmopolita revelariam que, nessa época, o Pateo estava apenas “*adormecido*”; afinal, o *genius loci* é um aspecto desse lugar, que não se elimina à força... Porque mesmo substituído enquanto núcleo da cidade, foi lembrado, no ano de **1925**, com a instalação do obelisco Glória Imortal aos Fundadores da Cidade... uma possível tentativa de compensar o remorso pela destruição do seu patrimônio secular.

Dessa forma, o Pateo do Collegio tornou-se testemunha dos desdobramentos territoriais, populacionais, econômicos e culturais da cidade que crescia e se modificava à sua volta: o número de habitantes aumentando por conta da drástica queda dos empregos nas fazendas e da imigração estrangeira, o declínio da economia agrária e a ascensão da indústria, a conversão das construções neoclássicas em edifícios verticalizados de uso misto, os novos bairros, a expansão territorial... Assim, aquela São Paulo referida como Metrópole do Café do primeiro quartil do século XX, tornava-se uma grande cidade multicultural, onde mesclavam-se etnias de todas as partes do mundo, de paisagem moderna e de economia governada não mais pela cafeicultura, mas pela produção industrial e os consequentes investimentos realizados pelas instituições financeiras. As palavras de Pasqual Petrone (1995) conseguem capturar a essência dessa Cidade Moderna e Industrial, que qualificava São Paulo desde o segundo quartil do século XX:

Todos os fatores citados, econômicos ou demográficos, palpitam bem vivos na capital paulista. Sentimo-los na potência de sua vida comercial, na quantidade e movimento de seus bancos, na força de suas indústrias variadíssimas, no ininterrupto despejar de gente que se presencia nas estações ferroviárias e rodoviárias. Sentimo-los, finalmente, na própria massa da população urbana, em que se encontram, de mistura, tipos alourados, morenos, negros, amarelos ou mestiços, brasileiros de todas as regiões, homens vindos da Europa, da Ásia e da América do Norte (Petrone, 1995, p. 159)

Como já delineado, a primeira transformação da cidade alterou sua paisagem, tendo as modestas construções em taipa sido substituídas pelos palacetes e os grandes edifícios de tijolos, rebuscados pelo estilo neoclássico. Assim, essa segunda transformação, de café para indústria, também trouxe mudanças para a paisagem urbana. Trata-se da verticalização, que começava a despontar na área central com a construção de imóveis de três ou quatro andares, nos anos 1920; até a edificação de arranha-céus com mais de 30 andares, na década de 1940. A conjuntura paulistana dessa época foi poeticamente enlaçada por Menotti del Picchia (2004):

Italianos joviais, húngaros de olhos de leopardo,
caboclos de Tietê arrastando o caipira,
bolchevistas da Ucrânia, polacos de Wrangel,
nipões jaldes como gnomos nanicos talhados em âmbar
entre as pragas dos contramestres,
os rangidos das tábuas do andaime,
o estridor metálico das vigas de aço e dos martelos sonoros, no céu
libérrimo de S. Paulo, fizeram a confusão das línguas,
sem perturbar a geometria rigorosa do ciclópico arranha-céu!
(del Picchia, 2004, p. 22).

Desse modo, a exemplo da época em que o tijolo substituiu a taipa, com a introdução das construções de arranha-céus, o neoclássico europeu ia, paulatinamente, sendo preterido pelos edifícios em estrutura de cimento armado e de alto gabarito, de estilo norte-americano. Os altos edifícios tornavam-se o tipo de construção necessária para atender às necessidades dos escritórios, dos bancos, do comércio e das residências que se concentravam no centro paulistano, já que possibilitavam o uso misto, ou seja, escritórios, comércio e residência em um único local. Na leitura de Bruno (1991, p. 1327), os projetos de Ramos de Azevedo criados para ostentar a riqueza dos cafeicultores “foram ficando pequenos ao lado dos arranha-céus que passaram a representar [...] o tipo mais freqüente de edificação”. Um movimento inicialmente modesto, mas que tomava proporções “vertiginosas” na década de 1960. A verticalização paulistana também inspirou os versos de Menotti del Picchia (2004):

Lá do alto, o paulista, bandeirante das nuvens,
 mirou o prodígio da Cidade alucinada:
 uma casa de três andares
 pôs-se a crescer bruscamente
 como nos romances de Wells;
 outra apontou a cabeça arrepelada de caibros
 acima do viaduto do Chá;
 e começou a desabalada carreira
 do páreo do azul.
 O formidável arranha-céu com a cabeça nas nuvens
 abrigou no seu ventre de concreto
 o drama da nova civilização.
 (del Picchia, 2004, p. 23).

Do Pateo do Collegio era possível assistir toda essa movimentação, denominada pelo poeta como “drama da nova civilização”. Isso porque, pertinho dali, ladeando o planalto de Piratininga, viu-se nascer e crescer o primogênito dos arranha-céus. Era o Edifício Martinelli que, no ano de 1934, quando completados seus imponentes 30 andares, se tornava o mais alto do país. No entanto, o Martinelli não pode ser considerado o “prodígio da cidade alucinada” mencionada no poema de del Picchia (2004), afinal, ainda mantinha a característica da arquitetura italiana, que havia convertido a cidade de taipa em uma rebuscada cidade. Não obstante, uma década depois, o Martinelli seria superado em altura por outro prédio, ratificando a ideia tecida por Relph (1990, p. 150) de que “se alguma coisa numa paisagem urbana é alta ou larga, se tem uma presença imponente, se é atraente ou colorida, é, quase certeza, um produto empresarial”. Isso quer dizer que a busca pelas alturas foi a maneira encontrada para demonstrar que o domínio capitalista estava presente em uma cidade e, como São Paulo tornava-se industrial, moderna e centro financeiro, deveria, portanto, construir em direção às alturas...

Então, pouco tempo depois do Martinelli ser considerado o edifício mais alto do país, foi-se edificando ao seu lado, a poucos passos de distância, na praça Antônio Prado, a insígnia da São Paulo vertical: o Edifício Altino Arantes, construído para sediar o Banco do Estado de São Paulo, o Banespa (figura 28). Segundo Costa Neto (2004), esse banco teria fundamental importância na economia da cidade, na transição da cafeicultura para indústria:

Com a crise deflagrada de 1929 e com a realização do último empréstimo externo visando à valorização do café pelo Estado de São Paulo em 1930, ao Banespa coube superar as restrições impostas pelo retraimento dos negócios bancários e a crescente imobilização de seus ativos vinculados ao café (Costa Neto, 2004, p. 78)



Figura 28: O “Banespão” visto a partir da Praça Antonio Prado.
Créditos: Ivan Fortunato, jun./2012.

Assim, no ano de 1947 foi inaugurada sua construção: um prédio semelhante ao *Empire State Building* de Nova Iorque, o mais alto do mundo na época. Considerando a altura como símbolo do poder capitalista e a importância do Banespa para a consolidação da cidade industrial, o edifício Altino Arantes também foi construído para ser o mais alto de São Paulo, conforme publicação da revista *Acrópole* (1947, s.p.): “sua altura atingiu 161,22m com o que estabeleceu um *record* de altura na América do Sul”. Talvez poucos o reconheçam como Altino Arantes, já que o edifício construído para abrigar a sede do popular Banespa, tornou-se reconhecido como o “Banespão”. E mesmo que poucos saibam seu nome, é pouco improvável que os habitantes e visitantes da região central de São Paulo não

tenham notado sua presença no alto da paisagem paulistana... Certamente, o Pateo do Collegio observa, o tempo todo, sua elevada presença.

Dessa maneira, o Banespão tornou-se o principal ponto de referência para nova transformação urbana de São Paulo: sua posição central e sua estatura, que permitia ser visto de longe, demonstrava claramente que a cidade não era mais a pacata vila colonial, nem a pomposa cidade à moda europeia da época do café, mas a cidade vertical da estrutura capitalista, transformando o centro cafeeiro decadente em um centro financeiro e de negócios... Simbolismo que pode ser encontrado na poética de Menotti del Picchia (2004):

Eles ergueram a torre de Babel
bem na Praça Antônio Prado.
O esqueleto de aço cobriu-se de carne
de cimento e as vigas e guindastes
eram braços agarrando estrelas
para industrializá-las em anúncios comerciais.
(del Picchia, 2004, p.22).

E para esclarecer esse novo contexto vivido na cidade de São Paulo, modificado pela indústria, pela presença de imigrantes de toda parte do mundo e pela verticalização de sua paisagem, Pasqual Petrone (1995, p. 155) afirmou que no Triângulo Histórico, de ruas estreitas e prédios altos, a vida “pulsava” em um ritmo muito mais acelerado que em qualquer outra parte do país e, recuperando as palavras do viajante alemão Wolfgang Harnisch, escreveu: “aqueles que andam pelas ruas, que olham e gritam e vendem — sentem que alí está o centro de uma metrópole moderna, internacional de uma cidade de comércio e indústria”... E por meio de uma descrição um tanto poética, Petrone (1995) apresentou essa complexidade que envolvia as transformações e o crescimento da cidade São Paulo, afirmando que:

É a cidade dos muitos contrastes, com largas avenidas, de tráfego intenso, no meio de blocos compactos de arranha-céus, como também das ruelas tranquilas, emolduradas de prédios antigos, que fazem lembrar os tempos passados. É a cidade das ladeiras e dos viadutos, a “metrópole internacional”, a “cidade cosmopolita”, a “cidade de energia”, a “capital do progresso”, a “grande oficina”, e “capital industrial do Brasil”, a “capital de capital”, a “cidade dinâmica” e a “city of homes”, o grande centro cultural do país, a cidade que mais cresce no Mundo (Petrone, 1995, p. 157).

E no coração do Triângulo Histórico estava o Pateo do Collegio, destituído de seus predicados de solo sagrado e núcleo político, testemunhando essas transformações que converteriam São Paulo em uma metrópole mundial, cosmopolitana, onde povos de todos os lugares do mundo conviveriam, ainda que no ritmo acelerado de um local motivado pelo incessante trabalho capitalista da indústria, do comércio e do banco... Um Triângulo em que a arquitetura europeia de tijolos contrastava com a estrutura armada norte-americana... Um local em que a nostalgia, a valorização da memória coletiva e o sentido de lugar logo mobilizariam as pessoas, e essas emoções seriam concretizadas no lugar, por meio da construção da réplica de seu passado.

Com isso, encontramos referências sobre essa vontade coletiva em registros que datam do início da década de 1940, momento em que um grupo de alunos formados pelos jesuítas germinava a ideia de recuperar o que entendiam por solo sagrado da cidade... Cardim Filho (1975) esclarece:

Sob sua [Padre José de Anchieta] proteção foi lançada a “Campanha da Gratidão” para o restabelecimento da forma física do antigo colégio e igreja anexa, que os jesuítas construíram no Pátio do Colégio [...] Quem primeiro nos despertou o entusiasmo pelo Pátio do Colégio foi o grande amigo médico, profundo historiador do colonial brasileiro, professor José Mariano Filho... (Cardim Filho, 1975, p. 83-84).

Segundo Cardim Filho (1965, p. 34), José Mariano Filho havia dito ser “um ato da mais alta significação cultural a reconstituição integral da igreja dos jesuítas, e uma ala do antigo colégio, exatamente no sítio em que ela existia”, e que no dia 25 de janeiro 1954, a cidade mereceria uma missa solene nesse lugar reconstruído, em homenagem aos seus 450 anos. Difícil precisar e até mesmo esclarecer o movimento que a fala de Mariano Filho, proferida em 1941 no Rotary Club, desencadeou na cidade, mas houve adesão popular aos manifestos jesuítas que queriam recuperar, no próprio Pateo do Collegio, a imagem original do colégio e da igreja seiscentista, derrubada junto com a Cidade de Taipa, no final do século XIX... Esse movimento ganharia força por meio de um abaixo assinado com quatro mil assinaturas de jesuítas, intelectuais, conservadores, pessoas influentes, populares etc., que serviria de lastro para a criação de um coletivo, que foi batizado pelos seus organizadores de “Campanha de Gratidão aos Fundadores de São Paulo”, que se

tornaria vetor de sensibilização do Poder Público. Segundo Lomonaco (2004, p. 134), o propósito da Campanha era “recuperar o espaço jesuítico no Pátio do Colégio, visando reconstruir as edificações da Companhia de Jesus, com as características que apresentavam por ocasião da expulsão da Ordem em 1760”.

De fato, a Campanha surgiu em uma época importante para São Paulo que, às vésperas de seu quarto centenário, preparava uma grande festa, cheia de *presentes*, tais como a majestosa Catedral da Sé e o Parque do Ibirapuera... Tal conjuntura levou a Câmara Municipal de São Paulo a promulgar a lei número 2.658 de 21 de janeiro de **1954**, por meio da qual se devolvia o terreno do Pateo aos Jesuítas que, em contrapartida, deveriam reconstruir o edifício demolido em 1896... “um novo Colégio São Paulo e Igreja anexa tanto quanto possível nos limites das fundações iniciais” (Salgado, 1976, p. 139).

Desse modo, foi iniciado o processo de demolição do edifício do Palácio do Governo para, no mesmo lugar, ser erguida a réplica do colégio e da igreja dos jesuítas da época colonial. Essa decisão de replicar no presente uma reprodução do passado foi muito bem avaliada por intelectuais da época, a exemplo das palavras de Cardim Filho (1965), engenheiro responsável pela construção da réplica:

Poucas são as cidades, que conhecem, tão bem o local exato do seu nascimento histórico. Isso, em São Paulo depois de quatrocentos anos é bem determinado e dignamente restabelecido, com a reconstrução parcial e restauração da antiga torre, sobre os mesmos alicerces primitivos (Cardim Filho, 1965, p. 34)

Na interpretação de Castro (1954), tal ação desencadeada pela Campanha e objetivada pelo governo, traduz o *amor* da cidade de São Paulo pelo seu lugar de nascimento, batismo e desenvolvimento...

Será um monumento perene de saudades, de gratidão de ufanía... Será a história viva, para as gerações que se foram sucedendo, de quanto fizeram os que aqui viveram e labutaram... Será o amor da Pátria, que liga o passado com o presente, deleitando-se em sua origem, suas crônicas, ideais e realizações (Castro, 1954, p. 41-42).

Essas ideias ressoam com as seguintes considerações de Leite (1975):

O que naquele chão sagrado agora se vai implantando, completado pela reconstrução da Igreja, irá lembrar e restituir um tanto da fisionomia colonial daquele velho trecho da Cidade Anchieta, que os nossos primeiros republicanos não souberam respeitar (Leite, 1975, p. 76).

Campos (1975) também elogiou a ideia de reconstrução do patrimônio jesuíta no mesmo lugar de onde fora destruído, entendendo tal ato como uma forte possibilidade de religação com a memória paulistana, ao mesmo tempo em que se tornava uma concreta insígnia de recordação e respeito aos que primeiro chegaram ao Planalto de Piratininga e fizeram do local um lugar perene de acolhimento...

Não importa o edifício que nele agora vai se erguendo, travestido de ingênua e pretenciosa imagem do passado, não seja mais a construção autêntica, de taipa pilada, dos tempos coloniais, pois tal qual a basílica de São Bento, o templo gótico da Sé, a Casa Grande do Morumbi, a edificação do Pátio restaura, de certa forma, dentro da precariedade dos meios que dispomos, o elo físico que entrelaça as nossas épocas históricas, preservando o cenário em que atuaram os nossos antepassados e trazendo até nós os tesouros espirituais desses recuados tempos paulistanos (Campos, 1975, p. 195).

Todavia, foram 25 anos entre a promulgação da lei que devolveu a área do Pateo aos jesuítas e a efetiva construção que iria restaurar “o elo físico” entre as épocas, trazendo de volta os “tesouros espirituais” enterrados no final do século XIX. Assim, apesar dessas citações exporem o sentimento de agradecimento ao projeto da Campanha, a reconstrução, aliás, a construção da réplica do passado teve que superar algumas adversidades, ora por contingências da grande cidade, ora por surgirem argumentações contrárias à obra.

A primeira dessas adversidades surgiu logo na época da demolição do prédio nomeado como Palácio do Governo, quando a derrubada do gracioso edifício teve que ser interrompida quando um aparente tesouro histórico emergia dos alicerces do Palácio. Tratava-se da descoberta daquela antiga parede de taipa de pilão, “resto de um glorioso passado histórico” (figura 29), escreveu Cardim Filho (1965, p. 33), que se tornaria símbolo do passado e seria devidamente conservada como relíquia. A pausa na demolição do Palácio foi somente um contratempo, que se verteria em um regalo ao lugar e à cidade... Segundo Salgado (1976, p. 136), essa relíquia contém

os “derradeiros vestígios de um passado longínquo, que sobravam no Pátio do Colégio, como espectros perdidos numa floresta de arranha-céus”. Para Donato (2008, p. 247), os resquícios dessa parede descoberta se tornariam um símbolo concreto dos primeiros anos de São Paulo, como se a presença da antiga taipa fosse uma forma que o lugar havia encontrado para recusar-se “ao sepultamento no tempo e no entulho”.



Figura 29: Descoberta a secular parede de taipa de pilão, no Pateo do Collegio.
Fonte: Cardim Filho, 1965, s. p.

Cardim Filho (1965, p. 34) relata outro problema que a construção da réplica enfrentaria nesses anos de hiato entre a promulgação da lei e sua inauguração. Segundo o autor, decorridos dez anos, a parte do terreno onde seria erguida a igreja ainda não tinha sido efetivamente transferida aos responsáveis pela obra, afirmando que “o Gôverno não compreendeu que é dever entregar a área destinada à Igreja, á Companhia de Jesus, assim completando as disposições da lei”. Problema sanado pela lei municipal 7.356 assinada em 1969, autorizando o poder executivo a ceder o terreno, e pelo decreto 11.241 de 1974, oficializando doação financeira para conclusão da obra. Assim, até 1974 somente as partes correspondentes às réplicas da ala do colégio e da torre tinham sido concluídas (figura 30).



Figura 30: Parte da réplica concluída, em fotografia de 1972.
Fonte: Moraes, 1979, p. 135.

No ano em que o terreno para construção da réplica da igreja foi efetivamente cedido para as obras, Cardim Filho (1975) apresentou outra publicação, na qual recuperava todo o processo desse projeto, desde o discurso de Mariano Filho, passando pela consolidação da Companhia de Gratidão, até os esforços de sua equipe de arquitetos e engenheiros para reconstituir as plantas para execução das obras. Segundo o autor, esse solo tornou-se sagrado porque, além dos fatos marcantes da história de São Paulo, guardava restos mortais dos mais antigos habitantes da cidade... No entanto, a modernização dos transportes na metrópole seria outro empecilho para a réplica, já que a construção das estações Sé e São Bento e da linha férrea subterrânea aconteciam nas adjacências do Pateo, que precisou aguardar até que fosse seguro prosseguir com a edificação da igreja.

E entre o impasse administrativo a respeito do terreno da igreja, e as paralizações das obras por causa da relíquia em taipa de pilão encontrada no subsolo e pela construção do metrô, o projeto da réplica do passado seria colocado em xeque por questões políticas e ideológicas, explicadas por Lomonaco (2004).

Segundo a autora, o CONDEPHAAT, criado no ano de 1969, exerceria sua função de proteção ao patrimônio histórico pela primeira vez na cidade em 1971, ao tombar o Solar da Marquesa, no entorno do Pateo do Collegio. No ano em que o terreno para edificação da igreja finalmente foi cedido, esse órgão iria suspender as obras da réplica, que aconteceriam na área de proteção envoltória do Solar, sob acusações de falsificação da paisagem. Essa polêmica criada pelo CONDEPHAAT, explica Lomonaco (2004, p. 139), “terminou por decisão política do executivo municipal, em **1975**, autorizando o reinício das obras”.

E mesmo com todas essas dificuldades e impasses enfrentados pelo projeto da Campanha de Gratidão aos Fundadores de São Paulo, a construção da réplica ficou pronta, e o complexo colégio-igreja dos jesuítas pôde ser oficialmente inaugurado pelo prefeito Olavo Setúbal como Museu e Igreja Anchieta, em primeiro de julho do ano de **1979** (figura 31).



Figura 31: A réplica do passado inaugurada em 1979.
Fonte: Moraes, 1979, p. 141

Pode-se considerar que, em 1979, o Pateo do Collegio *despertava* novamente, mas não somente porque sua paisagem foi recriada por meio de uma construção nova, que replicava uma das tantas que foram demolidas, construídas, reformadas, remodeladas, convertidas... O que despertou o Pateo foi a vontade da população de recuperar seu patrimônio, sua história e, principalmente, o sentido do lugar que havia sido retirado de lá, evidenciando o quão forte é sua essência enquanto lugar representativo da cidade paulistana.

Assim, quando novamente *acordou*, já não estava no meio de uma pacata vila de vida semi-estacionária, mas na área central da grande metrópole. Sob seu solo sagrado, circulava o metrô. Sobre a torre da igreja, vários e vários arranha-céus, tentando alcançar o Banespão. No seu entorno, as construções de Ramos de Azevedo que, de certa maneira, foram responsáveis pela demolição da construção de taipa... A sua frente, no centro do largo, o obelisco que havia reconhecido a força e importância do lugar... Já não era mais sede da política, do ensino ou da religião. Contudo, estava lá, cuidando do lugar onde a cidade nasceu, o “umbigo” de São Paulo, conforme conceituação de Lomonaco (2004, p. 113), que define a réplica como “a preservação do próprio local de origem da cidade”.

Dessa maneira, podemos considerar que o Pateo do Collegio como um lugar que não apenas testemunhou, mas, foi parte das reescritas da própria área central da cidade paulistana, metaforicamente nomeado por nós de palimpsesto. E na medida em que sua geografia, patrimônio e arquitetura guardam segredos e revelam detalhes dessas metamorfoses, o lugar torna-se ainda mais emblemático... Esse é o Pateo: berço, testemunha, abrigo e coração de São Paulo, um palimpsesto marcado por três distintas fases culturais da própria vida paulistana: a taipa da vida provinciana, o neoclássico da elite e o arranha-céu do capitalismo...

E no ano de 2006, quando conheci o lugar, lá estava a réplica, aparentando ser original, cumprindo sua função de representar o passado. Não obstante, como ser presente, estabeleceu nosso súbito encanto, que nos trouxe ao exame de sua ontologia, cuja essência pode ser identificada como o coração vivo da metrópole paulistana!

Desfecho

PATEO E SUA CRONOLOGIA: DO PASSADO AO PRESENTE



PATEO E SUA CRONOLOGIA: DO PASSADO AO PRESENTE

São Paulo de Piratininga, São Paulo do Campo, São Paulo de São Vicente e mais tarde, São Paulo apenas, conforme se lê nas “Atas da Câmara da Vila de São Paulo”, o núcleo jesuítico fundado pelo padre Manuel da Nóbrega entre as águas do Anhangabaú e Tamanduateí, o colégio e a vila de São Paulo consolidados pelas figuras espirituais de José de Anchieta e Manuel de Paiva, e pelas forças morais de João Ramalho e Tibiriçá [...] atravessam, ao longo do século XVI, dias e noites ressoantes de contínuos e prolongados alertas. Desdobram-se as atividades sociais da pequenina localidade, entre o campo e o vilório. Levantam-se, no interior, cintado por muros de taipa de pilão, os casebres cobertos de sapê e esparsos pelos becos em chãos abertos. Concentra-se, adensa-se e congrega-se no Pátio do Colégio, aos domingos e dias santos, a gente do lugarejo, ao redor das paredes simples e singelas da igreja dos jesuítas. Recolhe-se à nave sagrada, como a pedir-lhe, nesses tempos incertos e difíceis, resguardo, proteção e amparo. E palpitam as almas frementes, no drama confuso e emotivo dos crepúsculos vagarosos e inquietos, precursores das antemanhãs rústicas e serenas (Tito Livo Ferreira, 1953b, p. 300).

As paredes simples e singelas da construção jesuíta do século XVI abrigavam uma complexa relação Homem-Terra, misturando culturas distintas desde o princípio da vida cultural no Pateo do Collegio, expressando a importância geográfica de um lugar para a existência e sobrevivência humana, e a múltipla significância que o lugar foi assumindo, desde que foi edificada, em sapê, a *paupercula domo*. Tais valores foram se ampliando, modificando, somando-se a outros, alguns suprimidos, alguns emergindo ao longo das diversas formas que o lugar e seu conjunto colégio-igreja assumiram no decorrer dos séculos.

Quando buscamos nas explicações de Relph (2012, p. 23) a respeito dos aspectos que um lugar pode comportar, encontramos o sentido de lugar no Pateo do Collegio sendo amplificado pelo que foi nomeado de *genius loci*, já que a missa memorável de 25 de janeiro de 1554, e o mesmo complexo colégio-igreja refeito mais de uma vez sobre o mesmo solo, evidenciam que as cerimônias e as construções pertinentes a esse aspecto há muito tempo qualificam esse lugar como solo sagrado. Assim fez-se o Pateo do Collegio: um lugar cuja toponímia adequada começou a ser ocupada pela vida cultural na década de 1550, e teve seu espírito intensificado pela força religiosa dos jesuítas, em uma ascensionária historicidade, cuja expansão e crescimento da pequena vila que batizara, foram fortalecendo seu

genius loci e, conseqüentemente, tornando-o um lugar excepcional, de “identidade muito forte”, recuperando as palavras de Relph (2012). Esse intenso sentido ainda é muito presente no lugar, mesmo depois da Companhia de Jesus ter sido expulsa duas vezes de seu próprio colégio, e o lugar ter sido ocupado não com o objetivo de instruir e catequisar, mas de administrá-lo politicamente, quando os governadores assumiram a construção jesuíta como residência e sede.

Em verdade, sua forte identidade foi evidenciando-se e fortalecendo-se na geograficidade do solo originário paulistano, ao longo de sua historicidade: a data simbólica de nascimento da metrópole..., a construção da primeira casa, em toda sua simbologia de terra natal e ninho dos sonhos e devaneios..., as idas e vindas dos jesuítas no planalto de Piratininga, e suas ocupações religiosas, cívicas e políticas..., a ocupação do lugar pelo governo do Estado..., a destruição do secular patrimônio em taipa para a edificação do luxuoso Palácio do Governo... Até a derrubada do Palácio e para a reconstrução, ou a construção de uma réplica de seu passado, no mesmo lugar, no alto da colina...

Nosso percurso tomado pela sua emaranhada historicidade teve propósito de iluminar o lugar sobre diversos olhares e significados... Não obstante, dado sua secular história, a multiplicidade de pontos de vista e os complexos contextos a cada transformação do lugar, decidimos elaborar um quadro cronológico. Nomeado como “cronologia das transformações do Pateo como lugar”, o objetivo do quadro 01 é oferecer uma visão panorâmica dos principais acontecimentos da vida cultural do Pateo, desde sua fundação, em 1554, até a construção da réplica do passado, em 1979. Ao retratar sua historicidade, ficaram lacunas... Na ausência de documentos e imagens *perdidos* pela ação humana e do tempo, muitos enigmas ficaram (e ficarão) sem respostas, alimentando os devaneios e a imaginação sobre o lugar que, alguns anos depois de seu quarto centenário, foi transformado nele mesmo...

Quadro 01: Cronologia das transformações do Pateo como lugar, de 1554 a 1979.

Datas-Marco	Pateo do Collegio	Acontecimento
1554	Construção da <i>paupercola domo</i> em sapé. Lugar descrito, afetivamente, como aconchegante.	Missa celebrada por Manuel de Paiva no dia de São Paulo, 25 de janeiro de 1554, data oficial da fundação e aniversário de São Paulo.
1556	Ampliação da presença jesuíta no lugar e construção do edifício que seria lembrado como segundo colégio jesuíta no Pateo.	Construção do conjunto colégio-igreja em taipa de pilão, coordenada por Afonso Brás.
1560	O lugar foi se consolidando como acolhedor, e a vida cultural tornando-se variada e complexa.	Chegada dos habitantes da extinta Santo André da Borda do Campo ao Planalto de Piratininga
1562	Data em que a função de <i>acrópole</i> da geografia do lugar foi evidenciada, já que, na história narrada, lemos sobre a vitória dos habitantes do Planalto de Piratininga contra a invasão dos hostis.	Invasão dos Tamoios. Possível construção da paliçada em taipa.
1640	Abandono e deterioração do conjunto colégio-igreja.	Primeira expulsão dos jesuítas do Pateo do Collegio, por conta de desentendimento com os bandeirantes a respeito da escravatura de nativos.
1653	Início da construção que seria lembrada como terceiro conjunto colégio-igreja dos jesuítas no lugar.	Retorno dos jesuítas ao Pateo.
1759	Colégio jesuíta passou a exercer a função de residência do governador da capitania pouco depois da Companhia de Jesus ser banida do lugar. De núcleo religioso, o lugar passou a ser centro político-administrativo.	Segunda e definitiva expulsão dos jesuítas do lugar.
1862	Primeiro registro fotográfico do Pateo do Collegio.	O fotógrafo Militão de Azevedo capturou um momento em que o lugar se realizava enquanto coração da cidade.
1896	Queda da torre da igreja e demolição completa do patrimônio jesuíta do século XVI.	Relato sobre forte tempestade em março de 1896, derrubando parte da torre da igreja de taipa. Teodoro Sampaio assinou documento condenando e solicitando demolição do patrimônio, que foi ratificado pelo governo.
1902	O Palácio do Governo tornou-se cartão-postal da cidade.	Símbolo da conversão da Cidade de Taipa em Metrópole do Café.
1925	Instalação do obelisco Glória Imortal aos Fundadores da Cidade, obra do italiano Amadeu Zani.	A sede do governo foi transferida para o Palacete Elias Chaves, por volta de 1915, marcando o fim do Pateo enquanto núcleo político da cidade.
1954	Data que marca a demolição do Palácio do Governo para, no mesmo lugar, ser reconstruída réplica do patrimônio cultural demolido no final do século XIX.	Promulgação da lei 2658, devolvendo o terreno do Pateo aos jesuítas. Celebração dos 450 anos da cidade de São Paulo. Descoberta, nos subsolo do Pateo, a parede de taipa seiscentista, relíquia e tesouro do passado, conservada até hoje no átrio interior do Museu Anchieta.
1975	Construção da réplica parcialmente concluída: ala do colégio e torre prontos; igreja apenas no papel, aguardando solução de impasses.	Dificuldades legislativas sobre o terreno para igreja, que levou mais de 15 anos para ser oficialmente cedido aos responsáveis pela réplica. Paralisação da construção por causa do metrô. Polêmica gerada pelo CONDEPHAAT, a partir do tombamento realizado no Solar da Marquesa e discursos de que a réplica seria uma <i>falsificação</i> da área envoltória protegida pelo próprio tombamento.
1979	Inauguração da construção que é réplica do passado. Sede do Museu Anchieta, que permanece no lugar até o presente.	Concretização do projeto da Campanha de Gratidão aos Fundadores de São Paulo.

Organizado por Ivan Fortunato.

A essência da transformação do Pateo do Collegio nele mesmo, com a construção da réplica do passado na década de 1970, foi muito bem delineada pelas palavras de Campos (1975):

... os jesuítas são chamados de novo para ocupar o mesmo histórico sítio, onde, há quatrocentos anos fundaram a Casa de São Paulo e tão prodigiosamente cooperaram na implantação do povoado. Retoma-se a obra do primeiro século, e como nesse tempo heróico, unidos bandeirantes e jesuítas, olhos postos no futuro da cidade, procuram, esforçadamente, redescobrir os velhos caminhos, definir as diretrizes sociais dos novos tempos, cultuar os grandes vultos do passado bandeirante e dar continuidade histórica ao ciclo das gerações. E a presença dos jesuítas no Pátio do Colégio se assinala pelo reaparecimento da velha imagem da colina sagrada, onde outras marcas do passado paulista hão de ressurgir, do abandono, do olvido e da destruição (Campos, 1975, p. 197).

Assim, no ano de 2006, quando espontaneamente conhecemos o Pateo do Collegio, naquele súbito encanto sentido no momento de flunar pelo velho centro paulistano, podemos sentir essas “marcas do passado” no lugar... Se, por um lado, a réplica em estilo colonial não recupera a pequena vila de taipa, de outro, revela sua essência, tornando o lugar diferente da vida agitada e da frieza da grande metrópole, restaurando a ideia de vida pacata do paradigma lento. Quando começamos a cortejar o lugar, buscando conhecê-lo melhor, descobrimos que, embora espacialmente cercado pelas ilhas de calor da verticalização, pela metrópole de ritmo veloz, poluída pelos veículos e pelo excesso de sons nada harmoniosos, pelo canalizado e poluído rio Tamanduateí, outrora piscoso e navegável, existe algo de mais brando e ameno no lugar... Com isso, queremos ressaltar que, no Pateo, é possível experimentar a sensação de um tempo mais vagaroso, quase estacionário. Assim, seja nas escadas do obelisco Glória Imortal, nas mesas da lanchonete, ou no mirante da paisagem paulistana, podemos deixar a agitação da grande metrópole passar por nós, enquanto recuperamos fôlego e vivemos os devaneios de felicidade...

Nem sempre reconhecemos ou entendemos os sentimentos de topofilia ou topofobia desenvolvidos a respeito deste ou daquele lugar... Contudo, ao perceber nossa admiração, felicidade e bem-estar, devemos assumir parte da responsabilidade pelo lugar que nos acolhe, sendo uma dessas responsabilidades ajudar outras pessoas a perceberem sua conexão com o lugar... Ao fazer isso,

agimos em respeito ao lugar, como forma de gratidão ao próprio sentido proporcionado pela experiência topofílica. Ao fazermos isso no Pateo, vamos além, ajudando o lugar a recuperar suas marcas do passado... E dentre várias situações vividas nos momentos de cortejar, namorar, descrever e observar..., uma conversa tornou-se emblemática pela qualidade do diálogo e do sentido imbuído nas palavras. No largo do Pateo, quase sempre há garis, reconhecidos não somente pelas vassouras e pás, mas pelo uniforme laranja de cor bem viva. Ao caminhar pelo lugar, uma dessas trabalhadoras nos chamou a atenção: simplesmente parou de varrer, apoiando-se em sua vassoura, mirando o céu... Vista de relance, parecia descansar... De perto, era possível sentir seus devaneios de felicidade, denunciados pelo sorriso estampado em seu rosto... Assim, aproximei-me e perguntei o que ela achava do lugar; disse que trabalhava há mais de cinco anos no Pateo e que gostava muito..., falou com alegria sobre a movimentação que há durante a semana, já que ônibus escolares trazem crianças para visitar o Museu Anchieta, e comentou com entusiasmo sobre os finais de semana agitados no lugar, quando está tomado por pessoas desenhando, fotografando, conversando, passeando...

Enquanto falava, um colega de trabalho aproximou-se de nós e comentou sobre a importância do Pateo, cujo papel principal é o de contar história da cidade de São Paulo, da igreja, dos escravos e dos índios... Lamentou, com muita propriedade, a existência de alguns edifícios abandonados, adjacentes ao local, afirmando que existem meios para transformar as construções deterioradas em habitação para as pessoas sem casa, *mas não há interesse*. Pouco antes de nos despedirmos para retomarem suas atividades, ambos disseram algo parecido sobre a arquitetura antiga, e o quanto é bonita e *dá gosto olhar, ficar observando...* Como se aquela construção nos permitisse *imaginar* que aquele reduto de memória já foi o centro de um pequeno burgo construído de barro, sobrevivendo da agricultura, vivendo do comércio local e assistindo à missa aos domingos, na pequena capela...

Mas, no Pateo, algumas de suas “marcas do passado” são silenciosas. Não obstante, como parte essencial de sua biografia, essas marcas compõem sua essência. Trata-se daquela época de transição de taipa para tijolo, ou da feição colonial para o luxuoso Palácio do Governo, momento em que as funções sociais e religiosas do lugar foram diminuindo, tornando-se uma arena de disputas entre clero e estado, até a completa demolição da torre da igreja. Quando buscamos justificativas para compreender esse jogo de poder que culminou com a destruição

do secular patrimônio paulistano, encontramos em Relph (2012, p. 26) alguns aspectos de lugar que poderiam iluminar essa decisão, declarada como sombria e até sinistra, de converter a construção colonial em um palácio de tijolos. Trata-se da *atitude de exclusão* – “este é o meu lugar e você é diferente (por causa da renda, raça, crença política, gênero), então fique fora daqui” –, cuja consequência é o *sentido contaminado de lugar*, que se torna aparente pelo “deslocamento compulsório daqueles que são considerados estranhos, apenas porque são diferentes de alguma forma”.

Não obstante, é possível ir além: quando *tomaram* o lugar e os jesuítas foram expulsos, parece que os religiosos levaram consigo aquele sentimento de afeto construído com a *paupercula domo*, que foi contagiando toda atmosfera do Planalto de Piratininga, elevando seu espírito de lugar (*genius loci*). Assim, desde o momento em que a construção jesuíta foi ocupada pela sede administrativa e residência do governo, o lugar tornou-se inerte, reduzido à sua forma mais pragmática, seja como um “nó” articulador de redes (comerciais, financeiras, políticas etc.), ou como local de circulação de pessoas, carros, ônibus, linhas de metrô, de especulação imobiliária, de investimentos em construções ou áreas verdes. Em outras palavras, abandonaram-se seus aspectos emocionais, afetivos e simbólicos, para somente valorizar aquilo que poderia ser contabilizado e objetivamente descrito, ou seja, as condições administrativas e econômicas da cidade. Na ausência do sentido de lugar, sua reconfiguração, movimento que destruiu parte de sua cultura e da nossa memória coletiva, pode ser facilmente justificada e levada a cabo por questões meramente técnicas... Ainda sim, há algo de poético em toda essa situação, conforme delineado por Bachelard (1993, p. 29), ao afirmar que “quem tem um palácio sonha com uma choupana, quem tem uma choupana sonha com um palácio”...

Se, silenciosamente, o Pateo guarda toda essa questão histórica do conflito entre governo e clero a respeito do patrimônio construído em taipa, demolido na alvorada do século XIX, sua paisagem contemporânea conserva marcas concretas dessa época: as primeiras construções de Ramos de Azevedo na cidade de São Paulo, tornando-se lugar de memória daquele período nomeado como Metrópole do Café, quando o centro paulistano era o local do requinte, da diversão e dos negócios... Por isso, ao visitar o Pateo e encontrar essa convivência praticamente harmoniosa entre a réplica colonial e da arquitetura neoclássica, podemos

experimentar a sensação de que o lugar jamais foi agredido, e que a cultura provinciana poderia conviver com a elite que ocupava e transformava o Planalto de Piratininga... Um sonho de convivência entre os povos, muito bem expresso pelo simbólico Marco da Paz, monumento construído no largo do Pateo com o intuito de celebrar laços perenes de fraternidade...

Com isso, queremos contestar a acusação feita pelo CONDEPHAAT (1977) e atualizada por Bueno (2004, p. 14), afirmando que “o atual Pátio do Colégio não passa de um simulacro”. Nessa assertiva, a crítica é feita ao lugar como se a réplica do conjunto colégio-igreja do passado provinciano tivesse a pretensão de transformar o lugar em algo que ele não é. Contudo, ao estudar sua historicidade e geograficidade, pudemos reconhecer as metamorfoses inerentes ao lugar, preferido e cobiçado por sua geografia estratégica e seu sentido de lugar, enquanto núcleo da cidade, ao longo dos séculos. Porque mesmo que a cidade tenha crescido exponencialmente à sua volta, o lugar mantém sua identidade, tendo germinado, crescido, perecido e renascido nas mais diversas épocas e distintas funções sociais, econômicas e/ou políticas a ele atribuídas. Assim sendo, impor ao Pateo os predicados de *falso* ou *fabricado* é ignorar seus desdobramentos históricos, seu envolvimento com a fé e a educação, com a política, cultura, economia, arquitetura, urbanização e crescimento da cidade de São Paulo...

Assim, longe de se tornar uma falsificação na paisagem do Triângulo Histórico paulistano, a reprodução da construção jesuíta foi a maneira encontrada pelos habitantes da cidade para manter viva sua memória e identidade... A imagem colonial reproduzida no Pateo do Collegio, portanto, tornou-se um lastro simbólico de um lugar geográfico, cujo sentido ontológico permanece vivo em seus aspectos históricos, culturais, construídos, telúricos. Portanto, tratá-lo como um simulacro é desconsiderar seus sentidos de lugar, e até mesmo desprezar a compreensão de que o Pateo pertence à cidade de São Paulo que, reciprocamente, pertence ao Pateo. Essa complexa relação entre lugar e cidade estabelece uma conexão concreta, ao mesmo tempo afetiva, tornando-se exemplo vivo da essência ontológica do Pateo como um lugar na cidade de São Paulo.

Da nossa particular relação com lugar, construída pela experiência direta a partir de um súbito encanto sentido quando, ao acaso, flanava pelas adjacências do Pateo, ficam vestígios de um sentimento muito parecido com a “experiência do cume” narrada por Besse (2006, p. 5), a respeito das angústias de um poeta ao

alcançar o ponto mais alto da montanha. Isso porque, analogamente, quando chegamos ao Pateo e nos descobrimos no local mais alto do Planalto de Piratininga, a contemplação da vasta paisagem paulistana e a sensação de estar no topo da colina histórica tornaram-se muito mais introspectivas do que contemplativas... Um exercício conduzido pela memória e pela nostalgia, pelos devaneios e pela imaginação..., um jogo entre as contingências do passado que me reconduziram à cidade de São Paulo, e um futuro sonhado, no qual inúmeras oportunidades hipoteticamente se descortinam, criando um mosaico de possibilidades de novas experiências... Nosso encontro com a essência do Pateo do Collegio elevou-se a um exame da própria tomada de consciência, da necessidade de reapropriação do próprio eu... Isso porque a íntima relação do Pateo do Collegio com a cidade de São Paulo ressoa com a minha própria jornada: nascido em São Paulo, fui me reencontrar ontologicamente na geograficidade do Pateo...

Ao desenvolvermos essa jornada geopoética pelo Pateo do Collegio, desde nosso primeiro encontro, passando pelo cortejo, pela sua descrição e lugarização, pela retomada cronológica de seu nascimento, até o lugar voltar a si mesmo no último quartil do século passado, esperamos ter demonstrado o sentido mais intenso da geograficidade, que é a união afetiva com o lugar. Nossas experiências realizadas no lugar, permeadas pelas emoções, sentimentos de bem-estar e felicidade, foram fortalecendo nosso vínculo com o Pateo do Collegio, ao mesmo tempo em que se foi evidenciando o sentido coletivo desse lugar, cuja notória presença pulsa, em mais 460 anos de vida, como o coração da cidade de São Paulo...

Referências

- AB'SABER, A. N. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2007. 208 p.
- AB'SABER, A. N. **São Paulo**: ensaios entreveros. São Paulo: Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004a. 518 p.
- AB'SABER, A. N. Os solos de Piratininga. In: BUENO, E. (Org.) **Os nascimentos de São Paulo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004b. p. 23-52.
- ACRÓPOLE. Edifício-sede do Banco do Estado de São Paulo S. A. **Acrópole**, São Paulo, v. 10, n. 196, p. 195-205, dez. 1947.
- ALVES, H. L. Pátio do colégio: ainda e sempre. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187 p. 63-71, 1975.
- AMARAL, A. B. Onde moravam os capitães-gerais de São Paulo. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 77-81, 1975.
- ANCHIETA, J. **Cartas**: informações, fragmentos históricos e sermões (1554-1594). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933. 562 p.
- ANDRADA E SILVA, R. São Paulo nos tempos coloniais. **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 10, n.21-22, p. 55-88, 1995.
- ANDRADE, M. de. **São Paulo! Comoção de minha vida...** Seleta organizada por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. São Paulo: UNESP, São Paulo, 2012. 176 p.
- ANDRADE, M. de. **Poesia**. Organizado por Dantas Motta. 3 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1976. 94 p.
- ARANTES NETO, A. A. **Paisagens paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas: Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 142 p.
- BAUDELAIRE, C. **The painter of modern life and other essays**. Tradução de Jonathan Mayne. London: Phaidon Press, 1964. 224 p.
- BESSE, J. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de WertherHolzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 111-139.
- BESSE, J. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. 108 p.

BIDOU-ZACHARIASEN, C. (Org.) **De volta a cidade:** dos processos de gentrificação às políticas de revitalização dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. 293 p.

BOLDRINI, V. Inaugurado na Assembleia Marco da Paz. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, v. 123, n. 46, 12 mar. 2013. Seção Poder Legislativo, p.7.

BONFIM, P. Apresentação. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 7, 1975.

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAES, A. (Org.) **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p.19-32.

BOSI, E. Memórias da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n.47, p. 198-211, 2003.

BRASIL. **Lei complementar nº 14, de 8 de junho de 1973.** Estabelece as regiões metropolitanas de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Curitiba, Belém e Fortaleza. Brasília: Senado Federal, 1973. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp14.htm>. Acesso em: 03 mar. 2013.

BRUNO, E. S. **História e tradições da Cidade de São Paulo**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1991, 1541p.

BUENO, E. Os nascimentos de São Paulo. In: BUENO, E. (Org.) **Os nascimentos de São Paulo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 7-21.

BUTTIMER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. Tradução Neide Piran e Antonio Christofolletti. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da geografia**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1985. p. 165-193.

CAMPOS, V. S. Bandeirantes e Jesuítas. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 195-197, 1975.

CARDIM FILHO, C. A. G. Pátio do colégio. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 83-97, 1975.

CARDIM FILHO, C. A. G. O Pátio do colégio. **Revista do Ateneu Paulista de História**, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 33-35, dez. 1965.

CARMONA, R. A política de proteção ao patrimônio histórico no centro de São Paulo depois de 1990. **Fórum Patrimônio**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 135-158, 2007.

CARVALHO, M. C. W. **Ramos de Azevedo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. 408 p.

CASTRO, F. P. de. **O Pátio do colégio:** resumo histórico e projeto de reconstrução: opúsculo de simples divulgação. São Paulo: Reis, Cardoso, Batelho & Cia, 1954. 47 p.

CONDEPHAAT. **O sítio original de São Paulo**: o Pátio do Colégio. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977. Publicação nº 1.

CORDEIRO, J. P. L. A fundação de São Paulo. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. **São Paulo em quatro séculos**. São Paulo: IHGSP, 1953, p. 41-48.

COSGROVE, D. Geography is everywhere: culture and symbolism in human landscape. In: OAKS, T. S.; PRICE, P. L. **The cultural geography reader**. New York: Routledge, 2008. p. 176-185.

COSTA NETO, Y. C. **Bancos oficiais do Brasil**: origem e aspectos de seu desenvolvimento. Brasília: Banco Central do Brasil, 2004. 156 p.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.

DEL LAMA, E. A.; DEHIRA, L. K.; REYS, A. C. Visão geológica dos monumentos da cidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Geociências**, São Paulo, v.39, n. 3, p. 409-420, 2009.

DEL PICCHIA, M. **Melhores poemas**. Seleção Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004, 240p.

DONATO, H. **Pateo do collegio**: coração de São Paulo. São Paulo: Loyola, 2008, 273 p.

DUBOS, R. **Namorando a Terra**. Tradução de Maria Cristina Carnevale. São Paulo: Melhoramentos; Universidade de São Paulo, 1981, 150 p.

FERREIRA, T. L. Fundação de São Paulo. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 9-17, 1975.

FERREIRA, T. L. **Nóbrega e Anchieta em São Paulo de Piratininga**. São Paulo: Casper Libero, 1953a, 98 p.

FERREIRA, T. L. A sociedade paulistana no século XVI. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. **São Paulo em quatro séculos**. São Paulo: IHGSP, 1953b, p. 291-305.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Tradução de António Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980. 275 p.

GEORGE, P. **A ação do homem**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971. 214 p.

GORDINHO, M. C. **Patrimônio da metrópole paulistana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2010, 357 p.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. 222 p.

KEHL, L. A. Simbolismo e doutrina na fundação de São Paulo. In: BUENO, E. (Org.) **Os nascimentos de São Paulo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 85-111.

LEITE, A. O Colégio dos jesuítas. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 73-76, 1975.

LEMONS, C. A. C. Os bicos-de-pena. In: LOPES, C. S. T. **São Paulo de ontem**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.p. 25.

LIMA, S. F. Pátio do colégio, largo do palácio. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 6-7, n. 1, p. 61-82, 1999.

LOMONACO, M. A. O Pátio do colégio: um lugar de muitas memórias. In: BUENO, E. (Org.) **Os nascimentos de São Paulo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 113-143.

LOPES, H. Q. F. São Paulo: 1862-1920. In: LOPES, C. S. T. **São Paulo de ontem**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998, p. 15-23.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. Tradução de Maria Hosana de Sousa e Antonio Christofolletti. In: CHRISTOFOLLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da geografia**. 2. ed.São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1985. p. 103-141.

MANGE, E. R. C. (ed.) **Pátio do colégio**. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1993. 41p.

MARANDOLA JUNIOR, E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.) **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012a. p. 227-248.

MARANDOLA JUNIOR, E. Sobre ontologias. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.) **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012b. p. XIII-XVII.

MATOS, O. N. A cidade de São Paulo no século XIX. **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 10, n. 21-22, p 89-125, 1995.

MELLO, J. B. F. de O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.) **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 33-68.

MELLO, N. R.; MELLO, A. Vida e morte da Igreja do colégio. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 19-39, 1975.

MENEZES, R. **Aconteceu no velho São Paulo...** São Paulo: Saraiva, 1954. 163 p.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. Tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva. 2 ed. São Paulo: Hucitec-Polis, 1998. 392 p.

MONBEIG, P. **O Brasil**. Tradução de Hélio de Souza e Gisela Stock de Souza. 5 ed. São Paulo: DIFEL, 1975. 160p.

MORAES, G. D. **A igreja e o colégio dos jesuítas de São Paulo**. São Paulo: Prefeitura do Município, 1979, 151p.

MORENO, E. (Coord.) **São Paulo: a tale of two cities**. Nairobi, Kenya: United Nations Human Settlements Programme (UN-HABITAT), 2010.152 p.

MORSE, R. **Formação histórica da São Paulo**: de comunidade à metrópole. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. 419p.

MUMFORD, L. **A cidade na história**. v. I. Tradução de Neil R. da Silva. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1965. 408 p.

NARDY FILHO, F. As antigas igrejas de São Paulo. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. **São Paulo em quatro séculos**. São Paulo: IHGSP, 1953. p. 97-116.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, J. G. Pátio do colégio nº 1. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37,v. 187, p. 179-194, 1975.

OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.) **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16.

OLIVEIRA, L. Percepção Ambiental. In: SANTOS, D. G. dos; NUCCI, J. C. (Org.) **Paisagens geográficas**: um tributo a Felisberto Cavalheiro. Campo Mourão: FECILCAM, 2009. p.152-162.

ORTEGA y GASSET, J. **Meditaciones del Quijote**. Madrid: publicaciones de la residencia de estudiantes, 1914. 207p.

PETRONE, P. A cidade de São Paulo no século XX. **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 10, n. 21-22, p. 127-170, 1995.

PREZIA, B. Os indígenas do planalto paulista. In: BUENO, E. (Org.) **Os nascimentos de São Paulo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 53-84.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. Tradução de Eduardo Marandola Junior. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.) **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.p. 17-32.

RELPH, E. **A paisagem urbana moderna**. Tradução de Ana MacDonald de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1990, 248 p.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. Tradução de Herbert Silvio Augusto Pinho. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion Limited, 1976, 156 p.

SALGADO, C. **Pátio do colégio**: história de uma igreja e de uma escola. São Paulo: Gráfica Municipal, 1976, 279 p.

SANTOS FILHO, L. C. Exame de cirurgia no Pátio do colégio. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 173-178, 1975.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP). **Resolução 17 (2007)**. São Paulo: CONPRESP, 2007. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/2ffeb_17_T_Centro_Velho.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2013.

SÃO PAULO (cidade). **Decreto 11.241, de 20 de agosto de 1974**. Abre crédito especial de Cr\$ 1.000.000,00, autorizado pela Lei nº 8.089, de 8 de agosto de 1974, e dá outras providências. São Paulo: Câmara Municipal, 1974. Disponível em: <<http://camaramunicipalsp.qaplaweb.com.br/iah/fulltext/decretos/D11241.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2013.

SÃO PAULO (cidade). **Lei 7.356, de 19 de setembro de 1969**. Aprova plano de urbanização do Pátio do Colégio, no 1º subdistrito Sé, e dá outras providências. São Paulo: Câmara Municipal, 1969. Disponível em: <<http://camaramunicipalsp.qaplaweb.com.br/iah/fulltext/leis/L7356.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2013.

SÃO PAULO (estado). Secretaria do Estado da Cultura. Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico **Resolução SC S/N/71**, de 14 de junho de 1971. São Paulo: CONDEPHAAT, 1971. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/62334_RES.%20SC%20SN%20-%20Solar%20da%20Marquesa%20de%20Santos.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2013.

SÃO PAULO (estado). **Lei 2.658 de 21 de janeiro de 1954**. Dispõe sobre doação de imóveis, nesta Capital, à Companhia de Jesus, e dá outras providências. São Paulo: Palácio do Governo do Estado de São Paulo, 1954. Disponível em <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1954/lei-2658-21.01.1954.html>>. Acesso em: 03 mar. 2013.

SAVELLI, M. A casa da ópera. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 199-204, 1975.

SCARLATO, F. C. Busca do centro: o reencontro com a cidade. In: CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. U. (Org.) **Geografias da cidade**: representação e crise da cidade. São Paulo: contexto, 2004. p. 247- 270.

SCHWARCZ, L. K. M. Entre cientistas, confeitarias, bondes e muita garoa: um passeio pelo centro de São Paulo na virada do século XIX. In: MEYER, R. M. P. (Org.) **Memória técnica do encontro São Paulo Centro XXI: entre história e projeto**. São Paulo: Associação Viva o Centro, 1994. p.46-49.

SUPLICY, E. M. A apaixonante história da maior cidade brasileira. In: TAUNAY, A. E. **História da cidade de São Paulo**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. p. 17-18.

LÉVI-STRAUSS, C. **Saudades de São Paulo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 108 p.

TORRES, T. **Pátio do colégio: uma história ilustrada a bico-de-pena**. São Paulo: Editora Globo, 2004, 112 p.

TAUNAY, A. E. **História da cidade de São Paulo**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. 376 p.

TAUNAY, A. E. **Velho São Paulo: Colégio – Sé – Paço**. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

THOREAU, H. D. **Walden; ou, a vida nos bosques**. Tradução de Astrid Cabral. 7 ed. São Paulo: Ground, 2007, 288 p.

TIRAPELI, P. **São Paulo: artes e etnias**. São Paulo: UNESP, 2007. 441p.

TOLEDO, B. L. **São Paulo: três cidades em um século**. 2 ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983, 180 p.

TUAN, Y. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 4-15, inverno 2011.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005. 375 p.

TUAN, Y. Geografia Humanística. Tradução de Maria Helena Queiroz. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1985. p. 143-164.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1983. 250 p.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980. 288p.

TUAN, Y. Place: an experimental perspective. **The geographical review**, New York, n. 2, v. LXV, p. 151-165, 1975.